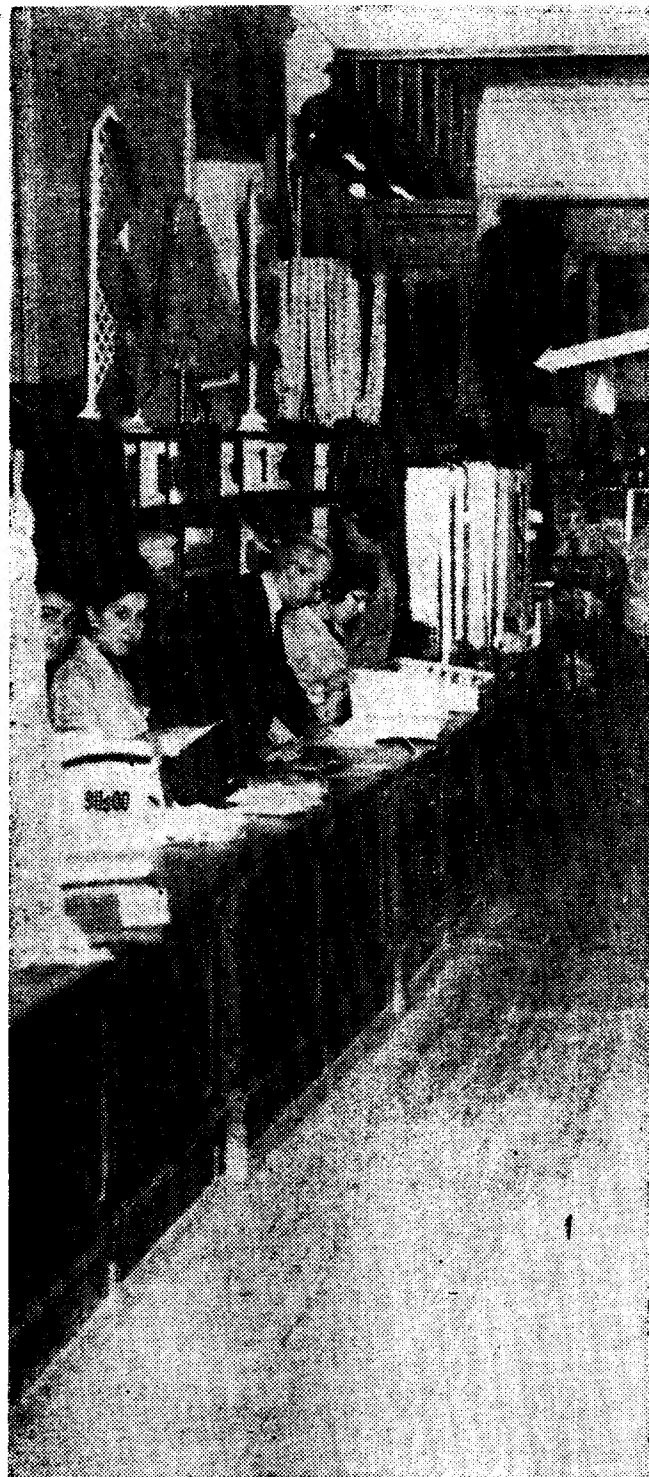


Diário de Lisboa

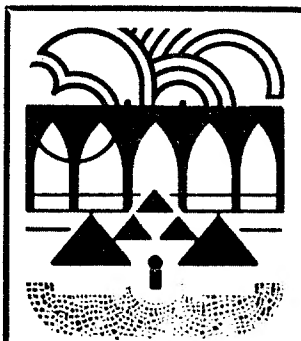
FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 26 DE DEZEMBRO DE 1969 N.º 16 888 ANO 49.º PREÇO 1\$50



«ÁLBUM DE LISBOA» AINDA NÃO É TARDE PARA CONCORRER

EMBORA estejam já publicadas metade do número total de gravuras — são 30, como se sabe, as que compõem o «Album de Lisboa» — quem quiser, pode ainda participar na nossa iniciativa e habilitar-se a óptimos prémios. Na realidade, os nossos serviços da Rua Castilho, 185-1.º, em Lisboa, estão em condições de poder atender rapidamente pedidos de álbuns e de jornais atrasados que, por se terem esgotado, obrigaram a novas tiragens. Mas, agora, podem atender-se todas as solicitações de qualquer ponto do país.

(Continua na página seguinte)



PUBLICAMOS
NA 2.ª PAGINA
A GRAVURA N.º

16

DO NOSSO CONCURSO



O Alto do Largo é pequeno mundo pitoresco, «avô do Bairro Alto», sereno, resignado. Por lá, as roupas estendem-se duma casa para outra — como se não pertencessem também a dono certo. (Reportagem na 2.ª página)

Natal “pop” na Palestina

BELÉM, 26 — (A. N. I., F. P. e R.) — O local onde Cristo nasceu rendeu-se ao inevitável e celebrou o seu primeiro Natal «pop». Em Belém onde, como em Nazaré, o tempo estava ameno, um grupo de jovens turistas norte-americanos passou a noite a cantar ao ar livre canções israelitas, em hebreu, de permissão com melodias «pop» e árias da comédia musical «Hair».

DEPOIS DA «TEMPESTADE» A BONANÇA

Passada a euforia das compras de Natal, o comércio lisboeta oferecia, hoje, de manhã, este aspecto calmo... O «cidadão comprador», que despendeu a gratificação (se a teve...) nas múltiplas «tentativas» exibidas nas montras dos estabelecimentos, faz agora, com cuidado o seu balanço, ou não estivéssemos quase no fim do ano! De um modo geral, segundo apurámos num breve inquérito, vendeu-se mais este Natal. (Ler na página central)



ALGURES NO VIETNAM DO SUL, um funcionário da Cruz Vermelha vestido de «Pai Natal» dirige-se para uma zona onde estão estacionados soldados norte-americanos

Os soldados israelitas que guardavam a cidade, e que de manhã pareciam nervosos e tensos, juntaram-se pouco antes da meia-noite aos outros jovens nos bares e nos cafés, e embora conservassem as armas em bandoleira, tinham perdido o seu aspecto ameaçador e pareciam ter esquecido a ameaça

dos guerrilheiros árabes do que as celebrações do Natal em Belém poderiam não ser poupadas aos seus ataques.

MISSA DO GALO EM HANOÍ

Um pouco por toda a parte, quer nos países que

(Continua na última página)

PARLAMENTO ELEITO E MOEDA EUROPEIA ANTES DE 1980 — PREVÊ JEAN REY

PARIS, 26 — (F. P.) — «Antes de 1980, a Europa terá a sua moeda e o seu Parlamento eleito», declarou o presidente da Comissão Europeia, Jean Rey, numa entrevista concedida ao jornal «Le Figaro». Jean Rey congratula-se com as recentes decisões da Comunidade (novas candidaturas, «Europa Verde», etc.). E acrescenta: «A Comunidade já não é um

conjunto a edificar mas a governar».

Referindo-se depois ao «alargamento», Jean Rey prevê que as negociações com os outros candidatos serão «difíceis», havendo, porém, «sérias razões para que tenham êxito». Em sua opinião, assiste-se agora à «passagem da era dos Estados soberanos e hostis ao continente unido, e reconciliado».

HOJE 32 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

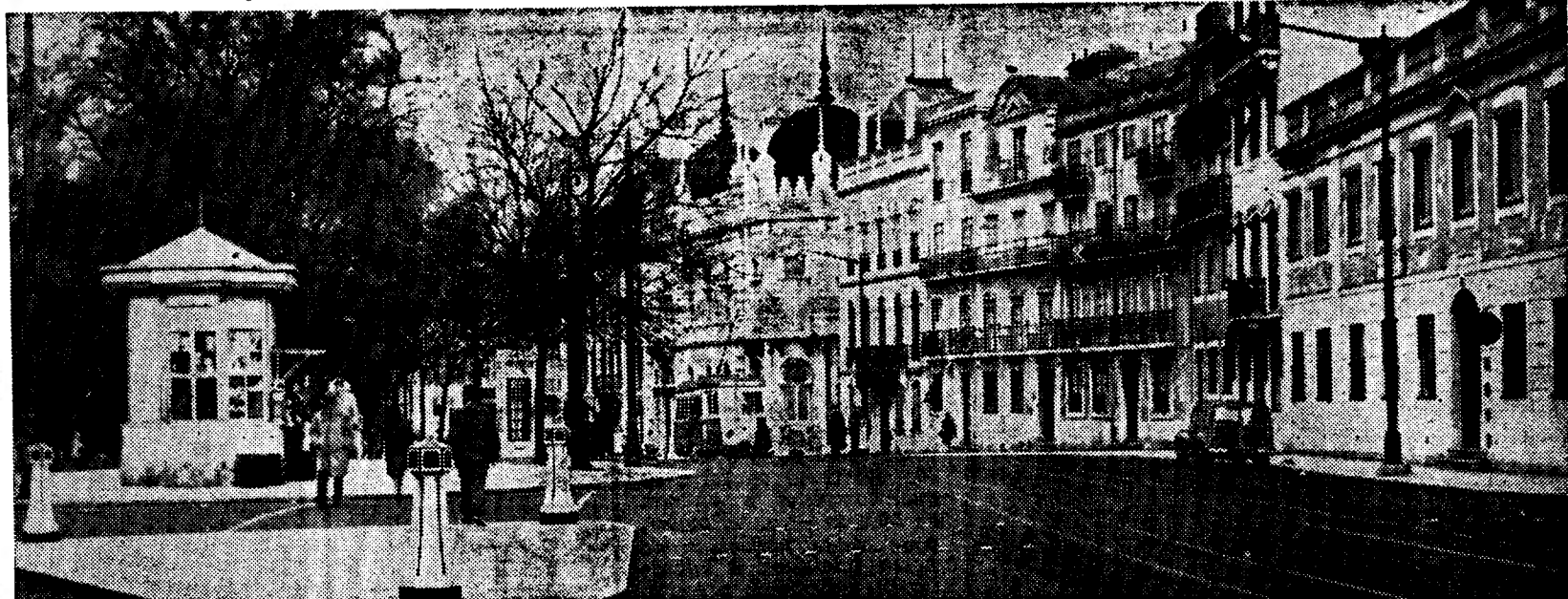
Edição da noite

«ÁLBUM DE LISBOA»

O ALTO DO LONGO: Alfama junto ao Rio de Janeiro

EM LISBOA, o beco, o pátio, a água-furtada, possuem um pitoresco que vive apenas a certas horas da paisagem humana, como o estendal da roupa e as janelinhas de correr... É um pitoresco que parece ser de aguarela, alheio, quase, ao ar livre, ao beijo do Sol, ao afago do luar. Tudo nesse pitoresco é intimidade. Com a sua expressão ingénuo, o Alto do Longo não foge à regra. É um pequeno «sítio» que abre à esquerda da Rua de «O Século», já a tocar a Patriarcal (Praça Rio de Janeiro), dando saída pela Travessa do Conde de Soure. Há ainda quem considere o Alto do Longo exemplo elucidativo da Lisboa do século XVIII. Norberto de Araújo chamou-lhe: «presépio de humildade e pobreza». De facto, o Alto do Longo não tem o aspecto desagradável de alguns sítios onde confundem o pitoresco com a imundície e o ar de pardieiro. Quem um dia definiu o Alto do Longo como «uma Alfama em miniatura» foi feliz na comparação. Por ali existem curvas travessas de dois metros de comprimento, pátiosinhos risinhos, casinhas de uma pequenez que conforça, e tudo envolvido num ambiente pitoresco sem manchas desagradáveis.

Janelas quase rentes ao chão, beirais sem flor à beira de um braço, dois pátios de presépio pobre de cantolinas — eis o Alto do Longo como o viu Norberto de Araújo. «Nas monadilas mais altas, de um arremedo de gelosias, espreitam arbustos tristes. Não chega isto a ser um sítio e, em rigor, não se pode dizer que seja um pátio. O Alto do Longo devia ter sido, com seus chumbrins e seu arruado de almas doloridas, um brinco para cenários excêntricos, na época que precedeu a regularização do comércio



A Praça Rio de Janeiro, que foi «Patriarcal Queimada» e muitos conhecem ainda por Príncipe Real, conserva um dos últimos quiosques de Lisboa

que veio a ser o da Patriarcal-Queimada. É o avô do sítio. Não faz parte integrante do Bairro Alto nem pretende entrar na história dos Molinhos de Vento. Mas é muito velho. Na Alfama seria uma trivialidade. Aqui, uma curiosidade embocada que não deve ter muitos anos para viver».

O prédio da entrada do Alto do Longo, sobre a escadaria do Conde de Soure, é do começo de oitocentos. Mas as casas pequeninas do sítio são muito mais antigas, do tempo em que ali existiu uma fábrica de foguetes. Sabe-se que, então, a polícia rondava o sítio e a imundície era tanta que a Câmara pensou em regar tudo com petróleo.

Mas porque se chama Alto do Longo? Há quem diga que um quarto avô de Alexandre Herculano, homem de grande estatura,

alcunhado «O Longo» deu nome ao sítio. Mas também se contraria esta versão. Com efeito, o povo nunca chamou «longo» a uma pessoa alta, mas sim «comprido». A verdade é que existiu por ali, na então Rua Formosa (hoje Rua de «O Século»), um homem de apelido «Longo», o que poderia, talvez, explicar a designação — se a passagem do homem pela vida não fosse tão recuada: provou-se ter existido na segunda metade do século XVII e morreu em 1669. O Alto do Longo é, no entanto, anterior ao Terramoto. Devia ter começado por ser na «Cotovia» um pequeno sítio pobre junto duma zona aristocrática. São estas sobreposições de urbanismo, estes vincos curiosos na fisionomia dos bairros que constituem o encanto de Lisboa.

Da Patriarcal ao Rio de Janeiro

Saindo do Alto do Longo, chega-se rapidamente a uma das praças mais bonitas e mais caracteristicamente lisboetas: a Praça do Rio de Janeiro. Muitas têm sido as designações do largo terreno que foram, respectivamente e pela ordem de idades: «Chão da Ferrão», no século XVI; a mais antiga que se lhe conhece; «Alto da Cotovia», denominação que perdurou, mesmo através de outros distícos municipais e populares; sítio das «Casas do Conde de Tarouca», cerca de 1755; «Patriarcal Queimada», depois de 1789; sítio das Obras do Erário Novo, de 1810 a 1815; «Praça do Príncipe Real (o que viria a ser D. Pedro V), em 1855 e, finalmente, Praça do Rio de Janeiro, depois de 1911.

Rigorosamente, a praça é das mais modernas da capital pois no seu aspecto urbano mantém, praticamente, a mesma configuração desde 1879. Respira, porém, um ar sadio e é lugar preferido de reformados, que se sentam à

sombra do velho cedro e centro de brincadeiras de crianças. «Jardim de estar» de nostálgicos e desocupados.

Um pouco antes de 1755, neste «Alto da Cotovia» sobranceiro sobre o Salitre — mais largo para o norte do que é hoje depois de urbanizado, existia apenas o Palácio dos Penálgas, à esquerda das actuais Escadinhas da Mãe de Água e ao fundo do Arco do Evaristo. No centro da actual Praça mandou o Conde de Tarouca construir um Palácio e ao local, por isso, chamou o povo, durante algum tempo «Casas do Conde de Tarouca». O Terramoto abalou inteiramente o edifício «resignando-se o fidalgo ao infelício e compondo versos sobre os destroços».

Como a Patriarcal, que estava assente no Palácio Real do Paço da Ribeira tivesse ardido no dia do horroroso cataclismo, deliberou-se, após hesitações, transferir a Basílica para o que ficara do Palácio Tarouca, na «Cotovia». A benção foi dada a 26 de Junho de 1756, e logo nesse ano se realizou uma procissão, depois repetida, que deu nome à Rua da Procissão (que, mais tarde viria a chamar-se Cecílio de Sousa). E a Igreja foi-se construindo no edifício adaptado. Era imponente: três naves, largo cruzeiro, quinze capelas, um zimbório octavado e anexos es-

plêndidos. Treze anos assim se conservou. A Patriarcal foi, por fim, devastada por um terrível incêndio, em 10 de Maio de 1769, obra criminosa de um empregado da Igreja, «que pelo fogo quisera ocultar seus sacrilégios roubos». Foi justicada, depois de lhe cortarem as mãos, «no próprio local onde os escombros fumegavam ainda». E ali está a origem da designação de «Patriarcal Queimada». A sede patriarcal passou então uns dias para S. Roque, depois para S. Bento e, finalmente, instalou-se em S. Vicente de Fora.

As ruínas e os montes de pedregulhos ficaram por ali dezenas de anos. Em 1807, houve quem pensasse levantar no sítio o novo Erário Régio, a casa do Tesouro (pois ardiera a do Rossio), mas o projecto, que era do Visconde de Villa Nova de Cerveira, não prosseguiu, «embora se chegasse a começar a obra e nela se gastassem alguns milhões de cruzados».

Em 1841, ainda o sítio continuava a ser «vasadouro público e albergue de patifes». Só em 1856 se começou a terraplanar o local que, pouco depois, recebeu iluminação. Já chamada «Praça do Príncipe Real», em 1859, começou, então, a estudar-se o seu aformoseamento, com a construção de um lago, por acordo entre a Câmara Municipal e a Compa-

nhia das Águas. Os restos da «Patriarcal Queimada» foram, então, destruídos a tiros de pólvora.

Em 1864, regularizou-se a disposição da Praça, tornando-a quadrada e eliminando algumas edificações que, entretanto, se tinham erguido. Tudo ficou concluído em 1863. Construiu-se, a seguir, a muralha sobre a Rua da Procissão (Cecílio de Sousa) e plantou-se o jardim que tomou logo ar convidativo.

O «Príncipe Real» começou a existir como «pequeno parque e logradouro, com a sua ingenuidade, o seu repuxo e a sua memória esquecidas de anteriores desgraças».

No jardim ergueu-se muito mais tarde, em 1924, um monumento à memória de França Borges, jornalista fundador de «O Mundo», pai do actual presidente do município, general França Borges. O monumento foi assinado por Maximiano Alves.

A Praça, no seu aspecto actual, possui algumas edificações imponentes, de que se salienta o «palácio dos torneios» (onde esteve instalada a última embaixada da Rússia em Lisboa). Em redor da praça, prédios do século passado, burgueses, confortáveis, de «lamedade» do século XIX. Embora sem nada de notável no aspecto arquitectónico, formam um conjunto arejado — com o seu quê de romântico.

AINDA NÃO É TARDE PARA CONCORRER

(Continuação da pág. anterior)

isto se os agentes e revendedores do «Diário de Lisboa» não tiverem recebido já novas remessas.

Contam-se por milhares os participantes no «Album de Lisboa», o concurso que rapidamente conquistou grande popularidade por proporcionar um autêntico «encontro» da cidade, através das suas

expressões históricas, pitorescas e tradicionais, com os muitos leitores do nosso Jornal: os que a conhecem mas não tiveram na memória quadros e pormenores que criaram raízes na vida de Lisboa e outros que vão descobrindo a cidade através das perguntas e respostas. Tem, pois, também, valor turístico esta iniciativa do

nosso Jornal, para além de habilitar os concorrentes a óptimos prémios.

Não há portanto, que hesitar: dificuldades na obtenção de álbuns ou jornais atrasados serão vencidas pelos nossos serviços da Rua Castilho, 185-1.º, em Lisboa que atenderão prontamente todas as solicitações que nesse sentido lhe sejam feitas directamente.

OS «STANDS» GAZCIDLA DE LISBOA

Os «stands» da Cidla, integrados na campanha «Gazcidla no seu bairro», e as zonas que servem:

- | | |
|----------------|--|
| ALCANTARA | — Largo do Calvário, 12-C |
| ALECRIM | — Rua do Alecrim, 77 |
| ALFAMA | — Rua de S. Miguel, 5 |
| ALVALADE | — Rua José Duro, 27-C |
| ARROIOS | — Lg.º Mendonça e Costa, 9-C |
| AVENIDAS NOVAS | — Av. Miguel Bombarda, 56-A |
| BAIRRO ALTO | — Rua da Atalaia, 131 |
| BENFICA | — Rua Emilia das Neves, 4-B |
| BOA HORA | — Trav. da Boa Hora, 30-D-E |
| CAMPO DE OURA | — Rua Infância, 16-57-A |
| RIQUE | |
| CAMPOLIDE | — Rua de Campolide, 94-C |
| GRACA | — Largo da Graça, 63-D |
| LUMIAR | — Pr.º Alexandre Ferreira, 32 |
| MADRAGOA | — Rua da Esperança, 134 |
| OLIVAIS | — Rua Cidade de João Belo, lote 86-Lj. B |
| REGO | — Rua da Beneficência, 61 (a inaugurar brevemente) |
| 24 DE JULHO | — Avenida 24 de Julho, 94-A |

Em todos estes «stands» encontrará pessoal especializado para prestar assistência técnica, exposição permanente dos mais modernos modelos de material de queima e pronto fornecimento de gás — com rapidez, eficiência e simpatia.

A CHINA INTENSIFICA OS PREPARATIVOS DE DEFESA

«Preparamo-nos com vista a uma guerra e a calamidades naturais e façamos tudo no interesse do povo» tal é a palavra de ordem mais frequentemente repetida na China Popular, por este fim de ano. Esta citação do presidente Mao tem vindo a substituir, há me-

ses, alterando as prioridades, o antigo mandamento do chefe do Partido: «Fazer a revolução e promover a produção, melhorar o nosso trabalho e prepararmos-nos activamente com vista a uma guerra». A mudança de fórmula, como sempre acontece na China, marca o lançamento de uma nova campanha.

Os índices de uma aceleração do esforço de defesa nacional multiplicaram-se desde que as negociações fronteiriças de Pequim pareceram entrar num bico sem saída. Muito significativo a este respeito é o artigo doutrinar sobre o papel da milícia, publicado no jornal do Exército e reproduzido pela agência «Nova China», no dia 24 de Novembro. Intitula-se ele: «Reforcemos a edificação da milícia levantando bem alto a bandeira vermelha do pensamento do presidente Mao sobre a guerra popular».

Criticando as teorias do antigo ministro da Defesa, marechal Peng Teh-Huai e do antigo chefe de Estado-Maior, Luo Jui-Ching, o jornal lembra que o presidente Mao insiste desde sempre em que as massas sejam armadas e a milícia seja incrementada. Desde que as ligas militares burguesas foram derrubadas, a milícia chinesa não cessa de se desenvolver e de se consolidar», afirma a «Nova China». O principal artífice dessa política é o vice-presidente do Partido e ministro da Defesa marechal Lin Biao.

Teórico e prático da guerra popular, o sucessor designado do chefe do Partido declarou nomeadamente a estes respeito: «O trabalho da milícia popular... é um componente de primeira ordem do problema estratégico. É igualmente a aplicação correcta da linha de massa do Partido sobre o plano da guerra... A combinação da edificação de um exército revolucionário moderno com a criação das divisões da milícia popular constitui uma aplicação concreta do princípio «aminhar sobre as duas pernas na organização da defesa nacional».

A milícia indispensável

Os chineses têm à sua frente a U. R. S. S., dotada

de um impressionante arsenal nuclear: «O sistema da milícia já terá passado à história?», pergunta a «Nova China». «Decerto que não. O progresso das armas contemporâneas pode influenciar a guerra em certa medida, mas... quanto mais vasta e complexa é a guerra, mais necessário se torna levar as massas populares a desempenharem o seu papel e armar o povo. Hoje a importância estratégica da milícia popular não está em decadência, mas em fase ascendente».

Qual é o seu papel ao lado do Exército regular? Segundo o jornal do Exér-

a ameaça exterior que continua a pesar sobre a China, a abundante colheita deste ano não deve levar a um menosprezo das ordens de economia dos cereais... Em tempo normal, devemos pensar no tempo de guerra».

A política de descentralização e de fragmentação das decisões, que atribuem crescentes poderes às províncias, comunas e aldeias, têm igualmente objectivos económicos e estratégicos. As pequenas indústrias colocadas sob a responsabilidade das aldeias e das comunas podem funcionar, mesmo que o aparelho do Estado se encontre, em par-

mente instaladas fábricas no campo.

Um jornal de Hong-Kong, o «Express», garante, no dia 24 de Novembro que uma espécie de cidade subterrânea tinha sido construída em Pequim, para servir de abrigo antiatómico e permitir os transportes militares, mas a fonte desta informação é duvidosa. Resta acrescentar que foram decididas, nestes últimos tempos certas restrições aos movimentos dos estrangeiros na capital que não são habituais e que poderão eventualmente justificar-se pelo desejo de ocultar determinados preparativos de guerra.

Mesmo em Cantão, e ainda que a capital meridional fique muito afastada das fronteiras soviéticas, já têm circulado, por diversas vezes, rumores sobre a construção de abrigos anti-aéreos. A mobilização geral de todos os habitantes teria permitido que se escavasse toda uma rede de canais, os quais desembocariam nos campos dos arredores da cidade, permitindo assim a sua evacuação.

Não teve confirmação a notícia que correu em Nova Dehli sobre uma mudança das instalações nucleares do Siquão para o Tibete. Em compensação, foi, segundo parece, sistematicamente empreendido um reforço do potencial militar das regiões fronteiriças. Além disso, o afluxo de jovens oriundos das cidades assume no Siquão aspectos para-militares.

Podemos notar ainda um certo agravamento da tensão psicológica. A população foi convidada a vigiar todos os actos de espionagem, o que valeu, ao encarregado de negócios britânico ter passado um mau bocado, no meio de uma multidão hostil. O slogan

(Continua na página seguinte)

Por JEAN BOUC

Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»

cito, trata-se de impedir as agitações contra-revolucionárias nas bases. Na actual situação, isso poderia servir para controlar as minorias nacionais, cujas tendências centrífugas a U. R. S. S. encoraja. Os milicianos, que são em numero superior a dois milhões, permitem o domínio comunista em cada aldeia. Graças a eles, o «pequeno» Exército chinês, com os seus dois ou três milhões de homens, pode evoluir com mais maleabilidade, estando seguro da sua retaguarda.

Há já vários anos que se estão armazenando cereais nas comunas, aldeias e lares. Esta medida foi justificada a princípio pelas ameaças de calamidades naturais como as que tinham feito faltar, em parte, o «Salto em frente». Mas este ano essa política tornou-se parte do programa de defesa nacional. A revista «Bandeira Vermelha» afirma-o, no seu número de Dezembro: «Dada

te, paralisado. Um invasor teria de se apoderar sucessivamente de cada região ou província constituídas noutras tantas unidades autónomas. Estas continuariam a funcionar enquanto não fossem invadidas e apoiariam activamente a frente».

Poupar as grandes cidades

Parece finalmente que os dirigentes chineses prepararam a evacuação ou a protecção de certas grandes cidades, mas as informações que circulam a este propósito devem ser acolhidas com precaução. Pequim ficou certamente impressionada com o exodo maciço da população de Hanói por altura dos bombardeamentos da aviação americana. Em todo o caso, no dia 2 de Dezembro, o jornal britânico «Guardian» escrevia que as pessoas idosas tinham saído das grandes cidades da China e que tinham sido nova-

Nota do dia

PARA APANHAR O COMBOIO

POR UM DIA INTEIRO a vida parou. Parou pelo menos na sua expressão habitual, nos carimbos da repartição quotidiana, parou até a guerra no Vietnam. Pode parar tudo, mas o pensamento, esse não pára, estimulado porventura pela inacção, quando o homem, desligado do mundo que o rodeia, mais se refugia em si mesmo na ansiada busca de soluções para o insolúvel. E aí se recai no quotidiano, na contemplação íntima do dia-a-dia que se reflecte em nós próprios porque ninguém escapa a sofrer-lhe o reflexo, nem com a capa do mais espesso egoísmo.

Os últimos dias do ano vão dar para fazer balanços, na loja, na contabilidade pública, na escola, na família, na vida do País, na consciência de cada um de nós. Como vai a nossa vida? Que fizemos? Que gostaríamos de ter feito e não fizemos? Que deveríamos ter feito e não conseguimos? O que é que se apura a sério do esforço que demos para a obra comum? De alto a baixo na vida este é o sumário de interregações a que ninguém pode esquivar-se desde que queira ter o seu lugar e se sinta devedor de uma contribuição na obra que é de todos para por todos se repartir.

O País vive uma hora em que estas meditações não se podem esconder. Cada vez mais o problema de cada um é o problema de todos, cada vez mais o problema de todos apontará a solução para o problema de cada um. Não mais é possível, se quisermos andar para a frente e ganhar o nosso lugar na vida, não mais é possível alcançar encolher os ombros e desabafar que «isso é com o Governo». O trabalho não se faz no «Diário do Governo», mas onde cada um tiver o seu lugar de acção, que não é assinar o livro de ponto da vida, mas ser capaz de dar conta do recado, descobrir alegremente a coragem que pode levar até ao fim o que se tinha pensado.

Já toda a gente sabe que vamos atrasados na corrida que se corre no mundo do nosso tempo. Como carregar no acelerador? Primeiro teremos de acertar o nosso relógio pela hora europeia, que não é ainda a hora mundial mas terá de ser a nossa, se quisermos ter o nosso lugar no carro onde se transportam as aspirações mínimas da gente do nosso tempo. Mas para isso teremos, primeiro, de reconhecer e confessar o nosso atraso e não esconder as razões dele. Depois, entender que não há variáveis de condão que façam soltar o remédio de que precisamos. O remédio há-de estar em nós próprios, se nos dermos à obra que se mostra precisa.

Mas que obra é essa? Como é que ela se escolhe e como é que nos comprometemos nela? Comprometer é a palavra justa, por nos parecer que de um verdadeiro compromisso se trata. Todos nós sabemos ou sentimos que é preciso fazer alguma coisa, alguma coisa que tenha o sentido de apANHAR o comboio em que devemos tomar lugar, mas a definição dessa alguma coisa, isso é de iniciativa dos órgãos constituídos da Administração. Que vamos fazer em dois, em três, em seis, em dez, em vinte anos? Do que é que precisamos e o que é que está ao nosso alcance? Como? Para quê? Com que meios? Com que força?

Isso é o plano, afinal. Pois é. Mas não pode ser um plano imposto, antes proposto. Por isso lhe chamamos compromisso. Tem de se discutir livremente, publicamente, a todos os níveis, têm de o discutir ou poder discutir todos os que somos efectivamente interessados, de modo que se entenda e se sinta que a obra é de todos, para que em consciência todos lhe possam conferir a sua medida possível de esforço. Sem isso, sem essa adesão voluntária e decidida, a obra arrasta-se, em vez de andar, crescer, prosperar. Para isso, o Governo tem de ser simultaneamente prudente e ousado. Se o País não pode andar sem Governo, o Governo não pode andar sem o País.

RECTÂNGULOS DA VIDA

NOVOS PROBLEMAS

E fomos à Lua (há quem tenha ido), fomos nós todos, dizem, —o Homem—, mas ei-nos de volta com as mãos vazias e os olhos tristes. A pedrinha lá está, nos Restauradores, para quem queira vê-la e convencer-se, como São Tomé, de que nem tudo o que luz é ouro e de que o famoso luar são misérrimas sobras de sol.

Fomos pois à Lua e gastámos — nós, o Homem —, dinheiro com que matariamos muitas fomes e curaríamos muitos males. E fomos lá em primeiro lugar porque a casa está cada vez mais cheia, depois porque temos a mania de andar de nariz no ar e todas as noites dávamos de caras com aquela magnífica Lua a pingar ouro em pó. Afinal a pedrinha lá está à disposição de todos os poetas líricos e de todos os viajantes-sonhadores. A Lua foi pois um desconsolo ressequido, embora com piquinhos brilhantes, de mica.

Então os tesouros que estão nos oceanos. Descobrimos terras e terras de além-mar, mas nunca nos demos ao trabalho de descobrir mares. Vasco da Gama, Magalhães, Colombo, sim senhores, mas trabalharam sempre à superfície, lam na mira de terras, fossem elas ilhas ou continentes.

O dr. William A. Nierenberg, director do Instituto Scripps de Oceanogra-

Por
MARIA
JUDITE
DE
CARVALHO



fia, da Universidade da Califórnia, prevê para os próximos vinte anos coisas na verdade espantosas como vastas ilhas artificiais (onde haverá aeroportos de 1600 metros, bases de investigação, fábricas, mesmo hotéis), laboratórios submarinos, etc. O dr. Nierenberg diz que esta nova colonização criará decerto novos problemas à humanidade, porque, pois claro, o petróleo... É que parece que há mesmo muito petróleo nos fundos submarinos, e o próprio Instituto Schippa já o encontrou no golfo do México, para além da plataforma continental. Petróleo de quem? Até agora os oceanos não tiveram donos, e não ser a uma distância relativamente pequena das nações. Mas agora, com petróleo? E outros minerais, claro. De quem serão eles? Ora aqui está um problema que pode levar-nos muito mais longe do que o fizeram estas afinal de contas áridas viagens à Lua. De quem é o petróleo que os navegadores descobrirão nos próximos vinte anos? Mas claro que das nações com possibilidades de o irem buscar.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

decida Hoje o Amanhã do seu filho

Ajude o futuro
que o seu filho escolher
Ofereça-lhe um TÍTULO DE OCUPAÇÃO
O adquirir-lhe hoje
um Título no valor de 40 000\$00
equivale a dar-lhe 102 713\$00
quando tiver crescido
mais dez anos
O Título pode ser pagável
em 36 prestações
de 1.111\$10
que rendem imediatamente 8%



TORRALTA

UM LUGAR PARA SI

UMA SOCIEDADE PARA TODOS

Av. Duque de Loulé, 66 A LISBOA

Telefs. 51749 555681 54479 42139

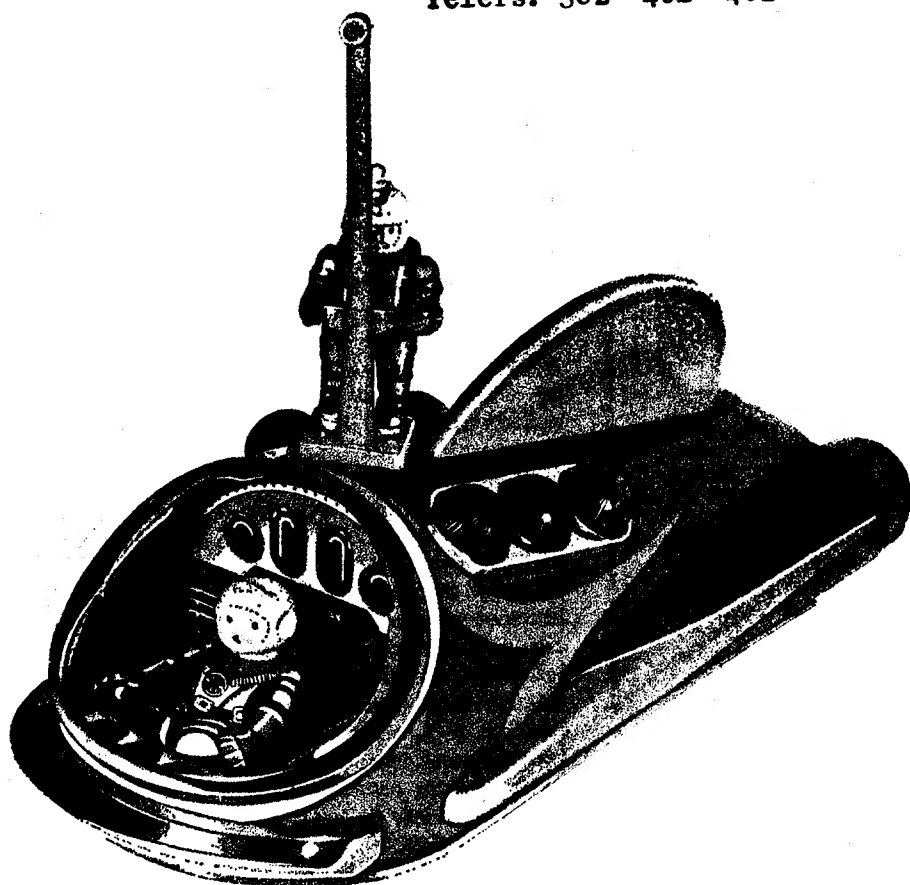
PRAIA DE ALVOR - PORTIMÃO

Telefs. 3128 3211

3212 3251 3253

LAGOS - HOTEL GOLFINHO - PRAIA D. ANA

Telefs. 302 481 482



ora diga-nos...

— Festeja a passagem do ano fora de casa?

Dança-se, formulam-se anseios de felicidade (ano novo, vida nova), há brindes, etc., etc. Em casa ou fora?

• Dezasseis anos lindos, a estudante Maria Teresa Ribeiro ficará em casa.

— Sim, mesmo em casa. Os pais são do Norte e é tradição, também nessa noite, «consoar» em casa. A família reúne-se em festa.

— Dança-se...

— Sim, dança-se, há alegria, confraternização. Amor.

— Feliz Ano Novo!

— Obrigada. Também é para si.



linda, também deverá ficar em casa.

— Realmente, talvez não vá a lado nenhum. Parece que só uma vez é que festejei a passagem de ano fora de casa.

— ...

— Costumamos ficar em casa. Fazemos a festa em família, com alegria e com esperança.

— Pois, feliz Ano Novo.

— Sim, feliz Ano Novo para todos.



• O sr. Joaquim Pedro Correia, servente de tipógrafo, costuma ir ao Algarve, para Lagos. Ali, vai sempre a uma festa, a um baile. Várias agremiações e clubes as organizam.

— Sim, todos os anos. Mas desta vez não. Estamos de luto, a minha sogra faleceu anteontem. Ficamos por cá, em casa.

• Outra jovem, Julia Maria da Silva, também estudante, também



Os preparativos de defesa

(Continuação da pág. anterior)

«não recetar nem as provas nem a morte», muitas vezes repetido, exalta o espírito de sacrifício individual e anuncia a popu-

lação chinesa que deve estar preparada para o pior.

Todas estas medidas indicam que Pequim não espera grande coisa das negociações sino-soviéticas em curso. A guerra é possível: americano ou soviético «o

mapa do mundo nunca mudará de natureza», afirmam os militares no seguimento de Mao Tsé Tung. A construção de abrigos anti-aéreos em Cantão leva a crer que a China acha que é possível ser atacada em várias frentes simultaneamente. A hipótese de um «raid» «preventivo» do Exército soviético não parece, pois, posta de parte. Nisso, as análises de Pequim coincidem com as da Formosa, a quem uma tal intervenção parece muito verosímil.

REVEILLON BALTUM

HOTEL BALTUM—ALBUFEIRA

COM O ACORDEONISTA EDUARDO RIBEIRO
ACOMPANHADO PELO BATERIA
EDUARDO FERNANDES

ALEGRIA • ANIMAÇÃO • SURPRESAS

PREÇOS ESPECIAIS: De 31-12-69 (jantar) a
4-1-70 (almoço), em pensão completa:

1 PESSOA	Esc. 650\$00
2 PESSOAS	Esc. 1.150\$00

(Taxas incluídas)

Cela de fim do ano. Para clientes hospedados será cobrado um suplemento de Esc. 80\$00 por pessoa. Para passante o preço é de Esc. 180\$00 por pessoa com taxas incluídas e espumante. Vinhos extra.

PARA RESERVAS CONSULTE O HOTEL BALTUM
TELEF. 306/7

ROTARY CLUBE

O Rotary Clube de Lisboa leva a efeito no próximo dia 30, no hotel Tivoli, mais um dos seus habituais almoços. Versando o tema da poluição atmosférica, o dr. Thomé George Villar, fará uma conferência intitulada «E' perigoso respirar?»

Inválidos do Comércio

O orçamento suplementar da receita e despesa de Inválidos do Comércio, referente ao ano de 1969, encontra-se patente ao exame dos associados, nos serviços administrativos. Rua Alexandre Ferreira, 48-A, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, até 30 do corrente.

COMUNICADO

Paquete Vera Cruz

AVISAM-SE OS SENHORES PASSAGEIROS DE QUE A SAÍDA DESTA PAQUETE FOI ALTERADA PARA PRINCÍPIO DE JANEIRO DO PRÓXIMO ANO, EM DATA A ANUNCIAR OPORTUNAMENTE.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARA O NATAL
NO CINEMA
ROMA
UM ÊXITO
EM TODO O MUNDO!

«A OBRA É-NOS RESTITUÍDA NAS MELHORES CONDIÇÕES E CONSERVA TODAS AS QUALIDADES DE RISO E DE EMOÇÃO...» (LE FILM FRANÇAIS)

**CHARLIE
CHAPLIN**



escrito, produzido, realizado e interpretado por
CHARLIE CHAPLIN

UM ACONTECIMENTO DE
INVULGAR IMPORTÂNCIA
EM:

2.ª SEMANA

M/6 anos

GALERIA REAL

SÃO PEDRO — SINTRA — Telefones 98-16 61/2/3

RESTAURANTE — CASA DE CHÁ — BAR

Informamos os nossos Ex.ªs Clientes que amanhã, sábado, dia 27, as nossas «salas» se encontram totalmente reservadas a partir das 17 horas para um «lanche de casamento», não nos sendo possível servir os nossos habituais, chás e jantares

«REVEILLON»

MÚSICA PARA DANÇAR :: CEIA :: SURPRESAS

DIA DE ANO NOVO

ALMOÇOS E JANTARES COM EMENTA ESPECIAL

Lembramos a conveniência da reserva de mesas,
A DIRECÇÃO



BOLO-REI

FABRICO «TIQUE-TAQUE»
BRINDE ZIP-ZIP

Pastelaria — Sala de Chá — Snack-Bar

SERVIÇO DE RESTAURANTE

AV. DE ROMA, 29-B — TELEFONES 77 77 23 - 77 03 25

**PRIMEIRAS
EXIBI
ÇÕES**

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «A Louca de Chaillot»

REALIZADOR — Bryan Forbes

INTERPRETES — Katherine Hepburn, Giulietta Masina, Margaret Leighton.

«Mas o mundo não é belo? O mundo não é feliz?» — é esta interrogação espantada

da condessa Amélia, a «louca de Chaillot», ao tornar conhecido o mundo da luta que absorve os homens «do lado de cá», os ajuizados, os magnatas, os generais, enfim, todos aqueles que seriam capazes de deitar abaixo metade de Paris para lhe «chegar» o petróleo do subsolo.

Representada, agora, por alguns dos mais altos «astros» do cinema, a peça de Giraudoux parece ter recebido um tratamento adequado, quer na adaptação do texto à linguagem das câmaras, quer no que respeita à captação por estas da realidade do pequeno mundo de Chaillot. Algumas (bastantes) cenas desta obra de Forbes são dignas de figurar numa antologia tal como as invulgar interpretações dos principais papéis. E depois, todos aqueles nomes a chamarem o público! Para uma bela obra, estreia digna de Dia de Natal. — S. P.

**NOVO
CASINO
ESTORIL**

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 AS 3 HORAS
«SLOT MACHINES»
ACCESO LIVRE
MAIORES DE 18 ANOS



**PATRICIA
HARRISON**

vedeta da canção
e da TV inglesa

SINO

ilusão e fantasia

LIDIA RIBEIRO



DORISS DANCERS

DO «MOULIN ROUGE» DE PARIS

CONJUNTO BOBY CAMPOS com ERIKA HOLM

FILARMÓNICA FRAUDE

FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

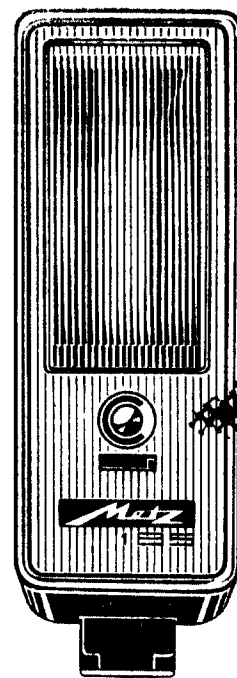
TAMARA KISS

SO NO WONDER BAR

NO CINEMA, ÀS 17 E 21.30 H.

A PERVERSA

(M. 17 anos)



**NOVO
FLASH**
COM OLHO
ELECTRÓNICO



O FLASH AUTOMÁTICO
QUE SE REGULA POR SI

A VENDA NAS CASAS
DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

IMPORTADORES: **PROFOTO, LDA.**
Rua de Santa Justa, 25 LISBOA

**2.ª SEMANA
SENSACIONAL!**
**UM FESTIVAL
DE FRANCA
GARGALHADA!**

A atribulada vida de um advogado
que por não deixar nada ao acaso...
se vê metido em cada caso...

...que por acaso... é um caso sério!

POSA FILMS INTERNACIONAL, S.A.

Apresenta o seu artista exclusivo

MARIO MORENO

CANTINFLAS



**D. Quixote
sem Mancha**

em Eastmancolor

com Angel Garasa

Lupita Ferrer

12 ANOS

DIREGIDO POR MIGUEL M. DELGADO

PRODUZIDO POR JACQUES GELMAN

ELE AQUI ESTÁ
O CAMPEÃO DA JUSTIÇA...
E CAVALEIRO ANDANTE DA
BOA DISPOSIÇÃO!

EDEN

EXIBIÇÃO
TRIUNFAL

EUROPA

VÁ HOJE, ÀS 20,45 ou às 23 HORAS, ao ▶
VER A ENGRAÇADÍSSIMA REVISTA:



SALVADOR e JOSÉ VIANA
nas «Senhoras Vizinhas»

ESPERTEZA SALOIA

O ENORME TRIUNFO DE UM ÓPTIMO ELENCO, COM
SALVADOR • JOSÉ VIANA
• MARIEMA •
BARROSO LOPES • DORA LEAL
A ATRACÇÃO NACIONAL HELENA TAVARES
A ATRACÇÃO FILIPINA «THE MELODIES»
A FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA

• DOMINGO, MAIS UMA GRANDIOSA MATINÉE, AS 16 H.

MARIA VITÓRIA

• UM ESPECTÁCULO DE
GIUSEPPE BASTOS
E VASCO MORGADO

• UM ÉXITO
EM
SENSACIONAL
3.º
MÊS!!!

PRIMEIRAS EXIBI ÇÕES

• NO POLITEAMA

Título: «A Pele de um
Malandro» (Coogan's
Bluff). Realização:
Donald Siegel, 1969
(E.U.A.) Intérpretes:
Clint Eastwood, Lee
J. Cobb, Susan Clark,
Don Stroud, Tisha
Sterling Betty Field,
etc.

«Coogan's Bluff» traz-nos
de regresso Do: ald Siegel no
melhor da sua forma: um
cinema de desenhado e
crueldade, um estilo rigoro-
so e linear, uma pulsação
vigorosa e febril. Ao que se
junta um olhar lucido e ex-
tremamente inteligente e
também uma certa coragem
em enfrentar problemas e
em resolvê-los (ou até em
não os resolver).

«A Pele de um Malandro»
inicia-se por uma sequência
admirável que desde logo,
situa a obra nos seus limites
e intenções: uma enorme
planície, quebrada unicamen-
te por um monte rochoso
onde se esconde um velho
índio. Há, nesta aparência algo
de absurdo e de paradoxal.
Não se trata do início de um
«western» tradicional, mas
sim das primeiras imagens
de um policial negro am-
bientado nos E.U.A. em 1969.
O índio, chefe de uma reser-
va, anda foragido. Quando se
sente perseguido, ergue aos
olhos uma espingarda com
mira telescópica e todo o in-
sólito recrudescer de intensi-

dade. O perseguidor é um
«cow boy» moderno, um
«sheriff» do Arizona que tro-
cou o cavalo pelo «jeep»,
mantendo, porém, dos tem-
pos antigos, os estratagemas.
E é assim que, deixando o
carro ir sozinho por um la-
do, consegue surpreender o
velho chefe índio pelas cos-
tas. Irá trazê-lo de regresso
à reserva, mas antes minis-
trar-lhe-á o tratamento que
julga indispensável: depois
de o obrigá-lo a vestir as rou-
pas marcadas com as letras
da reserva, Coogan atira-lhe-
á uma coronhada ao fi-
gado. Al teremos o velho
chefe de novo mascarado, de
novo domesticado, pronto a
ser readmitido na reserva
que os brancos lhe destinam,
Coogan acenderá ainda um
cigarro que o velho índio im-
plora com os olhos. Mas
Coogan tem os seus proces-
sos e prefere esfregar o cal-
canhar no chão, esmigalha-
do o cigarro, a oferecê-lo.
Coogan, os seus processos e
meios, o seu «estilo», tudo
isto nos fica desenhado des-
de logo, neste pré-générico
de uma unidade dramática
assinável.

Só depois começará real-
mente a acção do filme. Co-
ogan é enviado a Nova York,
onde chega com a silhueta
característica de «cow-boy»
contemporâneo, de fato cin-
gido ao corpo, largo chapéu
de vaqueiro e botas ponte-
agudas. Do encontro de Co-
ogan com Nova York nasce-
rá uma espécie de «A Cida-
de e as Serras» de conclu-
sões contraditórias. Coogan
vem a Nova York buscar um
prisioneiro e vem encontrar
métodos de trabalho diferen-
tes, costumes diferentes, gen-
te diferente. O seu lado ma-
chista é logo posto em causa
no próprio edifício da esqua-
dra aonde se dirige primei-
ramente. Encontra aí Julie,
uma espécie de psicanalista
que se dedica à reabilitação
de jovens «transviados». As-

Continua na 14.ª página

ADMIRÁVEL DIA DE FESTA PARA OS FILHOS

Exc. IMPERIAL FILMES



NUNCA OS PAIS O
ESQUECEM, PELA
FELICIDADE QUE
SENTEM, QUANDO
OS LEVAM A VER
O BELO FILME

MARCELINO PÃO E VINHO

SENSACIONAL
REALIZAÇÃO DE
LADISLAV VAJDA

GRANDE CRIAÇÃO
DO PEQUENO ACTOR
PABLITO CALVO

À SUBLIME AVENTURA DE UM
GAROTO A QUEM O DIVINO JE-
SUS CONCEDE A GRAÇA DE UM
MILAGRE

MAIORES 6 ANOS

2.^A
SEMANA

UMA HISTÓRIA DE HU- HOJE NO
MILDADE E DE FERVOR ODEON
CRISTÃO

O ESPECTÁCULO DOS MOMENTOS FELIZES!

NO TEATRO
TELEF. 32 60 37
HOJE ÀS
20.45 e 23 Horas

VARIEDADES



AIDA BAPTISTA
em «Sra. Esquecida»

MAX, ANITA e ESPADINHA
em «Operários da FNAT na Ópera»

O
ÉXITO
DO
MOMENTO
*
A REVISTA
POPULAR
DE
GRANDE
ESPECTÁCULO

RIA COM
AIDA - C. COELHO - ELOÍSA -
SPINA - MAX - ANITA -
ESPADINHA - M. FRANCO -
e a atracção nacional A. CALVA-
RIO - à frente de grande elenco



ADULTOS

Uma produção de
GIUSEPPE BASTOS
e VASCO MORGADO

Podem assistir à noite, crianças maiores de 6 anos

COLISEU

HOJE
às 21.30 *

(Maiores de 6 anos)

COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

NÚMEROS DE SENSACÃO!
NOVIDADES! ATRACÇÕES!

AMANHÃ E DOMINGO À TARDE

Às 16 horas, entrada gratuita às crianças até 10 anos
À NOITE, às 21.30, maiores de 6 anos — Bilhetes à venda

ABC ENA, JÁ FALA!

O realizador francês Mi-
chel Audiard instalou
uma série de câmaras
num bar de Paris, «Le
Triole» para a rodagem
de uma sequência da pe-
lícula «Ela não bebe, não
fuma, não se droga,
mas... conversa», com a
atriz Annie Girardot no
papel principal.

DISCOS

Estab. MELODIA
LISBOA - R. DO CARMO, 23
PORTO - R. DE S.ª CATARINA, 560
R. DE S.º ANTONIO, 26

VASCO MORGADO apresenta

AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET

o mais moderno e confortável de Lisboa

H O J E

2 SESSÕES

às 21 e às 23 horas

UMA ALEGRE E DIVERTIDA COMÉDIA
QUE SÓ PODE SER VISTA
POR ADULTOS



UMA COMÉDIA
SEXACIONAL!

Jo Apoloni
Fernanda Borsatti
Yola
Georgina Cordeiro
Maria

Artur Semedo
Vasco de Lima Couto
David Silva
Rolando Alves

e a colaboração de
Maria Paula

E ESCULTURAS BELÍZAS FEMININAS
NÚ ALEGRE ESPECTÁCULO
DE GARGALHADAS

CASA DA COMÉDIA

O TEATRO «DOM FANTOCHE»

REPRESENTA GARCIA LORCA

Integrado no I Concurso Nacional de Marionetas, promovido pela Casa da Comédia com o subsídio da Direcção-Geral da Cultura Popular e Espectáculos, da S. E. I. T., o Teatro de «Dom Fantoche», apresenta na sala de espectáculos das Janelas Verdes, amanhã, às 22 horas, a célebre peça de Federico Garcia Lorca, «Amor de Dom Prebimplim» com Belisa no seu Jardim».

A delicadeza da linguagem poética do grande dramaturgo espanhol contemporâneo, alia-se a delicadeza das figuras, marionetas de lã, primorosamente manipuladas, dando, assim, a cada uma delas, uma expressão quase humana através de uma manifestação de arte.

A marcação dos lugares pode ser feita, depois das 18 horas e 30 minutos, ou pelo tel. 677299 ou directamente na sede da Casa da Comédia, Rua de São Francisco Borja, 22.

«O SAPATO MISTERIOSO» NO TEATRO ABC

Por iniciativa da administração da Firma-Lever (Olá), realiza-se amanhã, às 10 e 30, no Teatro ABC, ao Parque Mayer, uma «matinée» infantil, na qual será representada a peça original «O Sapato Misterioso», da autoria de Stélio Gil, com música do maestro Artur Reboredo.

A interpretação está a cargo do Teatro de Ensaio da Firma-Lever, dirigido por Rego da Silva.

Teatro Maria Matos

AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS
(à av. ROMA) TELEF 717017

— Maiores de 17 anos —
HOJE às 21.45 horas

3.º MES

• ÚLTIMOS DIAS

TOMBO NO INFERNO

AMANHÃ às 17 horas
e DOMINGO às 19 horas
A crianças e jovens dos 6 aos 24 anos, 50% de desconto

Contos e fantasias
coreográficas

pelo Grupo de Bailado
de Anna Mescolo

ESPECTÁCULO PARA
MAIORES DE 6 ANOS

CAPITÓLIO

Tel. 32 03 79

Às 21.45 h.

O PECADO DE JOÃO AGONIA

de BERNARDO SANTARENO
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

— ADULTOS —

Amanhã

Tarde a preços reduzidos

VIDA MUSICAL

Regressou da U. R. S. S. o maestro

Filipe de Sousa

Regressou a Lisboa o maestro e compositor Filipe de Sousa, que, a convite do Ministério da Cultura da U. R. S. S., ali dirigiu uma

série de concertos sinfónicos em diversas cidades. O êxito alcançado deu origem a novo convite para o maestro Filipe de Sousa reger numa próxima temporada algumas das principais orquestras da União Soviética.

«PEÇO A PALAVRA» - REVISTA DE ÊXITO

Hoje, no «Variedades» 2 sessões, às 20 e 45 e 23 horas, com o grande espectáculo do momento: a revista «Peço a Palavra!», uma triunfal produção dos empresários Giuseppe Bastos e Vasco Morgado.

Uma extraordinária companhia, que inclui alguns dos

melhores artistas do nosso teatro ligeiro, interpreta a engraçadíssima revista: Aida Baptista, Carlos Coelho, a artista brasileira Eloina, Spina, Max, Anita Guerreiro, Helena Cardinali, Vitor Espadinha, Mariano Franco e o popular cançonetista António Calvário, que é a atracção da revista.

INCENTIVO PARA O PROGRESSO



Participe no esforço de desenvolvimento económico-social do país, aplicando as suas economias na criação de maior riqueza e bem-estar geral.

O BANCO DE FOMENTO proporciona-lhe:

Rendimento de 4,5% ao ano, isento de impostos.

Segurança total.

Colocação eficaz do seu dinheiro.

Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS:

LISBOA

Rua Braamcamp, 5

PORTO

Av. dos Aliados, 58-64



BANCO DE FOMENTO NACIONAL

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

Actualidade internacional

«MINICIMEIRA» ÁRABE EM TRIPOLI

TRIPOLI, 26 — (R.) — O presidente Nasser, do Egipto, e os dirigentes da Líbia e do Sudão iniciam hoje nesta cidade uma segunda série de conversações destinadas a forjar uma frente militar unida contra Israel.

A sua «mini-cimeira árabe» começou a noite passada, após o presidente egípcio e o major-general Jaafar El-Nimeiry, presidente do conselho revolucionário sudanês, chegarem, de avião, de Rabat, via Argélia, onde ambos se avistaram ontem com o presidente argelino Houari Boumedienne.

As conversações em Tripoli com o coronel Muammer Gaddafi, presidente do conselho do comando revolucionário da Líbia, eram consideradas como assumindo nova e vital importância a seguir ao malogro da cimeira árabe de Rabat, esta semana, em adoptar um plano de mobilização geral contra Israel.

Fontes bem informadas de Tripoli afirmaram que

as discussões entre os três Estados seriam as primeiras de uma série de reuniões para estabelecer uma certa espécie de frente unida contra Israel, na falta de mobilização geral árabe.

Não se conheciam detalhes oficiais do que os três dirigentes discutiam em Tripoli, mas no Cairo, o autorizado jornal «Al Ahram» afirmou que estavam a travar conversações acerca da formação de uma comissão conjunta de ministros da Defesa e da Economia.

Tal comissão reunir-se-ia periodicamente em sessão para discutir a coordenação entre os três Estados em vários projectos conjuntos — acrescentou «Al Ahram».

COORDENAÇÃO

CAIRO, 26 — (A. N. I.) — O Egipto, a Líbia e o Sudão vão constituir comissões especiais tripartidas, para coordenar a defesa, a economia e outras formas de cooperação entre os três países — anunciou-se em círculos oficiais do Cairo.

DECLARAÇÕES DE NASSER

ARGEL, 26 — (F. P.) — O presidente Nasser declarou que a quinta cimeira árabe de Rabat «obteve alguns resultados positivos, apesar de algumas divergências» que se manifestaram entre os chefes de Estado árabes. O presidente acrescentou que, «tendo em conta as circunstâncias difíceis que a nação árabe actualmente atravessa, na sua luta contra o colonialismo, e o imperialismo personificados pelos Estados Unidos, decidimos não publicar qualquer declaração susceptível de fazer nascer no seio dos povos da nossa nação esperanças vãs».

ARAFAT EM ARGEL

ARGEL, 26 — (A. N. I.) — «As revoluções nunca foram feitas nas salas das conferências. Temos a nossa estratégia própria, que nunca é elaborada em conferências» — declarou, à chegada a Argel, o dirigente palestino Yasser Arafat.

COMENTARIO ISRAELITA

TEL-AVIV, 26 — (R.) — Os jornais israelitas, comentando o resultado da conferência cimeira árabe de Rabat, dizem que constituiu um golpe no prestígio do presidente Nasser. O jornal de língua inglesa «Jerusalem Post» escreve que o dirigente egípcio foi o principal derrotado na conferência, da qual só saiu vencedor Yasser Arafat, chefe dos guerrilheiros palestinos.

DIFÍCEIS NEGOCIAÇÕES E. U. A. - ESPANHA

MADRID, 26 — (A. N. I.) — O diferendo entre os Estados Unidos e a Espanha sobre as suas bases militares conjuntas, em solo espanhol, vai dar lugar a conversações difíceis, mas é provável que o acordo seja renovado por mais cinco anos. Oficialmente, o último acordo de cinco anos expirou em Setembro de 1968. Entrou em vigor automaticamente um prolongamento de seis meses, adiando-se as negociações para Março de 1969.

Nessa altura, a Espanha

CASAMENTO À MEIA-NOITE

CAIRO, 26 — (R.) — O dirigente líbio Muammer Gaddafi, de 28 anos, casou-se com a filha de um capitão numa cerimónia que se realizou à meia-noite, em Tripoli, e a que assistiram os dirigentes do Egipto e do Sudão, de visita, segundo anunciou nesta capital a agência noticiosa egípcia Médio Oriente.

O presidente Nasser e o major-general Jafar Mohamed El-Nimeiry e outros membros do conselho do comando da revolução, que governa a Líbia e de que o coronel Gaddafi é presidente, encontravam-se entre as pessoas que assistiram à cerimónia. O Mufti da Líbia assistiu, também, ao casamento nocturno.

A mulher do coronel Gaddafi é filha do capitão Nury Khaled — revelou a agência, sem fornecer mais detalhes.

O presidente Nasser e o general El-Nimeiry chegaram ontem a Tripoli, para travar conversações com dirigentes líbios sobre a situação no Médio Oriente.

OS MAIORES ATAQUES AÉREOS ISRAELITAS DESDE 1967

TEL-AVIV, 26 — (F. P.) — As forças aéreas israelitas atacaram, em vagas sucessivas, objectivos militares egípcios no Centro e no Sul do canal de Suez — anunciou ontem a tarde, em Tel-Aviv, um informador israelita.

As posições egípcias, situadas a uma distância de 10 a 15 km, foram bombardeadas e todos os aviões que entraram na acção voltaram às bases.

«Durante os bombardeamentos aéreos de hoje, que duraram mais de oito horas, os nossos aparelhos destruíram baterias de mísseis terra-ar SA-2, que os egípcios tentavam reconstruir», disse o informador israelita, salientando que aquelas baterias foram «definitivamente destruídas».

O informador desmentiu as alegações egípcias segundo as quais quatro aviões israelitas foram destruídos durante os ataques, os quais, notou, foram «os mais importantes desde a «guerra dos seis dias».

Vice-almirante russo morto em serviço

MOSCOVO, 26 — (R.) — Faleceu o vice-almirante Yakov Reznichenko, comandante-chefe adjunto das tropas fronteiriças da União Soviética. O comunicado oficial, publicado hoje, informava que o vice-almirante «faleceu subitamente no cumprimento do seu dever» mas não dizia a data do falecimento nem dava pormenores. No entanto, a frase empregada indica geralmente uma morte por acidente.

O BOLSHOI APRESENTOU MODERNA VERSÃO DO «LAGO DOS CISNES»

MOSCOVO, 26 — (R.) — O Ballet Bolshoi estreou, a noite passada, publicamente, uma nova produção do «Lago dos Cisnes», modernizando um espectáculo que não sofrera basicamente alterações em 60 anos.

O novo espectáculo não se afasta radicalmente da tradição. Contudo, o coreógrafo e produtor Yuri Grigorovich escolheu uma versão mais simples e ocidentalizada.

Deu do príncipe mais oportunidades para dançar e maior relevo ao papel do espírito mau, que transforma as raparigas em cisnes e as mantém sob o seu poder.

Desapareceram os chapéus tradicionais de penas dos cisnes, e a luta entre o trovão e o relâmpago do príncipe e do espírito mau foi substituída por uma distribuição mais simbólica do mal.

As alterações principais

afectam o primeiro acto e o final do «ballet» em três actos de Tchaikovsky.

Não se registaram mudanças radicais na sombria tradição coreográfica, e os 2000 espectadores receberam calorosamente o espectáculo, embora desconfiados.

O papel principal é interpretado por Natalia Bessmertnova, cujo nome significa «imortal», e que é mulher do produtor.

Substituiu a primeira bailarina Maya Plisetskaya, a querida de Moscovo, que se encontra temporariamente afastada devido a uma lesão numa perna.

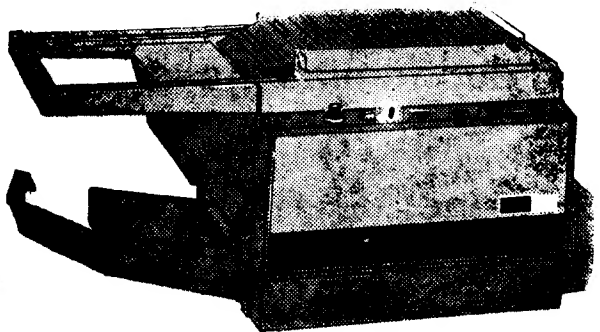
O papel de príncipe é desempenhado por Nikolai Fadeychev, o par habitual de Plisetskaya, e actualmente o primeiro bailarino do «ballet» de Moscovo.

Grigorovich declarou que se sentia descontente com a antiga versão clássica.

APÊCO

SUPER-STAT 1

O FOTOCOPIADOR ELECTRÓNICO MAIS VENDIDO EM PORTUGAL E EM TODO O MUNDO



REPRODUZ — 10 cópias secas instantâneas e exactas por minuto, de quaisquer documentos, escritos, manuscritos, livros, folhas, objectos tridimensionais, etc., em quaisquer cores.

— Cópias em papel de uma face, cartolina, translúcido e matrizes para off-set.

— Cópias a um preço tão económico, que permite a sua fácil amortização.

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO SEM COMPROMISSO AO SEU REPRESENTANTE EXCLUSIVO

REPRESENTAÇÕES JOSÉ PEREIRA, Lda.

RUA DO TELHAL, 6, 1.º, DT.º — LISBOA

Telefs. 36 78 19/06



Hernani Vasconcelos

MISSA DE 7.º DIA

Sua mulher Julia Ferreira Vasconcelos e mais família, participam que amanhã dia 27, pelas 10 e 30 será celebrada missa pelo seu eterno descanso, na Igreja dos Mártires.

Agradecemos desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

ACABA DE SAIR

CONSTITUIÇÃO POLÍTICA E DIPLOMAS COMPLEMENTARES

Pelos Drs. Rui Chancelle de Machete (Professor do Instituto de Estudos Sociais) e Jorge Miranda (Assistente da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e do Instituto de Estudos Sociais)

Um volume de 510 páginas — 90\$00

Edição da LIVRARIA ALMEDINA — COIMBRA

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

BREVEMENTE A VENDA

Tábua de Preparos nos Tribunais de Comarca e Guia Prático dos Recursos Ordinários nos Tribunais de 1.ª Estância

por Rogério A. Clemente
Escrivão de Direito do 1.º Juízo Cível — Lisboa

Edições da LIVRARIA ALMEDINA
COIMBRA

CUBA: Natal em Julho

CIDADE DO MÉXICO, 26 — (A. N. I.) — Cuba celebrará o Natal em Julho — anunciou a agência noticiosa cubana Prensa Latina, explicando que este adiamento de sete meses foi ordenado para não se interromperem os trabalhos da colheita da cana do açúcar, que este ano deve atingir os dez milhões de toneladas.

A época da colheita da cana do açúcar estende-se de Novembro a Julho e — segundo a agência —, na terça-feira passada tinha sido já cortado o primeiro milhão de toneladas, o que significa que a colheita está adiantada 35 dias em relação ao previsto.

«Milhares e milhares de voluntários» estabeleceram-se nos campos das províncias de Havana e Las Villas, aumentando a produção em dez por cento nestas áreas — acrescentou a Prensa Latina.

A TRÉGUA DO VIETCONG TERMINA AMANHÃ

SAIGÃO, 26 — (R.) — Foram mortos, pelo menos, 100 «vietcongs», enquanto que os aliados sofreram baixas ligeiras, durante a trégua do Natal de 24 horas observada pelas forças americanas e sul-vietnamitas, segundo revelou hoje nesta capital o comando militar americano.

Durante a trégua, que terminou às 18 horas locais de ontem, registaram-se 111 incidentes a tiro, provocados pelo inimigo dos quais 58 foram considerados significativos porque causaram baixas disse um informador do comando.

Na trégua correspondente no ano passado ocorreram 133 incidentes, 47 significativos.

As baixas sofridas pelas forças sul-vietnamitas e aliadas foram ligeiras durante o período de trégua deste ano — a 13.ª da guerra.

O comando anunciou que as forças americanas tiveram três feridos, em comparação com dois mortos e 36 feridos no ano passado, enquanto foram mortos 34 guerrilheiros e um aprisionado.

O cessar-fogo do Vietcong e norte-vietnamita de 72 horas, que começou 17 horas antes da trégua aliada, deverá terminar a uma hora local de amanhã.

B-52 realizaram às primeiras horas desta manhã quatro missões de bombardeamento, após uma inatividade de 24 horas durante a trégua. Atingiram posições e

bases do Vietcong no norte da província de Quang Tri, a cerca de 200 quilómetros a noroeste de Da Nang, e na província de Phuoc Long, a 122 quilómetros a nordeste de Saigão.

TRÊS DEZENAS DE MORTOS NUM ESTÁDIO CONGOLES

KINSHASA, 26 — (A.N.I.) — Um três dezenas de pessoas morreram espezinhadas, ao entrarem de tropel para o estádio da cidade de Bukavu, onde ia disputar-se um encontro de futebol a que assistiam os presidentes do Congo, Mobutu e do Burundi, Mischombero.

A Polícia não sabe o número exacto de mortos, julgando que se trate de 27, mas as pastas de carne pisada não permitem a reconstituição completa dos corpos.

O príncipe nasceu no Dia de Natal

HAIA, 26 — (F. P. e R.) — A princesa Margriet, de 26 anos, filha da rainha Juliana, deu ontem à luz um filho.

A princesa e seu marido, Pieter van Vollenhoven, já tinham outro filho, nascido em Abril do ano passado.

Os médicos anunciaram que a princesa foi submetida a uma cesariana, mas tanto ela como a criança encontram-se bem.

É a primeira vez que nasce um príncipe holandês no dia de Natal. E esperado novo nascimento, na corte, em Fevereiro: um filho da princesa Irene, esposa de Carlos Hugo de Bourbon-Parma.

Disco com canções do «hippie» Manson

LOS ANGELES (Califórnia), 26 — (A.N.I.) — Charles Manson, chefe do grupo «hippie» acusado dos assassinatos em caso de Sharon Tate, espera poder financiar a sua defesa com a venda de um disco de canções suas — revela o advogado George Shibley, que afirmou ser amigo de longa data de Manson.

Mao: 76 anos TOM MAIS OPTIMISTA DA MENSAGEM PAPAL

HONG-KONG, 26 — (R.) — Rádio Pequim assinalou hoje o 76.º aniversário natalício do presidente Mao Tsé Tung com programas exaltando a «grande verdade» dos seus pensamentos.

Esses programas diziam como os pensamentos de Mao tinham exercido uma influência poderosa entre soldados e civis chineses e estrangeiros.

CIDADE DO VATICANO, 26 — (R.) — Foi perante mais de 25 000 fiéis reunidos na Praça de São Pedro num dia de Natal excepcionalmente quente e cheio de sol que o Papa Paulo VI proferiu ontem a sua habitual mensagem que foi

transmitida em directo para todo o Mundo.

O Papa leu a mensagem da varanda da basílica de São Pedro depois de ter celebrado naquele templo missa em latim perante cerca de 10 000 pessoas.

A mensagem deste ano revestiu-se de um tom mais optimista do que a do ano passado, abordando uma série de problemas sociais e políticos mas obedeceu ao tema central de que a humanidade não poderá alcançar quaisquer objectivos elevados e cristãos sem fé verdadeira em Cristo, o qual não é redutível aos simples ideais do humanismo laico.

Durante a missa celebrada na basílica, padres de várias nacionalidades, entre os quais um chinês, disseram orações de Natal nos respectivos idiomas.

Anteriormente, o Papa tinha celebrado, também, missa num dos bairros mais pobres de Roma, onde cerca de 800 famílias vivem em barracas.

MANIFESTAÇÃO

CIDADE DO VATICANO, 26 — (F. P.) — Uns trinta jovens, entre os quais dois africanos, membros da «comissão nacional para a paz no Biafra», manifestaram-se ontem de manhã á passagem de Paulo VI, quando o cortejo pontifício se aproximava da Praça de São Pedro. O Papa, que multiplicou os esforços para solucionar o diferendo nigerio-biafrense, abençoou-os, assim como a multidão que os rodeava.

Por outro lado, a «comissão nacional para a paz no Biafra» organizou ontem uma marcha simbólica de Assis a Roma (170 km). Os participantes são esperados na capital no princípio de Janeiro.

Administração de Propriedades BANCO DO ALENTEJO

ESTÁ A VENDA

ASSISTÊNCIA AOS SERVIDORES CIVIS DO ESTADO E SEUS FAMILIARES

(Em anexo: Servidores do Estado — Decreto-Lei n.º 49.031 de 27-5-69 e Decreto do Secretariado da Reforma Administrativa de 4 de Agosto de 1969)

Por Viriato Benjamim Saraiva

Um volume com perto de 250 pág. — 40\$00

Edição da LIVRARIA ALMEDINA
COIMBRA

ESTÃO A VENDA

FISCALIZAÇÃO DAS SOCIEDADES ANÓNIMAS

(Decreto-Lei n.º 49 381) — 10\$00

CONTRATO INDIVIDUAL DE TRABALHO

(Só o texto da Lei) — 15\$00

Edição anotada e comentada e Legislação complementar pelos Drs. João de Almeida Policarpo e António Monteiro Fernandes

— SAI EM JANEIRO DE 1970 —

Edições da LIVRARIA ALMEDINA
COIMBRA

A CASA HIPÓLITO, LDA.

DE TORRES VEDRAS

PARTICIPA AOS SEUS EX.ªS CLIENTES E COLABORADORES QUE, POR VIRTUDE DA QUADRA DE NATAL, ENCERROU OS SEUS SERVIÇOS NO DIA 24, AS 18 HORAS E REABRI-LOS-Á NO DIA 29 À HORA HABITUAL.

Faça Você mesmo com Bosch Combi!



Furar, com e sem percussão; serrar, apilar, lixar, polir... Com o Bosch Combi e os seus acessórios adaptáveis pode fazer tudo facilmente, em sua casa. Pergunte nas lojas de especialidade. Bosch Combi. Desde 590\$00.

Recorte o cupão anexo e, indicando nome e morada, enderece-o a ROBERT BOSCH (PORTUGAL), Lda. Av. Ant.º Augusto de Aguiar, 32 - LISBOA, ou Rua Júlio Diniz, 927 - PORTO

Bosch Combi
O sistema para amadores

BOSCH

cupão 14
Queira enviar-me
informações técnicas
sobre o sistema
Bosch Combi

ECOS

O desenvolvimento industrial e a elevação do nível de vida nos países evoluídos da Europa não só trouxeram benefícios: acarretaram também padecimentos cardíacos e de circulação, males psíquicos, etc. O tributo da civilização urbana. Cada vez é mais ameaçadora a contaminação do ar e da água, bem como os perigos originados pelos ruídos, intoxicações causadas por produtos químicos utilizados na agricultura. A necessidade cada vez mais premente de defender os agregados humanos de todas estas pragas levou o dr. Jozsef Sós, presidente da comissão de sanidade da Academia das Ciências da Hungria, na Conferência da Organização Mundial de Saúde realizada recentemente em Budapeste, a propor uma mais estreita colaboração das nações de todo o mundo com os organismos da Hungria, que ao assumirem dedicam um labor de investigação que

se traduz em publicações especializadas. A O. M. S. considera, de facto, de extraordinária utilidade as experiências levadas a cabo na Hungria do domínio da formação de médicos, como em vários outros.

★

EM Paris, desperta neste momento muito interesse a retrospectiva de Max Bill, que, com Van Desburg, foi o pai da arte concreta, que sucedeu ao Stiglitz e ao Bauhaus. Defensor de uma arte sistemática em que a emoção seria controlada incessantemente, este arquitecto, pintor e escultor suíço foi como que um elo entre Mondrian e as gerações da arte geométrica, óptica e cinética. Em suma, uma exposição que, bem pode dizer-se, vale uma viagem a Paris.

O ministro da Marinha na Guiné

BISSAU, 26 — (A. N. I.) — No prosseguimento da sua visita oficial à Guiné, o ministro da Marinha, contra-almirante Pereira Crespo, acompanhado do governador e comandante-chefe das Forças Armadas, general António de Spínola, deslocou-se ontem, de manhã, ao interior da província, em visita às unidades de fuzileiros especiais e restantes unidades navais.

O ministro visitou no meadame Buba, Bolama e Gampurê, tendo contactado e confraternizado com as respectivas guarnições, e almoçado no aquartelamento da última localidade.

O contra-almirante Pereira Crespo regressa hoje a Lisboa, no avião da carreira da TAP.



Confraternização de alunos e professores dos Externatos Álvares Cabral, Marquês de Pombal e Escola S. Vicente

Decorreu num ambiente de grande alegria a festa de Natal dos Externatos Álvares

Cabral, Marquês de Pombal e Escola S. Vicente. A assistência, muito numerosa, era constituída por professores e alunos daqueles estabelecimentos de ensino, acompanhados dos seus familiares. Todos aplaudiram com entusiasmo os vários números do programa. Os «artistas» que participaram no espectáculo (alunos e alguns professores daqueles externatos) reuniram-se mais tarde numa ceia de confraternização, onde salientaram o grau de com-

preensão e interajuda dos educandos e o espírito que norteia os corpos docentes para uma perfeita colaboração que os faz atingir nitidos e proveitosos resultados.

CHOCOLATES TAGGLES
BARREIRO · LISBOA · QUELUS

SEGUNDO UM RÁPIDO INQUÉRITO

ESTE NATAL FOI MELHOR PARA O COMÉRCIO DE LISBOA

Esta quadra natalícia foi melhor do que a de 1968, para o comércio lisboeta — segundo o rápido inquérito que hoje fizemos entre lojistas de Lisboa. Mas, nos estabelecimentos desertos desta manhã «depois da festa», alguns comerciantes mostraram-se pouco eufóricos com o produto das vendas neste Natal de 1969.

Consequência do «Zip-Zip»: A «Bêbada da TV» foi procuradíssima na Feira de Brinquedos do Martim Moniz.

(Natal significa, entre outras coisas, comprar. Cada um, segundo as posses, claro, procura exercer o seu direito de «cidadão comprador», seja para satisfazer as imposições gastronómicas da quadra, seja para alegrar a criança com os brinquedos da praça, ou aproveitar a ocasião de retribuir um favor. O Natal é uma época onde se vende de tudo, embora não se venda tudo...)

O sr. Augusto Campos, da Editorial Minerva, fala-nos do movimento de vendas desta última quadra natalícia:

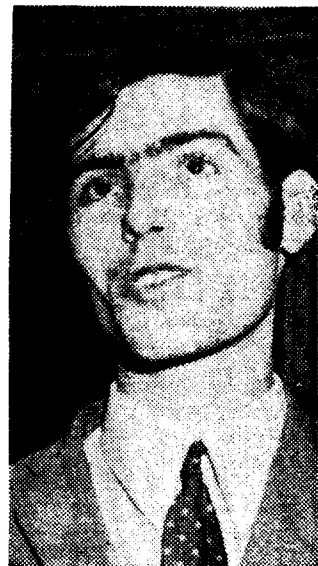
— Foi melhor que no ano passado. Aconteceu, no entanto, um caso curioso. Eu esperava grande afluência de compradores nos últimos dias, e tal não se verificou. As vendas baixaram. Quem comprou, fez-o antes!

— Qual foi o livro mais procurado?

— «Será crime ser judeu?», que, como sabe, serviu de base ao argumento do filme «O homem de Kiev». Venderam-se, só na quadra, mais de mil exemplares, o que é bastante. Outras obras sempre com venda assegurada, no Natal, são «O segredo de Santa Vitória» e a «Túnicia», por exemplo.

Quisemos, depois, saber como corria o negócio no ramo de sapataria. Dissemos o sócio-gerente da Sapataria Oliveira, sr. Abel Moreira:

— O movimento deste ano, na minha casa, foi praticamente igual ao do anterior. Não, não sofreu incremento. É de notar o facto de, na véspera, não



ENCARREGADO DE UM SUPERMERCADO: 23 de Dezembro foi o dia de maior afluência, com grande venda de vinho do Porto, espumantes e peru

se ter registado a costumada afluência de público. Isso, aliás, explica-se facilmente. Uns compraram antes, e outros, funcionários de empresas que fecharam, resolveram sair da cidade. As vendas foram, portanto, sensivelmente iguais às do ano passado.

No que diz respeito a «ingredientes» para a ceia, a procura parece ter sido grande. É, pelo menos, o que se deduz das afirmações do sr. Fernando Guerreiro Cesário, encarregado do Supermercado Modelo, da Rua da Misericórdia.

— Vendemos muito mais do que no ano passado. Os dias 23 e 24 foram os de maior movimento, mas o 23 merece especial destaque.

— Quais os géneros mais procurados?

— Vinhos do porto, espumantes, muito peru, frutas secas... Venderam-se muitas bebidas! E bolo-rei também, embora o supermer-



«O movimento foi igual, mas não superior ao do ano passado» — afirmou-nos o sócio-gerente da Sapataria Oliveira

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto às pessoas de amizade
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

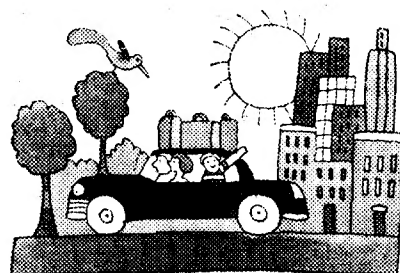
CICLAMATOS:

SEIS MESES PARA SAIREM DO MERCADO

Fabricantes e importadores portugueses de medicamentos têm seis meses, a partir do passado dia 16, para retirar do mercado todos os preparados farmacêuticos que contenham na sua composição ciclamatos, desde que estes não constituam princípio activo dos mesmos. O aviso emanado da Direcção-Geral de Saúde, vem hoje publicado na II Série do «Diário do Governo».

Para fim-de-semana

vai melhor com Hertz



De sexta-feira à tarde a segunda-feira de manhã, poderá ter um Ford Escort ou um Volkswagen 1.300, por 490\$00 (quilometragem ilimitada) ou 360\$00 (incluindo 100 kms. grátis).

Escolha a modalidade que lhe convier e reserve o seu carro Hertz pelos telefones — Lisboa 32 82 47 ou Porto 33 4 55.

vai melhor com Hertz



do não...
Muitos...
elichites...
não com...
quantida...
muito m...
Co...
e...
p...

As rou...
que os l...
des com...
tiveram...
da. Ouça...
do do est...
Hora, sr...
— Foi...
o Natal...
maior p...
nas mal...
na verda...
blusas e...
também...
llantes»...
mento, e...
to dos l...
sido o r...

— Foi...
o Natal...
maior p...
nas mal...
na verda...
blusas e...
também...
llantes»...
mento, e...
to dos l...
sido o r...

— Foi...
o Natal...
maior p...
nas mal...
na verda...
blusas e...
também...
llantes»...
mento, e...
to dos l...
sido o r...

— Foi...
o Natal...
maior p...
nas mal...
na verda...
blusas e...
também...
llantes»...
mento, e...
to dos l...
sido o r...

— Foi...
o Natal...
maior p...
nas mal...
na verda...
blusas e...
também...
llantes»...
mento, e...
to dos l...
sido o r...

— Foi...
o Natal...
maior p...
nas mal...
na verda...
blusas e...
também...
llantes»...
mento, e...
to dos l...
sido o r...

— Foi...
o Natal...
maior p...
nas mal...
na verda...
blusas e...
também...
llantes»...
mento, e...
to dos l...
sido o r...

— Foi...
o Natal...
maior p...
nas mal...
na verda...
blusas e...
também...
llantes»...
mento, e...
to dos l...
sido o r...

— Foi...
o Natal...
maior p...
nas mal...
na verda...
blusas e...
também...
llantes»...
mento, e...
to dos l...
sido o r...

— Foi...
o Natal...
maior p...
nas mal...
na verda...
blusas e...
também...
llantes»...
mento, e...
to dos l...
sido o r...

— Foi...
o Natal...
maior p...
nas mal...
na verda...
blusas e...
também...
llantes»...
mento, e...
to dos l...
sido o r...

— Foi...
o Natal...
maior p...
nas mal...
na verda...
blusas e...
também...
llantes»...
mento, e...
to dos l...
sido o r...

— Foi...
o Natal...
maior p...
nas mal...
na verda...
blusas e...
também...
llantes»...
mento, e...
to dos l...
sido o r...

— Foi...
o Natal...
maior p...
nas mal...
na verda...
blusas e...
também...
llantes»...
mento, e...
to dos l...
sido o r...

HOR LISBOA

lo não seja casa da es-
qualidade. Olhe, vendeu-
e, muita fruta. Embora os
clientes, em relação a 1960,
não comprassem em maior
quantidade, vieram em
muito maior número.

**Calças, blusas
e casacos...
para mulher**

As roupas femininas, de
que os homens são gran-
des compradores, também
tiveram procura acentua-
da. Ouçamos o encarrega-
do do estabelecimento Meia
Hora, sr. António Paula:

— Foi mais favorável que
o Natal do ano passado. A
maior procura registou-se
nas malhas. Venderam-se,
na verdade, muitas calças,
blusas e casacos. E meias,
também, sobretudo, «col-
lants». Houve um incre-
mento, embora o movimen-
to dos últimos dias tenha
sido o normal da quadra.



Artur Campos, da Editorial
Minerva: «O livro mais ven-
dido foi «Será crime ser
Judeu?»

De um modo geral, por
tanto, o comércio citadino
foi bastante visitado. Res-
távamos ouvir a opinião
de um vendedor de brin-
quedos e, para tanto, diri-
gimo-nos ao Martim Mo-
niz, onde a sr.^a D. Horten-
se dos Santos, que desde os
7 anos de idade negocia
no ramo, nos afirmou:

— O ano passado ven-
deu-se mais. Bem vê, ape-
nas aqui estavam 15 bar-
racas e 14 no Camões.
Quem ia a um lado não
fazia concorrência ao ou-
tro. Este ano, temos 28
vendedores no Martim Mo-
niz e nenhum no Camões!
Qual foi o brinquedo
mais

ECONOMISTA ESPANHOL VEM A LISBOA

O prof. Jose Ignacio Arril-
laga, economista espanhol, se-
cretário-geral da FIJET, (Fe-
deração Internacional dos
Jornalistas e Escritores de
Turismo) visitará em breve
Lisboa.

O prof. Arrillaga pensa
realizar em Lisboa uma con-
ferência sobre os seus pontos
de vista no turismo.



VENDEDEIRA DE BRIN-
QUEDOS: 28 barracas no
Martim Moniz e grande êxi-
to comercial da «bêbada da
»AI

— A «bêbada da TV», que
depois de segunda-feira,
«desapareceu» de todo.
Quem me dera ter mais!
Também se venderam mu-
tos «quadros das escolas» e
outros brinquedos. Ontem,



ENCARREGADO DE UMA
LOJA DE ARTIGOS FE-
MININOS: Grande procura
de calças, blusas e casacos
de malha

se pudéssemos ter feito ne-
gócio, não haveria falta de
clientes.

— Ainda ficam muito
tempo por cá?

— Sim, até ao fim do
ano o negócio continua.

FALECEU UMA SENHORA NUM DESASTRE (EM ALPIARÇA) DE QUE RESULTARAM MAIS TRÊS FERIDOS

Faleceu na sala de obser-
vações do Hospital de S. Jo-
sé, poucas horas depois de
ali ter dado entrada, a sr.^a
D. Ilda Ferreira Branco Lei-
tão que foi vítima de um aci-
dente de viação, perto de Al-
piarça.

O acidente ocorreu ontem,
quando um automóvel, con-
duzido pelo sr. Valdemar An-
tónio da Silva, de 28 anos,
empregado comercial, que se-
guia acompanhado por sua
mulher, D. Maria Adelaide
Mateus da Silva, de 22 anos,
residentes na Rua Coman-
dante Freitas da Silva, 14,
1.^a Esq., e pela sr.^a D. Ilda
Ferreira Branco Leitão, de
54 anos, residente na Rua
António Nobre, 35, 3.^a Esq.

Após o despiste, o automó-
vel, desgovernado, foi colher
o sr. Joaquim Monteiro Fer-
reira, que aparenta 50 anos,
residente em Alpiarça.

Todos muito feridos, foram
conduzidos para o Hospital
de S. José onde ficou inter-
nado, em estado grave, o sr.
Joaquim Ferreira e onde fale-
ceria horas depois a sr.^a D.
Ilda Leitão.

Cinco feridos perto da Azambuja

Perto da Azambuja, choca-
ram, ontem à tarde, dois au-
tomóveis: um conduzido pe-
lo sr. José Julião Oliveira, de
46 anos, que seguia acompa-
nhado da mulher, sr.^a D. Ma-
ria Celeste Calveiras Cadete,

de 46 anos, residentes em Ca-
necas; no outro, seguiam o
sr. José Julião Ribeiro da Cos-
ta, de 64 anos, que conduzia,
sua mulher, sr.^a D. Delfina
de Sousa, de 59 anos, resi-
dentes em Valhada do Ribai-
tejo, e a sr.^a D. Dolores Pi-
na Salgueiro, de 41 anos, re-
sidente em Alcanena. Condu-
zida para o Hospital de San-
ta Maria, ficaram todos inter-
nados, muito traumatizados.

Despiste na Marginal

Ontem à tarde, na Aveni-
da Marginal, em Caxias, des-
pistou-se um automóvel, con-
duzido pela sr.^a D. Maria Eu-
génia Pereira Retorta, de 31
anos, empregada de escritó-
rio, que seguia acompanhada
de seus filhos, Rui Ma-
nuel, de 7 anos, e Pedro Ma-
nuel, de 5 anos, de sua mãe
D. Augusta Marques Pereira
Retorta, de 63 anos, a nora
desta sr.^a D. Margarida Osó-
rio Pereira Retorta, de 30, e
a filha desta, Mariana, de 10
anos, todos residentes na Rua
Forno Tijolo, 42, 3.^a Esq. Do
acidente, resultou terem fi-
cado todos feridos, pelo que
foram levados ao Hospital de
S. José, onde receberam tra-
tamento, tendo depois reco-
lhido a sua casa.

Despiste nos acessos da Ponte Salazar

Nos acessos da Ponte Sa-
lazar, despistou-se ontem, ao
fim da tarde, um automóvel
conduzido pelo sr. António
Antunes da Silva, de 42 anos,
empregado comercial, que se-
guia acompanhado pela mu-
lher, sr.^a D. Natalina Rodri-
gues da Silva, de 41 anos, re-
sidentes na Avenida D. Fran-
cisco de Almeida, 5, 1.^a em
Sintra, e pela madrinha da-
quele, sr.^a D. Hermínia Au-
gusta da Silva, de 78 anos,
residente na Avenida D. Nu-
no Álvares Pereira, 19, cave-
dt., em Almada. Do acidente
resultou terem ficado todos
feridos. Levados para o Hos-
pital de S. José, ficaram in-
ternados, muito feridos, o
condutor e a madrinha.

Ficaram feridos os «três» «ocupantes» da motoneta

Na Fonte Santa (Monte
da Caparica) despistou-se
uma motoneta conduzida por
Fernando Pinto de Almeida,
de 38 anos, operário, que se-
guia acompanhado por sua
mulher, Maria Alzira da Sil-
va, de 44 anos, e pela filha
do casal, Maria Alice, de 9
anos, residentes na Rua B,
n.^o 4, no Pragal, Almada. Do
acidente, resultou terem fi-
cado os três feridos, pelo que
vieram para o Hospital de
S. José, onde ficou internado,
muito ferido, o condutor.

Chocou a motoneta com um automóvel

Está internado no Hospi-
tal de São José, para onde
foi conduzido muito ferido,
o electricista Augusto Do-

(Continua na página seguinte)

CAIU A UM POÇO

PORTO, 26 — Em estado de
algidez, recolheu ao Hospital de
S. João, a sr.^a D. Maria Augusta
Baptista, de 68 anos, viúva, Rua
do Campo Lindo, 190, que caiu
a um poço, com dez metros de
altura, de onde foi retirada pelo
primeiro-cabo do Batalhão de Sa-
ndores Bombeiros, sr. Luís Má-
rio da Silva Teixeira Chaves.

Porque não lhe oferece uma ilha neste Natal?

Há coisas que valem um milhão mas custam
pouco. Escolha uma colina verdejante no
Inverno, uma ilha deserta na Primavera, ou
um inesquecível Verão americano. Escolha
aquilo de que Ela gosta. E ofereça-lhe neste
Natal. O agente da Pan Am entrega-lhe o
bilhete num envelope de oferta, ou completa-o
numa ida-e-volta em alguns minutos.
Para qualquer parte do Mundo: é só pedir.
Para Nova York, Los Angeles, S. Francisco,
Sidney, San Juan, Barbados ou para onde
quiser. De facto, até pode escolher
uma viagem à volta do Mundo.
Bem sabemos que esta não é
uma oferta vulgar. Mas então?

A mulher com quem
casou também não o é!
Pan Am torna a sua viagem maravilhosa



A linha aérea de maior
experiência no mundo



ENSAIADO EM QUELUZ NOVO SISTEMA DE RECOLHA DE LIXO

mingos Alves, de 32 anos, residente no Bairro das Azeitonas, Bloco 2-2.º C, 1.º andar, Cascais, que naquela vila, ao conduzir uma motoretta, chocou ontem com um automóvel.

Reconheceram ao Hospital de S. José: Custódio Pedro, de 71 anos, residente na Alameda das Linhas de Torres, 197, 1.º, que foi atropelado por um automóvel, no Campo Grande; José Maria, de 75 anos, jornalista, residente na Rua Heliodoro Salgado, em Queluz, que foi atropelado por um automóvel, que se pôs em fuga, naquela localidade; Manuel Silva Machado, de 20 anos, jornalista, de Améiras de Baixo (Grândola), que caiu da motoreta que conduzia, perto daquela vila; Hortense Oliveira Marques, de 44 anos, residente

na Ribeira de Santarém, que foi vítima do choque do automóvel em que seguia, com outro, na Alameda de D. Afonso Henriques; José Fontes Machado de Aguiar, de 49 anos, tipógrafo, residente no Beco do Espírito Santo, 14, 2.º, dit.º, que foi atropelado por um automóvel, na Avenida 24 de Julho; Jorge Macedo Gonçalves, de 18 anos, encadernador, residente na Rua Maria Pia, 62, 1.º, esq., que sofreu intoxicação por gás, quando tomava banho em casa; João Pastor de Matos, de 42 anos, operário, de Cabanas do Chão (Alenquer), que chocou a moto-reta que conduzia, com um automóvel, na terra da residência; Vicente Joaquim, de 40 anos, e Joaquim Manuel Lucio, de 48 anos, jornalistas, residentes na Quinta de Bela Vista (Trafaria), onde foram colhidos por um trac-

Um automóvel que se des-
pistou e caiu a uma vada, na
recta do Cabo, quando as qua-
tro da manhã de hoje seguiu
no sentido de Montemor-o-
Novo, deixou dois homens fe-
ridos (os seus únicos ocupan-
tes) e internados no Hospita-
de Santa Maria, em Lisboa,
donde haviam saído momen-
tos antes.

BORBA, 26 — Pouco depois da meia-noite o motorista sr. Antônio Francisco Bonverg encontrou no local da Carregueira (perto de Orada) um veículo ligeiro suspenso de uma figueira, perto de um pontão. Ao aproximar-se descobriu que dentro do carro se encontravam seis pessoas bastante feridas. Conduziu-o ao hospital desta localidade. Trata-se dos srs. José Antônio Pires Massas (35 anos, casado) e Caetano Massas (41 anos, casado) ambos naturais de Bairro Branco, na freguesia de Rio de Moinhos.

Para o hospital de Évora foi transportado o condutor

do veículo acidentado, o sr. João Avelino Falcato (36 anos, casado, natural de Borba). Por seu lado, recolheram ao hospital de Estremoz os srs. Manuel Joaquim Lérias Massas (28 anos, solteiro), Daniel Massas Boto (35 anos, casado) e José Manuel da Luz (27 anos, casado).

ILHAVO, 26 — Quando se dirigia da Figueira da Foz para o Porto, no seu automóvel, o sr. José Manuel dos Santos, (solteiro, de 29 anos, natural de Tomar) colheu, na curva de Santo André (próximo de Vagos) a sr.^a D. Maria de Jesus (viuva, de 64 anos de idade), que, conduzida ao hospital desta localidade, chegou ali já morta. A P. V. T. tomou conta da ocorrência.

Está internado no Hospital de Santa Maria, com ferimentos de alguma gravidade, o ajudante de motorista Maurício de Jesus Bento, de 30 anos, residente na Travessa da Felgueira, n.º 217, Porto, em consequência de despiste da camioneta onde seguia na madrugada passada, a três quilómetros da Ota. Depois de se ter despistado o veículo embateu com um eucalipto. O motorista, menos ferido, está no entanto no Hospital de Allenquer. Supõe-se que a causa do acidente foi o sono.

Às oito e meia da manhã de hoje, uma mulher ficou gravemente ferida na estrada de Alcochete, próximo do Porto Alto, ao ser apanhada pelo seu próprio triciclo, do qual se apeara, e que entretanto fora abalroado por um táxi de Setúbal.

Olívia da Silva Pereira, de 33 anos, residente na Rua da Portela, Marinha Grande, deu esta manhã entrada no Hospital de Santa Maria, gravemente ferida. Acompanhada a seu marido no instante do acidente. Segundo a P. V. T. do Porto Alto, não houve mais vítimas do embate, cujas causas não estão ainda apuradas.

No hospital de Santo António faleceu, por ter sido atropelada na estrada de Espinho, a sr.^a D. Maria de Jesus Ribeiro, de 52 anos, solteira, do lugar de Laires, em Gaia.

— Ficaram internados no mesmo hospital, a pequena Maria Manuela Pinheiro da Vinha, de 8 anos, residente com os pais, na Rua de Mendalho de Baixo (Rio Tinto), que fora atropelada, no lugar de Tardariz (São Pedro da Cova); o sr. Manuel José Pinto da Cunha, de 33 anos, casado, varredor da C.M.P., também atropelado na Estrada da Circunvalação e o jovem José Candido Fonseca, de 16, serralheiro, vítima de acidente no trabalho.

— Recolheram ao Hospital de São João o jovem Diomantino Bacelar Rodrigues de 14 anos, com fractura de crânio, em consequência de

Hoje, pelas 18 e 30, celebra-se na igreja de Arroios a missa de sétimo dia pelos artistas Mirnne Cardinalli e Carlos Belo, falecidos num acidente na recta do Calvo como o nosso jornal oportunamente noticiou.

ter caído de uma motorizada; o sr. eng.º António José Cabral de Oliveira Barbosa, de 39, casado com um seu filho, ferido por se ter despedido o automóvel em que seguia e os srs. José Domingos Ferreira de Oliveira,

PORTO, 26 — Sofreram um desastre de viação, que lhes causou ligeiros ferimentos, o sr. dr. José Luís Nogueira de Brito, subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência, sua esposa e dois filhos, cujo estado, porém, não inspira quaisquer cuidados.

O acidente ocorreu na véspera de Natal, á tarde, quando aqúelle membro do Governo e a família seguiam de Lisboa para Ponte de Lima, para casa de seu pai, sr. dr. Euripedes Eliazar de Brito, onde iam para a consoda. Foi em Albergaria-a-Velha, no ponto onde a estrada Lisboa-Porto cruza em viaducto com a que conduz a Viseu.

Por motivos que se desconhecem, o carro despiestou-se, ao tentar uma normal ultrapassagem, e foi embater numa alta barreira de terra, voltando-se depois. Os cinco ocupantes — pois com o sr. dr. Nogueira de Brito e a família viajava uma servicial — tiveram uma sorte espantosa, e talvez mais especialmente um dos filhos, de 4 anos, que foi cuspido do automóvel. Foram todos conduzidos para o hospital de Albergaria-a-Velha, e, depois de tratados, puderam seguir noutra carro para Ponte de Lima.

O sr. dir. José Luís Nogueira de Brito sofreu a sutura de pequeno ferimento na testa; sua esposa fracturou uma

Por determinação da Embaixada de Espanha, foi hoje rezada missa, na igreja de S. Roque, por intenção de D. José Ibañez Martín, conde de Marín, que durante longos anos ocupou o cargo de embaixador de Espanha em Portugal.

A cerimônia, celebrada pelo rev. Julio Marinho, reitor do referido templo, decorreu no alitar-mor, e teve começo ao meio-dia.

No transepto foi colocada uma eça ladeada por quatro tocheiros. A receber as individualidades estavam os senhores embaixador de Espanha e a esposa, ministro conselheiro adido naval, secretário de embaixada, o chancelier e o príncipe milites adido.

Na capela-mor, em lugar especial, sentava-se D. João de Castro, pró-vigário-geral do Patriarcado, que representava o sr. cardeal-patriarca de Lisboa, e, em outros lugares do lado do Evangelho, o dr. Ruy Patrício, sub-secretário de Estado interino dos Negócios Estrangeiros.

No comp. da Igreja entraram outras personalidades portuguesas, os srs. general Vianco Destlandes, prof. Gustavo Cordeiro Ramos, Pedro Correia Marques, director do nosso prezado collega «A Voz», e Costa Brochado.

de 20, solteiro, estuador, de Valongo; Guilherme Silva Fernandes, de 21, solteiro, estuador e José Ferreira de Oliveira, de 23 solteiro, militar, ambos, também de Valongo, cujas duas motorizadas embateram num táxi.

**Estado do Trabalho
família**

Aquele membro do Governo continua em casa do seu pai, e deve regressar a Lisboa, como estava previsto, na próxima segunda-feira.

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compro	Venda
Consolidado 4 3/4% ...	—	—	518\$
Consolidado 3%	530\$	528\$	532\$
Consolidado 3 7/8% ...	—	—	620\$
Centenários 4%	1.508\$	1.505\$	1.510\$
Obrig. Tesouro 5%	1.003\$	1.001\$	1.003\$
Externo 1ª Série Externo 1ª Série B Externo 3ª Série Externo 3ª Série C Cautelas 3ª Série	— — 845\$ — —	— 850\$ 730\$ — 150\$	— — 845\$ 160\$ —
C - Diversas			
Cdco	—	—	9.950\$
Cim Leiria	5.000\$	4.900\$	5.200\$
Cim Tejo	—	6.800\$	6.900\$
Col Navegação	1.480\$	1.400\$	1.500\$
C U F	—	1.460\$	1.480\$
Ind Alfândega	—	—	—
Nac Navegação	—	3.700\$	3.850\$
Petroquímica	2.150\$	2.100\$	2.150\$
Port e Colónias	1.470\$	1.460\$	1.480\$
Port Celulose	4.500\$	—	—
Port Pesca	1.200\$	1.180\$	1.220\$
Port Tabacos	785\$	782\$	785\$
Sacar	—	—	4.850\$
Sderurgia Nac	1.720\$	1.700\$	1.730\$
Socia!	3.400\$	3.400\$	3.420\$
Tabacos de Portugal ...	—	1.750\$	1.880\$
Tabaqueira	8.100\$	—	—
U F Azoto	865\$	860\$	865\$
Aguas Electr & Gás			
Aguas Lisboa p	—	—	—
Aguas Lisboa 34	—	390\$	—
Aguas Lisboa 36	—	390\$	—
Eléc Belras	1.600\$	1.600\$	1.610\$
Gás Electr	423\$	422\$	423\$
H E Alto Alentejo	158\$	157\$	159\$
H E Cávido	1.258\$	1.258\$	1.260\$
H E Doura	1.258\$	1.258\$	1.260\$
H E Norte Portugal ...	—	—	320\$
H E S Estrela	—	1.600\$	1.750\$
H E Zézere	1.265\$	1.261\$	1.265\$
Nac Electricidade	1.255\$	1.250\$	1.260\$
Termoelectr Port	—	191\$	192\$
J E P	—	—	—
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	204\$8	211\$
F I D E S	—	127\$	303\$8

COTAÇÃO DAS AÇÕES (Base: Dez. 65 = 100)

	19/12/69	23/12/69	26/12/69
GERAL	151,5	151,6	151,6
METROPOL	143,4	143,7	143,6
ULTRAM	211,0	209,2	210,3

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	37\$00	39\$00
América		
— Dólares de 100	28\$20	28\$60
— Dólares de 50 000	28\$40	28\$80
Canadá — Dólar	26\$20	26\$70
Alemanha — Marco ..	7\$60	7\$90
Austria — Schilling	\$06	\$09
Argentina — Peso	\$08	\$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5\$20	1\$20
Espanha — Peseta	\$39,7	\$54
Holanda — Florim	17\$5	8\$00
Inglaterra — Libra	68\$00	10\$05
Itália — Lira	\$04,45	\$04
Bélgica — Franco	\$55	\$58
França — Franco	4\$75	\$515
Suécia — Franco	6\$55	6\$75
Marracos — Dirham	4\$90	\$540
Dinamarca — Coroa	3\$70	4\$00
Noruega — Coroa	3\$90	4\$20
Suécia — Coroa	5\$40	5\$70

Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	285\$00	305\$00
Inglaterra — 1/2 Libra	260\$00	280\$00
Ouro fino — Barro ...	33\$20	35\$20

J. BURNAY, L.^{DA} Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 Papéis de crédito
Tel. 321273



HOJE PODE VER...



Marcel Carné, criador com lugar proeminente na História do Cinema

NOITE DE CINEMA: «Os Trovadores Malditos» (LES VISITEURS DU SOIR)

Esta noite, na rubrica de Cinema, a RTP apresenta uma obra extraordinária que recomendamos vivamente a todos os espectadores. Trata-se de «Os Trovadores Malditos» («Les Visiteurs du Soir»), de Marcel Carné.

Tem argumento e diálogos de Jacques Predert e Pierre Laroche, e, como in-

térpretes, conta com Alain Cuny, Arletty, Marie Dea, Marcel Herrand, Jules Berry, Fernand Ledoux, Pierre La By Roger Blin, Jean D'yd, Gabriel Gabrio.

(A película é inspirada numa lenda da Idade Média, cujos heróis são dois menestres, enviados do Diabo e encarregados de semear a desordem no castelo

do barão de Huges. Um deles, Gilles, apaixonou-se pela jovem castela e através desse amor reencontram-se, sob o prestígio desta espécie de canção de gesta, os temas queridos a Préserv e a Carné — o amor todo poderoso frente à maldade ou destino, dos homens ou dos deuses.)

É efectivamente um filme de primeiro plano na obra de Marcel Carné e na história de todo o cinema francês.

canal da crítica

ESTA GLÓRIA DE SER TELEVISÃO

Não me recordo de nenhuma tão intensa campanha desenvolvida pela Televisão Portuguesa como a que foi desencadeada para lançar «O Lago dos Cisnes». Muito bem. Desta vez, quem não assistiu pode alegar indiferença, desamor, desinteresse, etc.: desconhecimento, não. Desta vez, a Televisão Portuguesa fez o que lhe cumpria.

Tenhamos muita, muita pena de quem já mataram tanto que não quis estar presente a esta festa de «ballet». Perdeu a oportunidade de assistir a um espectáculo de qualidade excepcional a partir do qual começa a acreditar-se na possibilidade de renovação dos processos clássicos do «ballet».

Lembremos que o interesse da Televisão Portuguesa não se limitou apenas ao espectáculo em si mesmo: procurou valorizá-lo ao buscar a colaboração de quem pudesse ser mediador acreditado entre a obra de arte e o público. As professoras Lúcia Anlermatt e Vera Varela Cid voltaram, ontem, ao nosso convívio, para revelar, não apenas a história, mas os pontos em que a história, já tão conhecida, se enriquecia de variantes.

Pertinentes as suas observações quanto à ausência de grandes prêmios? Sem dúvida. O meio de divulgação ideal para o «ballet» é o cinema, pela possibilidade de utilização de cor na sua máxima força e pelas dimensões do «écran». Se restringimos o campo de acção e recusamos trazer as figuras à máxima intimidade com essa nova maneira de ser espectador que é o telespectador, então estaremos a prejudicar a comunicação do espectáculo.

Isto é verdade geral, o grande plano no «ballet» televisivo terá que procurar o mais significativo no movimento — quer ele se encontre nos braços, nas mãos, nas

pernas ou na cabeça. O realizador fez isso algumas vezes em relação a Nureyev. Porque não em relação a Margot Fonteyn, particularmente nos seus graciosos movimentos da cabeça? Ignorasse. Talvez Margot, ela própria, o não quisesse, talvez ela não concordasse com a aproximação abusiva (e quem sabe se lesiva do espectáculo) da câmara frente a um rosto não juvenil.

Assim, o Natal terminou em glória, com a própria televisão a provar o papel essencial que poderia desempenhar na educação das grandes massas. Isso que é a sua autêntica vocação. Fugir-lhe, é trair-se.

TV INFANTIL

A grande novidade da «TV Infantil» para o Natal deste ano era a apresentação do conto «Jesus» de Miguel Torga. Tratava-se de uma leitura animada de imagens colhidas por Alfredo Tropa.

A prova ficou por fazer quanto à capacidade do conto para interessar o público infantil. A tal público não se destinava o trabalho de Miguel Torga, mas não seria caso único de uma obra para adultos captar a atenção das crianças. Isto, é bem de ver, depois de a reduzir a uma imagem extremamente simplificada, a uma expressão linear, com aproveitamento do pitoresco, do insólito, do misterioso, anulando as «discussões», as implicações filosóficas, «Os Lusíadas», o «D. Quixote», o «Robinson Crusoe», a «Odisséia», etc., contém uma experiência a que só os fortemente adultos podem aceder, mas possuem igualmente um jogo que serve o público infantil.

No conto do Miguel Torga, para prender o público infantil, haveria talvez que in-

sistir na aventura do menino que sobe ao pinheiro da árvore e no medo dos pais. No menino, repare-se, e não no Menino. Insistir na aventura do menino, na sua glória, no seu pacífico destemor.

Isso não fez Laura Soveral, que empastelou o texto a um ponto que não se admite, tamanha é a inconsciência do que é ler para crianças. A beleza do texto (tão importante em escritores que se deram às crianças, como Aquilino Ribeiro e Sophia de Mello Breyner a pontos de, só por si, constituírem uma festa) ficou sepultada por aquela voz impessoal que (perdoe-me Laura Soveral) me está sempre recordando a «Estrada da Vida»... Compreende-se a intenção de Laura So-

(Continua na página seguinte)

TV JUVENIL

Os Homens, os Livros e as Coisas é um programa do dr. Joaquim Manuel de Magalhães, integrado na rubrica TV Juvenil, que a RTP hoje

apresenta, pelas 19 e 45. O seu autor versa Lisboa e aquarelas que dela falaram, como Fernão Lopes, Luís Vaz de Camões e Eça de Queirós.

CARTAZ TV

Os principais programas da semana que se avizinha, são apresentados pelo popular Jorge Alves, cerca das 20 e 15. Entre as cenas de teatro e os «trailer's» de algumas séries ele dedica alguns minutos aos filmes de desenhos animados oferecidos à pequenada.

«ZIP-ZIP»

O 27.º programa «Zip-Zip», que a rede nacional transmite em 24-11-69, está hoje em repetição no II Programa, ocupando toda a emissão da noite.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 9: Abertura e TV Educativa (Educação Musical — Adultos); 9 e 30: Telejornal; 19 e 50: TV Juvenil — «Os Homens, os Livros e as Coisas»; 20 e 20: Cartaz TV; 20 e 45: Ao Serviço da Nação; 21 e 30: Telejornal; 22 e 05: Noite de Cinema — «Os Trovadores Malditos» (Les Visiteurs du Soir); 23 e 45: Marcha do Mundo; 23 e 55: Meditação e Fecho

II Programa — As 2 e 30: Telejornal; 22: Zip-Zip — 27.º programa (no I Programa em 24-11-69); 00 e 05: Fecho

TELEVISÃO PORTUGUESA

AMANHÃ — I Programa — As 15: Abertura e Telejornal; 15 e 10: Programa Feminino; 15 e 35: Momento de Decoração; 16: TV Infantil; 16 e 25: TV Educativa — Educação Musical (Crianças); 16 e 50: Estúdio sem marcação; 17 e 40: Revista desportiva do ano nacional; 18 e 15: Nos bastidores da aventura; 18 e 30: Eurovisão — TV Jazz; 1.º programa dedicado ao Festival de Jazz do Molde de 1969; 19 e 15: «...E a vida continua...» pelo rev. Teodoro Marques da Silva; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Eurovisão — «De nós para vós» ZDF (2.º Cadeia da Televisão Alemã) oferece à Eurovisão um programa preenchido com música de «As alegres comadres de Windsor», «O Czar e o Carpinteiro», «As Bodas de Fígaro», «Os Contos da Hoffmann», «Nobucao», «Rigolotto», «Aida», «Lakmé», Eugène Onéguine», «Tu és o Mundo para mim», «Canto Cigano», «O Barão Cigano», «O Cenário Azul», «O País do Sorriso» e «Sangue Vienense»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 35: Séries de aventuras «O Jogo da Vida»; 0: Marcha do Mundo; 0 e 10: Fecho

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Tele-Ritmo (no I Programa em 23-11-69); 23 e 35: Fecho.



Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — I. Programa — 451 m — 665 kc/c — As 16: Notícias; 16 e 05: Orfeão de Castelo Branco; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Portugal nos Trópicos, por Mário Príncipe; 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio Rara — Música, só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Melodias por orquestras; 20 e 40: 38.º episódio do folhetim «O Herói da Caridade» (Vida de S. João de Deus), por Odette de Saint-Maurice; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O Homem e a Sociedade, por António João Bispo; 22 e 30: Fados, por Margarida Maria e Manuel Galhardo; 22 e 50: Música ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho

2.º Programa — 351 m — 775 kc/s — As 16: Folclore do mundo; 16 e 06: Prelúdio, ária e final (Cesar Frank) Ao piano, Jean-Charles Richard; 16 e 27: Curiosidades musicais; 17 e 0: Música de câmara; 18: Música portuguesa; 18 e 26: Magnificat-Alleluia (Vilho-Lobos) Associação de Canto Coral do Rio de Janeiro. Coro Cananinhas de Petrópolis. Orquestra Sinfónica Brasileira, sob a direcção de Eduardo Guarnieri; 18 e 35: Sinfonia em sol menor (LALO). Orquestra Nacional da Radiodifusão — Televisão Francesa, sob a direcção de Sir Thomas Beecham; 19: Horizonte Literário, por Amândio César

e Maria Antonia S. O canto e os seus intérpretes por Maria Helena de Freitas; 20: Diário sonoro; 20 e 20: O pianista Vladimir Ashkenazy; 20 e 30: O Quarteto «Kahon»; 2: Parte de um concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto, dirigida pelo maestro Silva Pereira; 2 e 5: Música do piano — variações em 16 menor (Haydn), piano, Ingrid Hoebler; 22: Teatro da século XIX, pelo dr. Eurico Lisboa Filho: «A Princesa Aurélio» de Cosmimo Delam

Programa em MF 2 — 94,3 mc/s — As 23: A ópera em três actos «O Rei de Ys» (Lalló); 1: Fecho

Rádio Universidade — 45 m — 665 kc/s — As 19 e 0: Abertura; 19 e 12: Panorama das ideias contemporâneas; 9 e 25: Esta quinzena aconteceu; 9 e 45: Fecho

RADIO CLUBE — 290,3 m — 1034 kc/s — As 6: Programa C. D. C.; 8: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Telenovela; 8 e 30: Lisboa à tarde; 9 e 15: No mundo aconteceu; 9 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em toco; 21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Música tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talmá

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 6 e 04: Programa C. D. C.; 7 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à G6-G6; 02: Em órbita; 02: 1 e 03: Banda sonora; 2: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 9 e 30: Estúdio 64; 20 e 0: Noite da o dia; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: S6-rádio; 21 e 45: Mensagem do Evangelho; 22 e 02: Primeiro plano; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Caracol-3; 23 e 04: Clube da Juventude

RADIO RENASCENÇA — 383,6 m — 782 kc/s — As 6: Radiograma; 18 e 05: Claque; 8 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página; 20 e 55: Meditação; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8, das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22 — Rádio Voz de Lisboa — Das 17 às 19 e 30 e das 12 às 2 — Clube Radiofónico de Portugal — Das 12 às 14 e 30 — Rádio Graco — Das 8 às 0 e das 14 e 30 às 17

**BIG DUTCHMAN (PORTUGAL),
MATERIAL AVÍCOLA
E AGROPECUÁRIO, LDA.**

DESEJA A TODOS OS SEUS AMIGOS E CLIENTES FELIZ NATAL E PRÓSPERO ANO NOVO.

ESTUDANTES!

3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO

CISNE

RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

COMPRE A MELHOR VISTA DE MAR!

comprando propriedades J. PIMENTA, S. A. R. L.

Em Paço d'Arcos (Espargal), a 100 metros da praia e dos caminhos de ferro, com Centro Comercial e Pavilhão Gimnodesportivo previstos, encontra magníficos andares e apartamentos mobilados.

190 contos rendem-lhe 1187\$50 mensais

Visite o apartamento em exposição em Paço d'Arcos — Espargal

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15-1.º — Telefones 4 58 43 - 4 78 43

QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21 - 95 20 22

REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

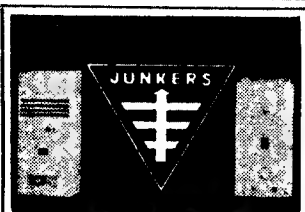
verbal, o seu horror á demagogia, a sua preocupação de não se «intrometer» no texto. Não se esqueça, porém, que há uma extensa gama entre «servir-se» e servir mal. «Nem tão calvo que se veja os miolos», como diz o nosso povo.

Por outro lado, as tão belas imagens de Alfredo Trope, tão ajustadas ao contraponto do texto, poderão ter oulpas no desprendimento das orlaças. Foi também uma linguagem demasiado actual. Mal de que padeceu, igualmente, o fundo musical, tão solene, tão solene, tão obrigatório o traço de cerimonialidade...

Em resumo: a orientação está correcta. Os processos, esses, é que exigem novas atitudes. A experiência, ainda aqui, será a grande mestra.

Maravilhoso o filme checoslovaco? Pois que outra palavra poderá empregar-se...

Al temos o criador de titubear. Al o temos a mandar os seus fantoches correr



SOCOSAM

R. Serpa Pinto, 22
Tel. 338 SANTARÉM

mundo. Não há dúvida: vi-mo-lo puxar os cordelinhos, vi-mo-lo ajustar os movi-mentos...

Os fantoches principiam sua vida. Alegrem-se, cho-ram. Desencadeiam emoções. O palhaço, incompreendido, sonha e revolta-se. Luta pelo seu direito á liberdade. Quer realizar-se antes de mais na-da pela recusa da solidão. As emoções que suscita fica-rão esclarecidas, iluminadas quando, novamente, o seu criador vier recordar com a sua presença, que aquelas bo-necos não são mais do que intérpretes de uma realidade — e é para esta realidade que tudo deve ser remetido. Daqui á lição de Brecht vai um passo.

Com o «Lago dos Cisnes» e com a «Pippi das Meias Altas», o «Palhaço» constitui o grande acontecimento deste programa de Natal. Sem falhar, está claro, no circo de Billy Smart, já nosso conhe-cido.

III

Ontem é que foi. Acabou a «Pippi». Acabou quando tu-do levava a ser que se tra-tava de uma emissão de ro-tina. O fecho lógico estava no outro episódio: «Pippi» não acompanhava o pal-pa-ra os mares do Sul, continua-va na Vivenda Mil-Cores, os

meninos todos contentes e pronto, vitória, vitória, aca-bou-se a história.

Não. Havia o Natal. «Pip-pi» queria uma corneta, os amigos dela oferecem-lhe uma corneta. E os bolos que ela fazia! E a alegria do Tio-zinho e do sr. Nilsson!

Aproveitou-se o Natal pa-ra nos retirarem a «Pippi das Meias Altas». Foi cruel-dade. Aplica-se, agora, a pa-lavra inventada pela «Pip-pi»: Spunk.

«Spunk»: o desejo de que a menina das tranças de asas regressasse com as mesmas his-tórias? Pois seja. Venham as mesmas histórias, não faz mal. Não há nada mais belo do que o Sol e ele repete-se todos os dias. Venha a «Pip-pi». Seria bom. Seria mara-vilhoso. Seria «spunk».

ALDO SANTIM



CUNHA & DIAS, LDA.

Rua da Liberdade, 2-10
Tel. 51 TAVIRA

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

NSU LUSOLANDA NSU

CARROS USADOS

«CAMPANHA DO NATAL»

APROVEITE A EXCEPCIONAL OPORTUNIDADE DURANTE ESTA QUADRA

Preços e condições especiais

Facilidades de pagamento e troca

GRANDE EXPOSIÇÃO — AV. DA REPÚBLICA, 84-C — T. 77 80 73 — LISBOA

TORNA-SE URGENTE A RECUPERAÇÃO DA SEDE DA MISERICÓRDIA DE COIMBRA QUE FOI DESTRUÍDA PELO FOGO

COIMBRA, 26

Na reunião da mesa da Misericórdia, presidida pelo provedor, sr. prof. dr. Bissau Barreto, o mesário sr. dr. Santos Madeira deu conta da visita ao edifício do sr. mi-nistro das Obras Públicas, que acompanhou, na ausên-cia do provedor, e falou de interesse pelas coisas da be-nemérita instituição daquele membro do Governo em cujo entender se torna necessário recuperar o imóvel de vinca-do valor para a cidade. Pro-pôs um voto de agradecimen-to aos vrs. governadores civil e presidente da Câmara Muni-cipal por terem acompanhado na sua visita o ministro Rui Saanches.

O sr. prof. dr. Bissau Bar-reto lamentou ter estado au-sente na altura da visita do ministro, pois — disse — apro-veitaria a oportunidade para renovar o pedido, já feito, de auxílio para a restauração do edifício, chamando particu-larmente a sua atenção para a

necessidade de se proceder o mais rapidamente possível, por menos dispendiosa, á re-cuperação da ala poente, pou-pada pelo fogo, mas onde os trabalhos de extinção fize-ram apreciáveis estragos. Acrescentou que, uma vez recuperada esta ala, alguns serviços se poderiam instalar nas suas salas, inclusiva-mente, por mais urgente, o arquivo e a secretaria, e até outros que se relacionassem com a educação dos alunos dos colégios, tanto dos órfãos como das órfãs.

Foi dado, depois, conheci-mento da atribuição de doze contos para distribuição, co-mo donativos, pelos pobres conhecidos, no período do Na-tal, ás Conferências Vicentinas da Cidade e Criaditas dos Pobres. A distribuição foi feita do seguinte modo: Cri-aditas dos Pobres, 2500\$00; Conferências Femininas de S. José, 2500\$00; Santa Cruz, Sé Nova, Sé Velha, Santo

António dos Olivais, São Bar-tolomeu e Santa Clara, 1000\$ a cada; Celas e Cosehas, 500\$ cada.

Considerando que se podem dar por terminadas as obras da primeira fase do restauro do edifício da benemérita ins-tituição, e satisfazendo um pedido apresentado pelo em-pleiteiro, foi autorizado o pa-gamento de 150 contos por conta do que tem ainda para receber para completa liqui-dação do valor da adjudica-ção.

Por fim, o provedor, pas-sou em resumo alguns dos problemas tratados pela Mes-a, salientando o trabalho realizado, e a propósito de certos aspectos relacionados com a Quinta da Misericór-dia, á Conchada, fez largas considerações sobre o proble-ma habitacional de Coimbra, no que se refere a alojamen-to de famílias pobres. Falou, também sobre esse caso, o mesário sr. Silvio Varandas.

«A PELE DE UM MALANDRO»

(Continuação da 6.ª página)

siste a uma sessão de traba-lho, durante a qual um jo-vem rufia se «afira» delibe-radamente á sua assistente social. Coogan não está com meias medidas e corre o ra-paz á bofetada, para, momen-tos depois, ser ele próprio a proceder de igual forma em relação á mesma Julie. Este desencontro de métodos não é, todavia, algo de profunda-mente enraizado na realida-de. O próprio Coogan chega a afirmar que, não há ainda muitos anos, Nova York na-da mais era senão a margem de um rio. Nessa altura Coogan pensa no seu Arizona e sente que as diferenças são unicamente de processos, algo de muito vago e exterior e pensa mesmo que se adap-taria com facilidade. Quanto ao resto, a violência de uma América muito ligada ainda á gesta mítica do seu nasci-mento, é constante: quer se mostre sob a forma de uma força da natureza, quer sob a roupagem colorida e ali-ciante de uma cidade cosmo-polita, Coogan não é homem de distinções sutis. Estaria destinado a ser o herói da luta se, entretanto, Donald Siegel lhe não destruisse a imagem. Acaba por ser o anti-herói de uma história onde já não há lugar para heróis. Coogan é uma espé-cie de máquina que, quando posta em andamento, nada consegue deter. Uma máqui-na de potentes atributos fís-i-cos (e sexuais), mas uma máquina incapaz de um sor-riso ou de um gesto de ternu-ra. Nas relações com os outros, ele não se oferece nunca. Consome unicamente. Destrói. Nunca ama nin-guém, nem tem possivelmen-te tempo para isso. Quando faz amor é ele próprio o meio e o fim. Tudo se passa de si para si em circuito fe-

chado. Em seu redor tudo se transforma em objecto, tudo deixa de possuir qualquer vislumbre de personalidade própria. Coogan não o per-mite. É ele o centro do mun-do, e a piedade (que seria o mínimo, e também o máxi-mo, que poderia sentir) sa-be-a vermelha Vermelha é a cor com que Julie se irá despedir dele, na cena final deste «A Pele de um Malan-dro».

Coogan, «sheriff» do Ari-zona, demonstra em Nova York que afinal o mito de bom selvagem não passa de um mito. Mas a cidade não é melhor tratada. Logo na chegada de Coogan este é violentamente aldrabado por todos os que com ele se cru-zam. O «chauffeur» cobra-lhe á pela bagagem que de-ixa de ser bagagem para o ge-rante desconfiado de uma pensão miserável. A cidade, fascinante e bela, envolve um outro mundo de corrup-ção e violência. Um mundo que Coogan procura com so-freguidão, um universo que é afinal a razão única da sua viagem á capital.

Deste encontro entre a ve-lha lei do «colt» e a justiça moderna extrai Donald Sie-gel as mais variadas conclu-sões, que enchem por com-pleto uma obra extremamente rica como «A Pele de um Espião». Por isso, leitor não

se distraia com as aparências e não pense que «Coogan's Blue» é mais um «Western» italiano de quinta ordem, co-mo ao princípio poderá pare-cer (mercé do protagonista). O filme de Donald Siegel, é certamente um dos filmes mais curiosos e importantes de entre os estreados em 1969. Não o perca por isso e ainda pela presença sur-preendente de uma repari-guinha que se estreia no ci-nema: Tisha Sterling. Tam-bém aqui Siegel regressa no melhor da sua forma, des-tinando primariamente os actores que escolhe a determi-nadas cenas de um erotismo brutal, como só ele é capaz.

LAURO ANTÓNIO

Devia fazer-se a valorização turística das famosas grutas de Mira de Aire

MIRA DE AIRE, 26 — Há coisas que não se compreen-dem, como seja o caso das notáveis grutas de Mira de Aire, que continuam, infeli-zmente, quase desconheci-das.

Estão fechadas para que não se danifiquem — se-gundo consta — assim se ocultando um belo espectá-culo da Natureza.

Não seriam as surpreen-dentes grutas bem incluídas no circuito turístico que se-ria constituído pelas mes-mas, pelo santuário de Fá-tima, pelo castelo de Leiria, os mosteiros da Batalha e de Alcobaça e a pitoresca praia da Nazaré?



ERNESTO DUARTE

Rua Candido dos Reis
Tel. 288
V. REAL ST. ANTÓNIO

RAUL NETO, LDA.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º (c/ elevador) — Esq. R. da Prata
Telefone 32 77 23 — LISBOA

SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM:

TECIDOS PARA DECORAÇÕES
ESTOFOS * ALCATIFAS E CARPETES

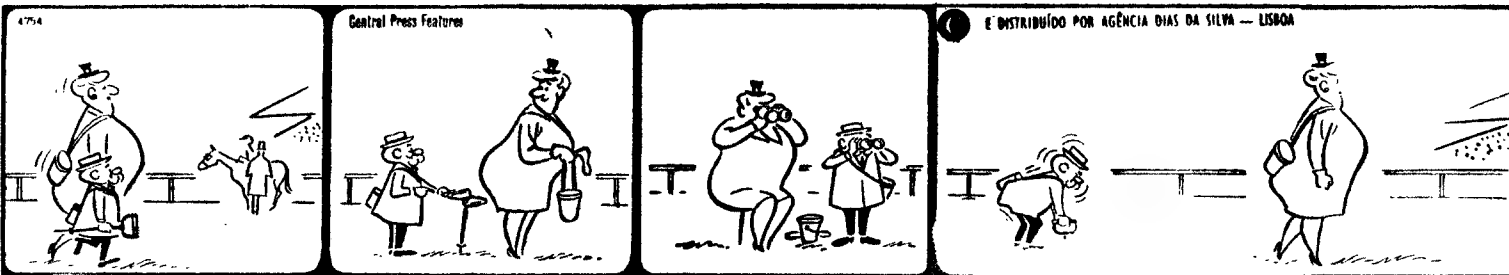
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

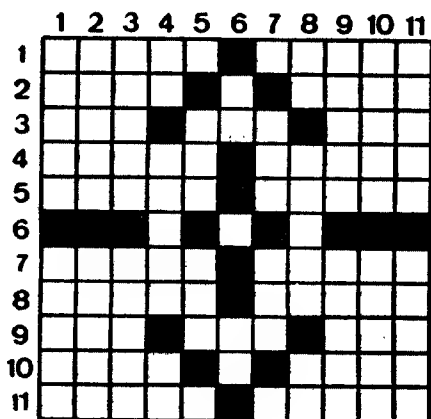
PROBLEMA N.º 9241

(NOVA MODALIDADE)

HORIZONTAIS: 1 — Prato onde se lançam as esmoias nas greijas. 2 — Lavar. Artigo definido. Cidade da África Ocidental sobre o Níger. 3 — General de Napoleão. Alcool de melado. Rio de França. 4 — Espírito do mal. Acerta. 5 — Imão de Moisés. Curam. 7 — Tomem como alimento. Estacionam. 8 — Dispõe em camada. Encolizara. 9 — Senhor em inglês. Negativa. Possui. 10 — Indolência. Murcha.

1 — Guarnecera de asas. Olham atentamente. **VERTICAIS:** 1 — Margem. Tecido de algodão ou linho muito transparente. 2 — Limpa metais. Descanso (pl.). 3 — Distância (Fig.). Rio de França. 4 — Caminhar. Demorou. Sufixo que designa estado. 5 — Rato. Ilha inglesa no mar da Irlanda. 6 — Alternativa. Ouro (s. q.). 7 — Conjunção. Nome de vários papas. 8 — Cidade da antiga Colômbia. Marcar o peso da tara em Letra grega. 9 — Soltar. balidos. Roer. 10 — Afiançar. Lugar de contenda. 11 — Assasinam. Sugam o leite materno.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5397

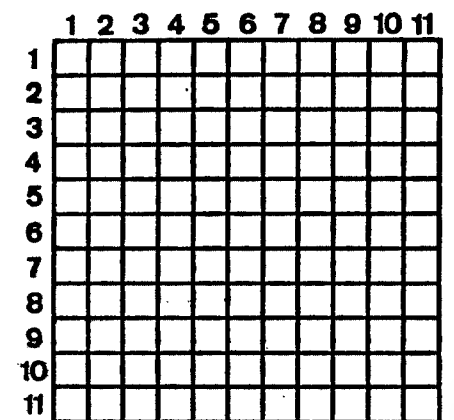
HORIZONTAIS: 1 — Troar. Gabar. 2 — Eu. Rolar. Ma. 3 — Mamas. Setas. 4 — Prima. Tar. 5 — Oiras. Arais. 6 — Ari. O. Ama. 7 — Asi. 8 — Atras. Rócio. 9 — Russa. Miava. 10 — Id. Armaz. Ar. 11 — Soera. Sarna.

VERTICAIS: 1 — TEMPO. Paris. 2 — Ruaria. Tudo. 3 — Mirra. 4 — Amara. Asor. 5 — Rosas. Asara. 6 — Or. 7 — GASTA. Imãs. 8 — Areara. Aisa. 9 — Tramada. 10 — Amaria. Ivan. 11 — Rosas. Soara.

Provérbio: (O TEMPO TUDO GASTA)

HORIZONTAIS: 1 — Pequeno insecto roedor Ornato para o peçoço. 2 — Move os remos. Tremi com fria. 3 — Afastaremos. 4 — Alentado. Espécie de lanceiro nos exércitos austríaco, russo e alemão. 5 — Atmosfera. Coragem. Átomo (abrev.). 7 — Pessoa cruel. Dita. 8 — Linha secundária de caminho de ferro. Casualmente. 9 — Caminhar. Tosta. Nota musical. 10 — Transfere para outro dia. Com precipitadamente. 11 — Arquipélago dos Navegadores. Largo de Lisboa.

VERTICAIS: 1 — Devorar. Braços de mar. 2 — Restituir. Roupage. 3 — Estimular. Possui. Preflito de negação. 4 — Instrumento de tortura. Espertalhão. 5 — Rei da Líbia. 6 — Bónio (s. q.). Estrépito de desmoronamento. 7 — Tornar o mastigar. 8 — Tragédia de Shakespeare. Escavara. 9 — Cidade do Peru. Joera. Cidade da antiga Colômbia. 10 — Nome de fruto. Deste modo. 11 — Galhofa (pop). Metal precioso de cor amarela.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9240

HORIZONTAIS: 1 — Par. Remover. 2 — Erre. Atirana. 3 — Ruga. Amaras. 4 — Darão. Ga. 5 — Ora. Gato. Sã. 6 — Ais. Tem. 7 — Rã. Pova. Aga. 8 — Me. Soror. 9 — Violas. Cava. 10 — Arearam. Rir. 11 — Sarnira. AAA.

VERTICAIS: 1 — Perdoar. Vós. 2 — Amuara. Irã. 3 — Regras. Moer. 4 — Aa. Pelar. 5 — Ra. Ogra. Ori. 6 — Eta. Ser. 7 — Mim. Lios. Má. 8 — Arago. Oc. 9 — Vana. Tarara. 10 — Era. Segóvia. 11 — Rãs. Amara.

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA ALUGAM-SE

Estabelecimento
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A.
R. L. - 95, Rua Nova do
Almada, 99 - LISBOA

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou ouro de aço de absoluta necessidade em praxeis protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto.

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

AUTOMOTORA DE «FIM DE SEMANA» ENTRE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO-GUADIANA E BARREIRO

A C. P. informa que a estação de Lagos passa a vender bilhetes para a automotora especial que circula aos sábados e domingos de Vila Real de Santo António-Guadiana a Barreiro e volta, com ligação em Tunes e no Barreiro às circulações normais. O preço de Lagos a Lisboa (Terreiro do Paço) e volta é de 10\$00.

AUTO-MONUMENTAL DO AREIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREIRO) TELEF. 727654-727665-713057

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 26 de Dezembro de 1939 publicava:

«MELSIKKI, 26 — Pela primeira vez, depois do rompimento das hostilidades entre a Finlândia e a Rússia, as tropas finlandesas conseguiram ontem, ao norte do lago Ladoga, entrar-se em território russo, onde agora combatem.

«As 8 horas da manhã, as tropas finlandesas continuavam o seu avanço em território soviético, travando duros combates com os russos, que estão a oferecer uma desesperada resistência. Apesar da sua superioridade numérica, os soviéticos estão a ser batidos e sofreram já cerca de 3000 baixas.

«Na sua retirada desordenada os russos abandonam, no seu próprio território, grande porção de armas e munições.»

ALCATIFAS TRICANA

DEPÓSITO DA FÁBRICA

GRANDE BAIXA
DE PREÇOS
DURANTE TODO O MES

Aven. Praia da Vitória 45-A
(Ao Monumental)
Telefones 515 25 e 53 63 14
LISBOA

DIRECTOR COMERCIAL

PRECISA GRANDE LABORATÓRIO INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

Exige-se: Idade até 35 anos
2.º ciclo liceal como mínimo
Serviço militar cumprido
Experiência fundamentada
Falar correctamente Francês e Inglês
Carta de Condução

Oferece-se: Condições compatíveis
Bom ambiente
Ordenado capaz

Pede-se informações detalhadas.
Guarda-se sigilo absoluto.

Resposta a este jornal ao n.º 391

CONSTELLATION OMEGA



representada na
AGÊNCIA OFICIAL
RELOJOARIA MAURY

Rua do Ouro, 202 LISBOA



Carros e furgonetas
compras facilidades
de pagamento,
peças legítimas
estação de serviço
e oficinas

A MEDIDA DAS «COISAS»

Por BANDEIRA DE LIMA

Diz-se de duas fontes de intensidades I_1 e I_2 que a sua diferença é de x Decibels quando $x = 10 \log \frac{I_2}{I_1}$. O Decibel

é uma unidade utilizada para comparar níveis de intensidade sonora ou para exprimir intensidades sonoras, caso em que I toma a forma de um valor de referência, geralmente o mínimo de intensidade que pode atingir, mantendo-se audível, um som de frequência idêntica àquele que se quer avaliar.

Claro que isto é um tanto complicado mas na realidade constitui a única base rigorosa de medição.

Claro que os nossos leitores já se aperceberam que iremos tratar de tubos de escape e dos respectivos ruídos.

De facto a Lei fala em Decibels — se bem que nunca tenhamos chegado a entender a razão por que nela está estabelecido que as maiores intensidades de ruído não sejam iguais nas motocicletas, nos automóveis ligeiros e nos camións, embora tenhamos para nós que todas essas «fontes» de ruídos possam ser reduzidas a idênticos e aceitáveis valores.

Pessoalmente importamo-nos pouco com barulhos. E assim aceitamos igualmente, dentro de limites comparativamente afastados, um automóvel quase inaudível ou outro desprovido de silenciador: apenas este último dificilmente autoriza a sociabilidade dentro do automóvel e momentaneamente nos sítios por onde ele passa...

Mas o facto de o Regulamento do Código da Estrada mencionar uns tantos Decibels — variáveis com o tipo de viatura — como limite de ruído de escape para além do qual ele deve ser con-

siderado socialmente inadmissível (pelo menos o espírito deve ser esse) nada tem de comum com a interpretação que tantas vezes lhe é dada. O escape faz barulho? Claro que tem que o fazer: mais barulho ou menos do que o legalmente autorizado, eis a questão que se pode pôr. Mas ainda recentemente «sofremos» uma «interpretação» de escape roto. Assistimos a outra idêntica e bem menos flagrantemente quanto a «nível sonoro» e acabamos de ter notícia de outro ainda, que não sabemos como classificar — o uso do «processo do arame» em que a desconfiança de escape livre se segue um «teste», no qual o referido arame é introduzido no escape e «é suposto» ter de parar alguns no dispositivo silenciador: se isso não acontece, o escape é considerado livre.

Mas, perguntamo-nos, quantos silenciadores se valem hoje, e muito eficazmente, apenas da perda de pressão dos gases num silenciador de dimensões convenientes, de um amortecimento de vibrações numa almofada de lã de vidro e numa saída bem controlada para a atmosfera?

Claro que um escape deste tipo, por silencioso que seja, não resistirá nunca ao «processo do arame».

Mas os tais Decibels, ou Fones, o que vem a ser o mesmo, devidamente regradados quanto à forma de medir, são perfeitamente capazes de equilibrar a «balança» dos barulhos, fazendo com que não penda nem para o utente de um carro ruidoso que vai passando impune, nem para um agente da autoridade de tímpanos mais sensíveis.

Apenas será preciso reger a forma de medir — como aliás está referido no Regulamento do Código da Estrada — já que os resultados variam enormemente com esse factor.

Mas de facto ainda não se nos deparou escrita essa regra — e já fizemos bastante para a encontrar. Na realidade, enquanto isso não estiver estabelecido, a questão dos escapes barulhentos será sempre muito vaga, o que a ninguém aproveita.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

BENJE PODE JOGAR CONTRA O BENFICA

• TODOS OS LESIONADOS VARZINISTAS ESTÃO RECUPERADOS E EM CONDIÇÕES DE ALINHAR

A última jornada da primeira volta do campeonato nacional de futebol da 1.ª divisão é dominada pelo encontro que se realiza na Póvoa do Varzim onde a equipa local dirigida pelo discutido treinador Joaquim Meirim defronta o Benfica.

Por se tratar de duas equipas das mais cotadas na pauta classificativa (o Benfica está em 2.º lugar e o Vargim em 3.º com menos um ponto) proporcionar-se-á certamente

uma grande afluência de público ao estádio da Póvoa no desejo de ver até que ponto o sensacional Varzim será capaz de «bater o pé» à equipa campeã nacional.

Entretanto e devido à solenidade do dia de ontem, os «responsáveis» do Benfica transferiram para esta manhã o treino do conjunto a que a equipa se submete todas as quintas-feiras, à tarde.

Após a sessão Otto Glória, como habitualmente concen-

trou os futebolistas «encarnados» numa estalagem dos arredores de Lisboa onde deverão manter-se até sábado, dia em que os benfiquistas farão a viagem para o Porto, possivelmente, de avião.

Seguiram para estágio os seguintes futebolistas:

Fonseca e Porfírio; Malta da Silva, Humberto Coelho, Coluna, Adolfo, Toni, Jaime Graça, Jacinto, Messias, Vítor Martins, Artur Jorge, Eusebio, Simões, Torres e Raul Águas.

Por outro lado a equipa da Póvoa efectuou esta tarde o seu habitual treino de conjunto sob a direcção de Joaquim Meirim.

Todos os jogadores varzimistas se encontram em boas condições e os que se encontravam lesionados (Benje, Marques e Aleixo) estão completamente recuperados e preparados para defrontar o Benfica se o técnico assim o entender.

Também Joaquim Meirim, após o treino desta tarde concentrou os seus futebolistas em Pão de Açúcar, onde permanecerão até à hora do encontro que será considerado «Dia do Clube».

Elevado numero de pedidos de bilhetes tem sido recebidos na secretaria do Varzim esperando-se que esgote a lotação do estádio, calculada em cerca de 20 mil lugares.

Por seu turno o Sporting não dispensou os seus futebolistas do habitual treino de conjunto. Embora fosse dia de Natal os pupilos de Fernando Vaz estiveram em Alvalade regressando depois a suas casas.

Só hoje é que os jogadores sportingistas se concentraram, como é costume em vésperas dos desafios.

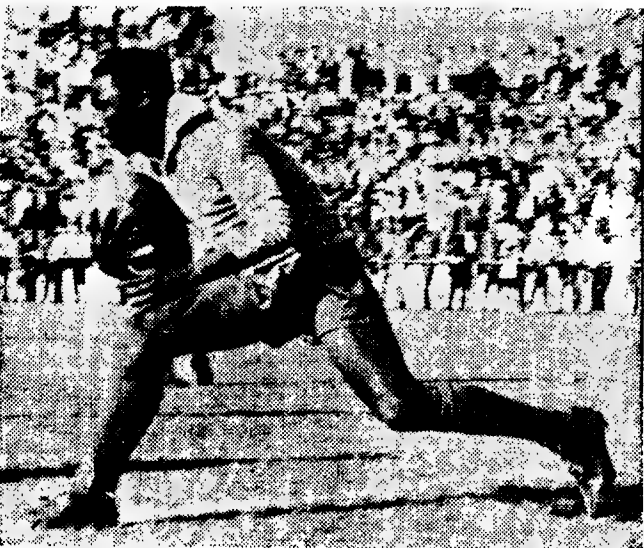
Estão, em princípio, convocados para a concentração os jogadores: Damas, Carvalho, Pedro Gomes, Caló, Alexandre Baptista, Hilário, Celestino, Gonçalves, José Moraes, Peres, Lourenço, Nelson, Márlino e Dinis. Espera-se, porém, que Fernando Vaz chame para o estágio outros futebolistas dos que habitualmente constituem o lote dos suplentes.

O 48.º ANIVERSÁRIO DO ALHANDRA S. CLUBE

O Alhandra Sporting Clube comemora no dia 29 o seu 48.º aniversário.

Para o efeito promove nas instalações da Sociedade Entenpe Alhandrense uma sessão solene durante a qual serão distribuídos emblemas de dedicação aos associados com mais de 25 anos de filiação clubista, cerimónia que se verificará depois do desceramento das fotografias dos sócios João Henriques e Joaquim Dias de Carvalho.

Por fim o jornalista desportivo e seleccionador nacional de juniores dr. David Sequeira proferirá uma palestra subordinada ao tema «A educação física nas idades escolares e a obra social do futebol».



Benje que deverá voltar a defender a baliza do Varzim, depois de amanhã contra o Benfica

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Torneio do 38.º aniversário da Associação de Andebol de Lisboa, 1.ª

Jornada: C. N. O. C. A. — Técnico (20 e 30 horas), Belenenses-Almada (21 e 25), Sporting-Benfica (22 e 20) e Campo de Ourique-Passos Manuel (23 e 15), no pavilhão de Campo de Ourique.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa da Divisão de Honra, 13.ª e penúltima jornada: Algés-Sporting e Ateneu-Nacional, às 21 horas; Benfica-Internacional e Atlético-Belenenses, às 22 horas, no pavilhão da Ajuda.

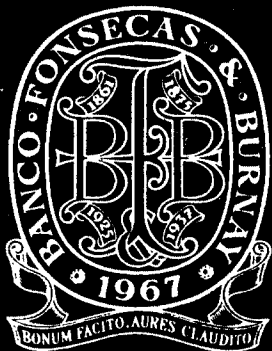
— Campeonato de Lisboa da II Divisão, 11.ª jornada: Sporting de Torres-Física de Torres, Pedrouços-Que-luz e Maria Pia-Faculdade de Ciências, às 21 e 30 horas, nos recintos dos primários; Rio Seco-Sacavenense, às 20 horas, no pavilhão da Ajuda.



Calços para travões Discos para Embraíagem

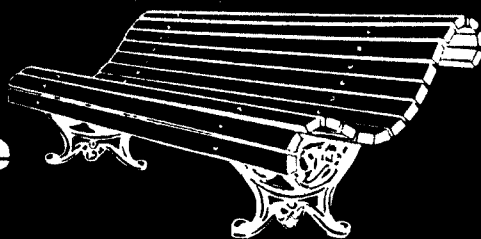
CASSIUS CLAY VOLTA A COMBATER • DEFRONTARÁ BELLY JOINER EM 12 DE JANEIRO

TULSA (Oklahoma), 26 — (A. N. I.) — Realiza-se em Boley, no Oklahoma, em 12 de Janeiro, o combate de boxe dos «pesados» entre Cassius Clay e Billy Joiner — apudados os empresários. A luta fora primitivamente marcada para outro local devido à oposição de grupos de veteranos de guerra e a pressões políticas. Os veteranos opunham-se pelo facto de Clay se ter recusado a prestar serviço militar. Boley é uma cidade predominantemente negra, a leste da cidade de Oklahoma.



BANCO FONSECAS & BURNAY

o banco para toda a gente



DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Sábado desportivo

Congresso da Federação de Ginástica

ANDEBOL — Torneio do 38.º aniversário da A. A. L., 2.ª jornada: meias-finais entre os vencedores dos jogos de hoje, à noite, às 20 e 30 e às 21 e 25; jogo complementar entre o V. Jornais e o Boa Hora, às 22 e 20; final entre os vencedores dos dois jogos, às 23 e 15.

— Campeonato de Lisboa da 3.ª Divisão: F. de Ciências-Rio de Janeiro (20 e 30 horas), A. A. Ateneu-Desp. do Castelo (21 e 45) e A. A. Amadora-Desp. Penha (23), no pavilhão do estádio Universitário.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão, 13.ª jornada: Oriental-Moscavide e Técnico-Cruz Quebradense, às 21 e 30 horas; Carnide-Li-

berdade e Lisgás-Universitário, às 22 e 30, no pavilhão da Ajuda.

— Campeonato de Lisboa, da 3.ª Divisão, última jornada: Campolide-Oeiras (21 horas) e Clementes Tejo-Combatentes (22), no ginásio da Faculdade de Ciências.

CONGRESSOS — Da Federação Portuguesa de Atletismo (continuação), para eleição dos corpos gerentes para 1970, na sede da F. P. A., às 16 horas.

FUTEBOL — Campeonato Nacional da I Divisão: V. Setúbal-C. U. F., no estádio do Bonfim, às 15 e 30.

— Campeonato de Reservas da A. F. L., 13.ª jornada: Sacavenense-Casa Pia A. C., U. Algés-Sintrense,

Atlético-Alhandra, Estoril-Oriental e Odivelas-Torriense, nos campos dos primeiros, às 16 horas.

— Campeonato de Reservas da A. F. Setúbal, 13.ª jornada: Trafaria-Amora, Barretrense-Almada, Cova da Piedade-Setxal, V. Setúbal-Luso e C. U. F.-Sesimbra, nos campos dos primeiros, às 16 horas.

NATAÇÃO — Torneio de Dezembro para nadadores de 8/9 anos, na piscina do Areeiro, às 21 e 15 horas.

Está marcada para o dia 29 a reunião ordinária do Congresso da Federação Portuguesa de Ginástica para apreciação, discussão e votação do relatório e contas da gerência de 1968-69.

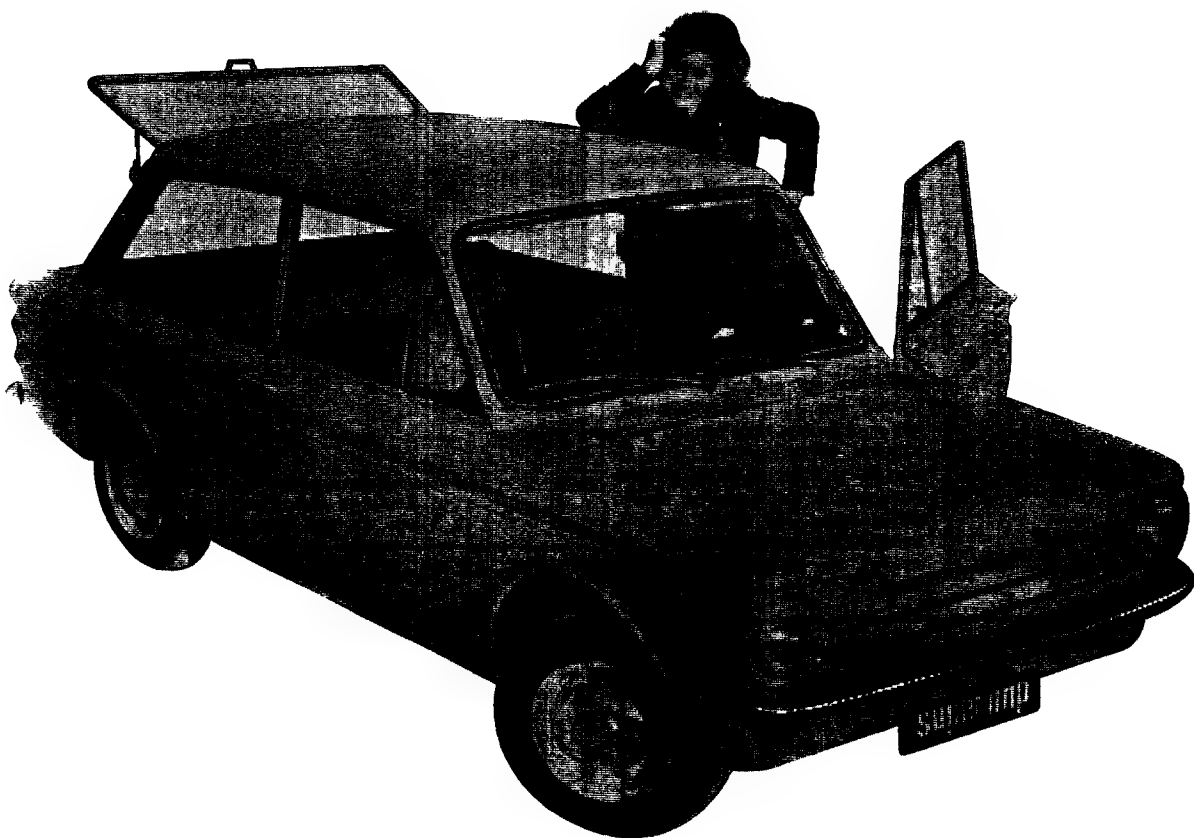
Realiza-se também nesse dia o acto de posse dos novos dirigentes para a próxima temporada.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO



Helmut Kronsbein, o popular «Fifi» treinador do Hertha, de Berlim, próximo adversário do Vitória de Setúbal, prepara-se para se deslocar a Portugal a fim de assistir ao encontro que a equipa setubalense disputa no estádio do Bonfim contra a CUF

se você
não se sente jovem
desista do SUPERIMP



Porque o SUPERIMP entende a Juventude dos 18 aos 80. Arranca com ela para um mundo novo. Mais vibrante e melhor vivido.

Amplas janelas com vidro de elevador e portas largas para uma família jovem. Janela de abrir na retaguarda. E um motor nervoso e submisso como um animal de raça.

Entre nele. Domine-o. E sinta-se ainda mais jovem.

Conheça também o SUNBEAM CHAMOIS de acabamentos luxuosos

...em todo o país encontrará a estrela CHRYSLER!

Concessionários em Lisboa:
J. COELHO PACHECO, COMERCIAL S.A.R.L.
R. Braamcamp, 92 - Lisboa 1
SIDIAL
Av. de Roma, 15 B - Lisboa 5

AGENTES EM TODO O PAÍS



CHRYSLER
DE PORTUGAL

Relógio suíço

CAUNY

100% impermeável debaixo de água
O relógio que respira debaixo de água

...elas adoram **PHILCO** modelo LT

A MÁQUINA DE LAVAR E SECAR TODA AUTOMÁTICA
é simplesmente maravilhosa... carrega-se num bolso e passados poucos minutos a roupa ficou extraordinariamente bem lavada e... anota, prontinha para ser passada e ferro. LAVAR E SECAR NUMA SO OPERAÇÃO é uma vantagem que todas as DONAS DE CASA DEVEM USAR sem demora.

PHILCO na vanguarda do progresso
A VENDA DE REVISÕES AUTOMÁTICAS
REPRESENTANTES GERAIS EM PORTUGAL
ARNALDO TRINDADE & CA. Lda - RUA SANTA CATARINA 17 - PORTO
existem-se agentes nas áreas ainda disponíveis

FESTAS DE NATAL

NA JUVENTUD DA GALICIA

Os filhos dos sócios da Juventud de Galicia — Centro Galego — tiveram ontem, como é já tradicional, a sua festa natalícia.

Houve alegria, calor e juventude. Jovens de todas as idades cantaram e dançaram durante toda a tarde. Como habitualmente não faltaram

os brinquedos e os balões para os mais pequenos e as memórias... para os restantes...

DA FÁBRICA FAVORITA

Decorreu muito animadamente a festa que se realizou no amplo salão de cinema da Voz do Operário, dedicada ao pessoal da Fábrica de Chocolates Favorita e seus

filhos. A iniciativa foi especialmente consagrada à infância e teve a presença, não só de cerca de três centenas de crianças, acompanhadas das mães e pais, como dos administradores da Fábrica, srs. Mário Aguiar de Pina e Francisco de Lencastre Freitas e, ainda, da sr.ª dr.ª Sara Benoliel e mais senhoras dos serviços sociais.

O programa abrangeu a passagem de curiosos filmes de desenhos animados e a apresentação de artistas de variedades que mereceram grandes salvas de palmas.

NO DESPORTIVO DA MOURARIA

Ontem, o Grupo Desportivo da Mouraria, procurando como habitualmente valorizar a sua actividade com actos de beneficência, promoveu uma distribuição de brinquedos a cerca de 150 crianças pobres do bairro.

LABORATÓRIOS MEDICAMENTA

No pavilhão da Feira das Indústrias, realizou-se a festa de Natal do pessoal dos Laboratórios Medicamenta, estando presentes mais de 400 colaboradores daquela organização e seus familiares. Assistiram à festa os administradores dos Laboratórios, comandadores A. Diogo Bravo e dr. Miguel Cocco, eng.º Chaves Costa e Paulo Miguel Cocco, bem como as suas esposas e filhos.

O programa iniciou-se com

a leitura de poemas de Natal do poeta A. Sousa Freitas, seguindo-se a apresentação da peça «Os Ramos de Ouro», pelo Teatro de Gerifalito. Todas as crianças foram contempladas com bonitos brinquedos e aos colaboradores da Empresa foi oferecido um saco de Natal, contendo produtos para a casa.

COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

CANAS DE SENHORIM, 24 — Efectuou-se, tal como nos anos anteriores, nas instalações fabris da Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos, a festa de Natal dos filhos dos funcionários daquela organização.

Encontraram-se presentes, não só administradores da Companhia, mas também engenheiros directores de fábricas, mais empregados técnicos e outros, muitos operários e numerosas crianças.

A dada altura, algumas senhoras, esposas dos engenheiros directores, começaram a distribuir aos filhos dos vários servidores da Companhia, não só brinquedos, mas também peças de roupa. Mais de 1300 crianças receberam ofertas de Natal. Aos pais e às mães foram oferecidas outras lembranças e, como nos anos anteriores, géneros alimentícios.

PROCURADORIA DOS ESTUDANTES ULTRAMARINOS

Promovida pela Secção Feminina da Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos, realizou-se um jantar regional na Residência Nossa Senhora das Graças, sendo convidadas de honra os srs. ministro do Ultramar e o subsecretário de Estado da Administração Ultramarina. Estiveram ainda presentes a comissária nacional da Mocidade Portuguesa Feminina e comissária-adjunta para o Ultramar, além de outras dirigentes da Procuradoria. O jantar foi confeccionado pelas residentes das várias províncias ultramarinas, que fizeram pratos típicos, primorosamente expostos e muito apreciados. No final, as universitárias apresentaram números do folclore ultramarino.



A esposa do Chefe do Estado procede à distribuição do bode

A esposa do Chefe do Estado presidiu no Casino Estoril à distribuição de um bode

No amplo átrio do novo Casino, decorado com uma gigantesca árvore de Natal, foi distribuído o tradicional bode a famílias necessitadas da freguesia do Estoril. Presidiu à distribuição a sr.ª D. Gertrudes Thomaz, esposa do Chefe do Estado, que estava acompanhada de sua filha, D. Maria Natália Thomaz. Estavam também presentes as sr.ªs D. Maria Alice Gonçalves Rapazote, esposa do ministro do Interior, D. Marcelina Teodoro dos Santos, D. Maria da Conceição Azevedo Coutinho, D. Ana Maria Diaz Carvalho Maia Teodoro

dos Santos e D. Elvira Amaral, bem como os srs. Teodoro dos Santos, dr. Manuel Teles e Jorge Teodoro dos Santos, administradores da Sociedade Estoril-Sol, a quem se deve a iniciativa de oferecer este bode natalício a uma centena de pobres.

Enquanto decorria a distribuição do bode, cerca de quatrocentas de filhos de empregados do Casino Estoril assistiam a uma sessão de cinema — um dos numeros da sua festa de Natal, que prosseguirá depois com uma distribuição de brinquedos e terminou com uma merenda.

O cardeal-patriarca presidiu na Sé de Lisboa às comemorações de Natal e almoçou com dois pobres

A festividade do Natal foi ontem comemorada em vários templos da capital com as tradicionais cerimónias religiosas, todas elas com a presença de muitos fiéis.

Na Sé de Lisboa, a celebração teve maior brilho, com missa de pontifical — pela solidariedade do nascimento de Jesus Cristo — de voto joanino, homília e bênção papal. Já passava das 11 e 30 quando o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, chegou ao templo, onde foi recebido pelo clero e fiéis. Depois de se ter parabenizado no seu camarim, orou durante alguns momentos na capela do Santíssimo e dirigiu, em curto cortejo,

cretário D. Segismundo Saldanha.

Os cumprimentos do cabido e da Irmandade do Santíssimo

Finda a missa, o sr. cardeal-patriarca dirigiu-se provisoriamente para o seu camarim, tendo antes passado pela capela do Santíssimo. Recebeu, então como é da praxe, os membros do cabido em nome dos quais o rev.º cônego D. João de Castro lhe apresentou os cumprimentos. Depois, pela Irmandade do Santíssimo, falou o primeiro secretário D. Segismundo Saldanha. A todos o sr. D. Ma-



O cardeal-patriarca durante a concelebração na Sé

para a capela-mor onde tomou lugar no trono.

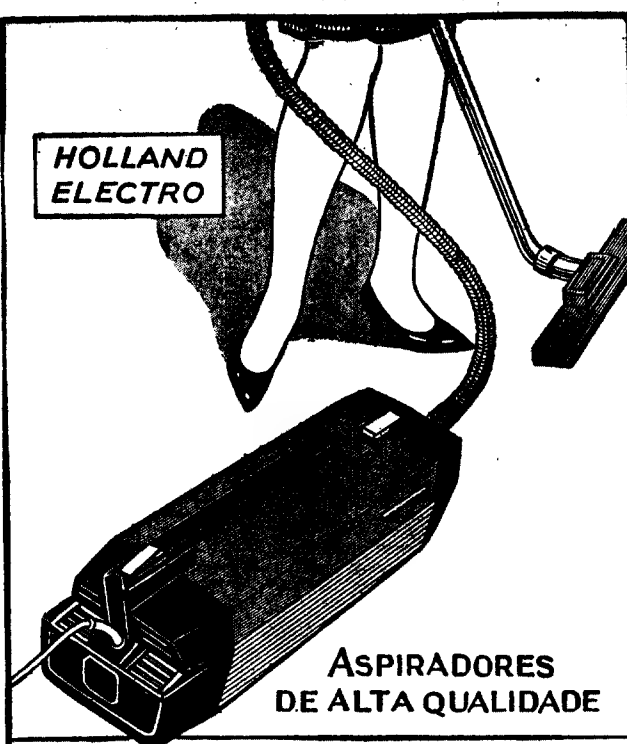
Nesse momento um grupo coral dirigido pelo prior da Sé, rev.º dr. Manuel Luís, começou a entoar o cântico de entrada da missa. Seguidamente começou a missa solene de pontifical, celebrada pelo púlpito, que teve como presbítero assistente o rev.º cônego D. João de Castro, pró-vigário geral da Patriarcalidade. Presentes e convergendo ricas do maticas bordadas a ouro sentavam-se em redor do altar o rev.º cônego dr. Figueiredo Sarmento, Gregório Neves e José Falcão; os beneficiados Polícarpo Canas e José Maria Rodrigues e o padre José Rocha, que dirigiu as cerimónias. Integrada na parte catequética da missa, o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira proferiu uma homília sobre o significado da festa do dia. Na altura própria os fiéis receberam a sagrada comunhão. Usando das faculdades que lhe são concedidas, o sr. cardeal-patriarca deu a bênção papal com indulgência plenária. No momento e em seguida, as suas opas vermelhas viam-se os componentes da Irmandade do Santíssimo, tendo à frente o primeiro-se-

creta, agradeceu, após o que se retirou, acompanhado até ao seu automóvel pelo clero, Irmandade do Santíssimo e pelos fiéis.

O sr. cardeal-patriarca almoçou com dois pobres

Como tem feito desde que ascendeu ao mais alto cargo na Igreja portuguesa, em comemoração da data do Natal, o sr. cardeal-patriarca de Lisboa ofereceu ontem, no paço do Ompo Santana, um almoço a dois pobres, um da freguesia de S. João de Deus, José Fernandes Gomes Soares, de 68 anos, e outro da freguesia de S. Domingos, Adriano Luís Neves, de 78 anos de idade, ambos indicados pelo Conselho das Condições de S. Vicente de Paulo, aos quais sentou à sua mesa, assim como todos os serviços e outros funcionários do Patriarcado. O sr. cardeal-patriarca serviu a refeição.

Durante o dia, muitas individualidades de várias categorias sociais deixaram ou enviaram cartões de cumprimentos ao sr. cardeal-patriarca que igualmente recebeu muitos telegramas enviados por todas as dioceses do País



A VENDA NO AGENTE:
REFRIGERAÇÃO POLAR, LDA.
AV. ALMIRANTE REIS, 94-C — LISBOA

SOL-AR ■ SOL-AR ■ SOL-AR ■ SOL-AR

A BELEZA DUMA CASA COMEÇA PELAS JANELAS



Os acessórios

Kirsch

para cortinas são práticos e eficientes

Deslizando suavemente, contribuem para a beleza e encanto dos interiores de uma maneira maravilhosa.

Fábrica de Estores SOL-AR
 ESTRADA DA CIRCUNVALAÇÃO, 11965-PORTO - TELEF. 61585
 RUA PONTA DELGADA, 26 - ABC - LISBOA - TELEF. 40887

SOL-AR ■ SOL-AR ■ SOL-AR ■ SOL-AR

*** IMPÉRIO**
(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
A elegância, o talento e a excentricidade de uma mulher que de louca só tinha o nome!
KATHARINE HEPBURN é

A LOUCA DE CHAILLOT
(Technicolor)
com Yul Brynner, Danny Kaye, Giulietta Massina, Charles Boyer, Nanette Newman, Richard Chamberlain, John Gavin

*** ESTÚDIO**
(M. 6 anos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
TECHNICOLOR
AS AVENTURAS DE PETER PAN

*** SÃO LUIZ**
(M. 6 anos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
TECHNICOLOR
Um filme para grandes que é a alegria dos pequenos!
SE O MEU CARRO FALASSE...
com Dean Jones, Michele Lee e Herbie

*** ALVALADE**
(M. 6 anos) Tel. 763080
As 15.45 e 21.45
SE O MEU CARRO FALASSE...
com Dean Jones, Michele Lee e Herbie

*** CASINO ESTORIL**
(M. 17 anos) Tel. 260729
As 17 e 21.30
A PERVERSA

Amanhã: Matinée infantil (M. 6 anos)
FESTIVAL TOM & JERRY n.º 1

*** CHIADO TERRASSE**
(M. 12 anos) As 15 e 21
OLHOS VERDES, LOIRA E PERIGOSA
O HOMEM DUPLO

*** EUROPA**
(M. 12 anos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
Com todo o seu humor inconfundível CANTINFLAS em

D. QUIXOTE SEM MANCHA
Sábado e domingo
«Matinée» infantil
As 18.15 (M. 6 anos)
LIVRE COMO O VENTO

*** MUNDIAL**
(Adultos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
EM 6.ª SEMANA
Vanessa Redgrave vive intensamente a figura da bailarina mais disputada do Mundo!
ISADORA
O filme mais importante do ano!
TECHNICOLOR
Metro: Estação Picoas

*** VOX**
(M. 12 anos) Tel. 720803
As 15.15, 18.30 e 21.30
O GOLPE DE OURO
com Anne Heywood, Richard Crenna e Fred Astaire, numa original história
R. Bulhão Pato (d. Av. Roma)

*** RESTELO**
(M. 12 anos) Tel. 610375
As 21.30 h.
O SANTO E A VENDETTA

*** LIDO**
Praça D. João I — AMADORA Tel. 937593
(M. 12 anos) As 21.30
Última exibição do filme mais feliz de sempre
MÚSICA NO CORAÇÃO
Magnífico espectáculo no écran-gigante — 70 mm

CONFRATERNIZAÇÃO
Os componentes do grupo excursionista «Totobolistas» de Lopes & Freitas promovem amanhã o seu primeiro almoço de confraternização, num restaurante de Lisboa.

*** TIVOLI**
(M. 12 anos) Tel. 54595
As 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
EM 2.ª SEMANA
UM FILME INCOMPARÁVEL em TODD-AO cor de Luxe com

BARBRA STREISAND HELLO, DOLLY
UMA MARAVILHA

*** SÃO JORGE**
(Adultos) Telef. 5 41 53/4
HOJE: As 15.15, 18.15 e 21.30
HUMOR EM DOSE PARA ADULTOS
DOUTOR... AGORA É QUE SÃO ELAS!
com Sidney James, Joan Sims, Kenneth Williams e Jim Dale

*** AVIS**
(M. 12 anos) Tel. 47163
As 18.30 e 21.45
ROGER MOORE na sua mais espectacular aventura
O «SANTO» EM ACÇÃO
com Sylvia Syme
EASTMANCOLOR

* OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO
COLISEU — As 21 e 30: «Nova Companhia de Circo» (6 anos).
TEATROS
CAPITÓLIO — As 21 e 45: «O Pecado de João Agonia» (17 anos).
MONUMENTAL — As 21 e 45: «Os elefantes não sentem os pulgares» (17 anos).

LAURA ALVES — As 21 e 45: «Forja» (17 anos).
ABC — As 20 e 45 e 23: «Ena já falas» (17 anos).
MÁRIA VITÓRIA — As 20 e 45 e 23: «Espetáculo solista» (17 anos).
VARIEDADES — As 20 e 45 e 23: «Peço a palavra» (17 anos).
VILARET — As 21 e 30: «Visão Voadora» (17 anos).

CINEMAS
OLÍMPIA — As 21: «A Fúria dos Apaches» (12 anos).
ARCO IRIS — As 21: «Zulu» (12 anos).
JARDIM — As 21: «O Inspector Clauseau» (12 anos).
IDEAL — As 21: «Tom Dollars» (12 anos).
CINEARTE — As 21: «Duelo de Vingança» (17 anos).
MOSCAVIDE — As 21: «Os três invencíveis» (12 anos).

● Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — As 21 e

*** MONUMENTAL**
(Adultos) Tel. 555131
As 15 e 21.30
No écran gigante 70 mm
GOODBYE, MR. CHIPS
(ADEUS, MR. CHIPS)
com Peter O'Toole e Petula Clark (M. 12 anos)

DIA 26:
QUINZENA INFANTIL
(M. 6 anos) HOJE: As 18.30
APURADOS PARA O SERVIÇO
de J. W. Horne
com Bucha e Estica
DIA 29:
OBRAS-PRIMAS DE WALT DISNEY
(M. 6 anos)

*** ODEON**
(M. 6 anos) Tel. 326283
HOJE: As 15.15, 18.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
O MARAVILHOSO FILME FAVORITO DAS CRIANÇAS
MARCELINO PÃO E VINHO

grande criação do pequeno actor PABLITO CALVO
A HISTÓRIA DE UM GAROTO PERANTE UM MILAGRE DO DIVINO JESUS

30: «Não esperes Django, dispara» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — As 17 e 21 e 30: «A Perversa» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «Funny Girls» (17 anos).

● Linha de Sintra
DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30: «Por um punhado de golpes» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Onde as balas assobiam» e «Objectivo Paris» (12 anos).

● Outra Banda
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — As 21 e 15: «El Dourado» (12 anos).

*** ROMA**
(M. 6 anos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.45
A obra-prima de CHARLIE CHAPLIN
O CIRCO
com CHARLOT

Atenção ao nosso «reveillon»
Programa em distribuição (M. 15 anos)

*** LIZ**
(Adultos) Tel. 48560
A GRANDE AVENTURA DE HANNIBAL OS 4 CAVALEIROS DE APÓS-CALYPSO

*** CONDES**
Tel. 522523-326710
As 15.15, 18.15 e 21.30
(Para todos)
O grande brinde das férias
A sensação feita cinema
ASTÉRIX E CLEÓPATRA
(Colorido)

*** IMPERIAL**
(Adultos) Tel. 45933
As 21 horas
O HOMEM, A MULHER E O DINHEIRO
O ESPÍO DE CHAPÉU VERDE

*** EDEN**
(M. 12 anos) Tel. 320746
As sessões de hoje começam às 15.15, 18.30 e 21.00
CANTINFLAS em
D. QUIXOTE SEM MANCHA

*** ESTÚDIO 444**
(Adultos) Tel. 779693
HOJE: As 15.30, 18.30 e 21.45
EM CONTINUAÇÃO DE ESTRELA 5.ª SEMANA
A espantosa comédia de PIETRO GERMI
DIVÓRCIO À ITALIANA
com Marcello Mastroianni

*** POLITEAMA**
(M. 17 anos) Tel. 326305
HOJE: As 15 e 18 e às 21 e 30
ÊXITO TOTAL
do filme de grande classe espectacular
A PELE DE UM MALANDRO
com o famoso ídolo CLINT EASTWOOD
HOJE: As 18 e 30 (M. 17 anos)
SESSÃO CLASSICA

Atenção ao nosso
GRANDE «REVEILLON»
Bilhetes à venda

HOTEL DOM CARLOS
Mercê do nível da nossa cozinha internacional e da seleccionada cozinha PORTUGUESA, o nosso Restaurante passou a ser ponto de encontro dos bons «GOURMETS».
ALMOÇO DE AMANHÃ:
FRANGO À MODA DE MONCHIQUE
AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 — TEL. 53 90 71 — LISBOA

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno D
AJUDA — Mendes Gomes, Calç. da Ajuda, 222 (638256) * Tapada, Lda., Calç. da Tapada, 83-A (634721).
ALCANTARA — Ester Nogueira, R. de Alcantara, 5-A (637563).
ALMIRANTE REIS — Lusa, Av. Almirante Reis, 99-A (42691) * Romano Baptista, R. Passos Manuel, 6-C (50593) * Magalhães, Av. Almirante Reis 4-D e 4-F (49479).

ALTO DO PINA — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A (à Pr. Paiva Couceiro) (843571).
ALVALADE — Líbia, Av. da Igreja 4-8-C (711681) * Nova Tarque, Av. Estados Unidos da América, 40-13 (junto a Entre-campos, 769658).
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (681515).
AREIRO — Marbel, Av. de Roma, 131-A (776235) * Lusitana, Avenida de Roma, 18-A (735443) * Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (710331).
AVENIDAS NOVAS — Lunguenit, Avenida da República, 55-A (772182) * Providência, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego) (770324) * 56 de Bandeira, R. Marquês 56 da Bandeira, 36-42 (41961-54672) * Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29-A (48966-55360).
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zaira, Casas Novas, Rua 66 (310172).
BAIXA — Simões Pires, Rua do Prado, 115 (362350).
BENFICA — Benficus, E. de Benficus, 444-A (782606) * Alegria, Estrada de Benficus, 180-A-B (780511) * Progresso, Estrada A-da-Mala, 64-C (702226) * Macedo, Est. do Poço do Chão, 69-G (703697).
CAMINHOS-DE-FERRO — Cruz de Malta, L. Chafariz de Dentro, 35 (866126).
CAMÕES — Andrade, R. do Alecrim, 125 (323446-370685).
CAMPO DE OURIQUE — Lináldo, R. Ferreira Borges, 30 (660955) * Fíndar, R. D. Maria Pia, 514 (687949).
CAMPO DE SANTANA — Península, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (533308).
CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo da Fonseca 153 (683438) * Zénel, Rua A, 182 (Bairro da Liberdade) (651840) * Nova, R. de Campolide, 297 (687475).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. do Mar, 15-B (ao Bairro do Grilo), Justiniano Padrel, 21 (832580).
ESTEFANIA — Fonseca, Largo de D. Estefânia, 4-5 (54808).
GRAÇA — Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A-39 (862909) * Higiénica, R. Heliodoro Saigado, 20-A (844361).

LUMIAR — Petuleira, R. do Lumiar 22 e 124 (790332) * Douro, Alameda Linhas de Torres, 93-A-B (791311).
MADRAGAÇA — Moderna, R. Garcia de Orta, 24 (66317).
MOURARIA — Ferrão, R. da Mouraria, 2 (860464).
ESTRELA E LAPA — Alb, R. de Santana à Lapa, 56 (663562).
OLIVEIRA — Simão, Av. de Berlim, Rua D, 1, 6-A (310581).
PALHAVA — Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (780841).
PEDROÇOS — Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (610280).
PICHELEIRA — Marlux, Calç. da Picheleira 40-B-C (720703 e 728395).
S. PAULO — Marcos do Nascimento, Calç. Marquês de Abrantes, 36-A (664238).
SANTO AMARO — Botânica, Rua da Junqueira, 38-40 (638132).
SANTA MARTA — Morais Sarmiento, R. de Santa Marta, 5-A, 5-B (46490).
S. Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (869831).
MOSCAVIDE — Varela, Av. Moscavide, 44 (Tel. 2518520).

● Linha de Cascais
ALGÉS — Nite — Av. Lombo à Guerra 64 (Tel. 212070).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039).
OELAS — Central, R. João Telheira Simões, 18 (Tel. 2430058).
PAREDE — Brandão — Av. da República, 77-C (Tel. 2471054).
ESTORIL — Marques dos Santos, R. Ferreira, J. A., 15 (260116).
CASCAIS — Cordeiro, Av. Comb. e Guerra, 40 (Tel. 280170) * Nova — Est. de Alvide (Fontainhas) (Tel. 281044).

● Linha de Sintra
AMADORA — Dias — Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589) * Campos — Rua Elias Garcia, 85 (Tel. 930072) * Cláudio — R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551).
DAMAIA — Damala — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523).
QUELUZ — André — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043).
QUELUZ — Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Quilma — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentin (Tel. 980456).
SINTRA — Marraxes, L. Afonso de Albuquerque (Tel. 980058).
VENDA NOVA — Nova, R. Elias Garcia, 10 (Tel. 933920).

COLARES — Colares — Abrejo (Tel. 299088).

● Outra Banda
ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos, 1-A (Tel. 23400).
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 274250).
ALMADA — Castro Rodrigues — Rua Capitão Leão, 45 (Tel. 270076).
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141).
BARREIRO — Normal — Av. Alameda da Silva, 6 (Alentejo, 2273035).
COVA DA PIEDADE — Atlântica, Quinta do Pombo (274365).
MOITA — União Maitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025).
MONTIJO — Giraldes — Rua Almirante Reis 45 (Tel. 233008).
SESIMBRA — Leão, Av. Salazar, (Tel. 229471).
SETUBAL — Bocageano — R. do Romeu (Tel. 23425) * Baitros — B. Santos Nicolau (Tel. 23330) * Seixal — Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560).

SERVÍCIOS URGENTES

Telefones
AGUA, GAS, ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861353 * Companhias Reunidas, 537011 * Gascido, 538821 * Gascido, Idem e telefones, 382069.
BOMBEIROS — Sapeadores 32222 Voluntários, 538524.
POLÍCIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Pública, 866141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 e G. N. R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soro, 771168 e 771169 * Transfusões, soro e oxigénio, 538524 * Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 765456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos-de-ferro, (C. P.), 869029 * Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 * Estação fluvial (T. Paço), 325345 * Estação marítima de Alcântara, 663195 * Estação Marítima de Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
REVEILLON 1969/1970
VARIEDADES
INFORMAÇÕES PELO TELEF. 790211
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)

TARANTELA
RESTAURANTE • SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIARIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento
RESTAURANTE antónio
COZINHA PORTUGUESA
Diariamente acordo de lagosta AR CONDICIONADO
ABERTO AOS DOMINGOS
R. TOMÁS RIBEIRO, 63
NOVO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APROPRIADO PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
CABRITO CONSTIPADO
Av. Praia da Vitória, 50-E (junto do Monumental)
Tel. 536080
POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
A PARTIR DAS 23 HORAS
(M. 17 anos)
COM O CONJUNTO DE HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D (à Av. Duque de Loulé)

restaurante arameiro
TRAVESSA S. ANTÃO, 21 (RESTAURADORES)
COMUNICADO
Por motivo do seu aniversário e festa de confraternização do pessoal, hoje, dia 26, os jantares terminam às 22 horas, em vez das 3 e 30 horas como é do nosso horário.
Aproveitamos a oportunidade para desejar a todos os Ex.ºs Clientes, Fornecedores e Amigos, Boas-Festas e um Novo Ano muito próspero.
A GERÊNCIA



Diário de Lisboa

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 64-5End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Box 2 — Portugal

FARO JÁ TEM TRANSPORTES URBANOS

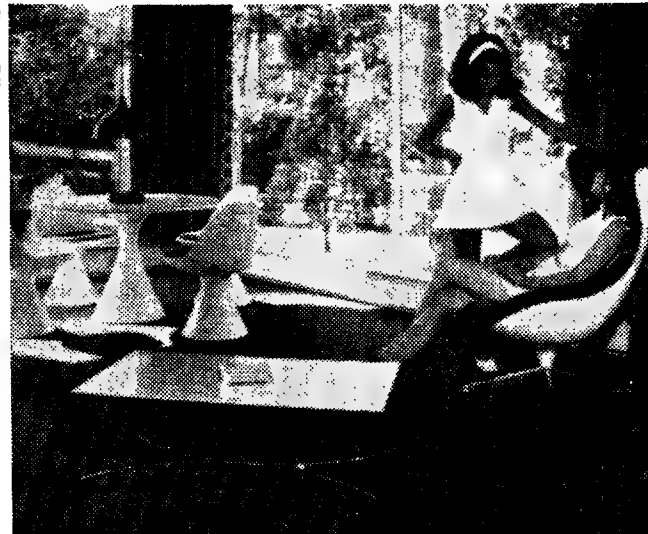
FARO, 26 — Inaugurou-se às primeiras horas da manhã de hoje o serviço de transportes urbanos desta cidade, de que é concessionária a Empresa de Viação Algarve, Lda. Trata-se de uma velha aspiração da cidade que, nos últimos anos tem conhecido um extraordinário alargamento da sua área sem correspondência no desenvolvimento dos serviços públicos de transporte.

Uma estação rodoviária foi criada pela empresa concessionária para satisfazer as necessidades da exploração do serviço. Trata-se de uma estação única em todo o Algarve. Situada na Avenida da República, está apetrechada com os mais modernos requisitos para o bom funcionamento das tarefas a que se destina. Pode alojar 14 veículos de grande porte,

tem várias bilheteiras, salas de espera, bar, etc.

Na cerimónia da inauguração estiveram presentes as principais autoridades da cidade e bem assim todas as forças vivas da capital algarvia. O sr. bispo do Algarve procedeu à bênção das instalações.

O serviço de transportes urbanos fica assegurado, de início, por três autocarros, número que será aumentado até às unidades suficientes para garantir a eficiência dos serviços.



O novo estilo de mobiliário inglês tem uma expressiva amostra nesta fotografia: linhas arredondadas, contornos lisos, conforto à vista...

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Estoril, 14,5°; mínima: Figueira de Castelo Rodrigo, — 5.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto, 3°; Penhas Douradas, — 3°; Coimbra, 4°; Portalegre, 2°; Lisboa, 8°; Faro, 9°.

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE: Em Portugal continental, o céu estava geralmente muito nublado no litoral oeste pouco nublado no interior; o vento era fraco ou moderado de noroeste e colar aguçados em alguns locais.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 13,8°; na água do mar, 10,5°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento fraco ou moderado do quadrante norte; aguaceiros fracos nas regiões do norte e centro; melhoria gradual do tempo a partir da manhã.

Amãhã
Nascer às 08 e 54
Ocaso às 18 e 21



Dia 31 Dia 7 Dia 14 Dia 22

MARES:

PREIA-MAR: Dia 26 — 5 e 50 (3,8 m); 18 e 12 (3,5 m). Dia 27 — 6 e 25 (3,8 m); 18 e 50 (3,5 m). Dia 28 — 7 (3,7 m); 19 e 25 (3,4 m). BAIXA-MAR: Dia 26 — 11 e 30 (1,2 m); 23 e 33 (1,3 m). Dia 27 — 12 e 04 (1,2 m). Dia 28 — 0 e 12 (1,3 m); 12 e 43 (1,3 m).

NOTA SALIENTE

Ao regressar, esta tarde, da Guiné, o almirante Pereira Crespo, ministro da Marinha, que ali tomou parte no 11.º jantar natalício da Armada, declarou: — A única nota saliente é que as populações continuam absolutamente ao nosso lado. Tem a maior confiança na habilidade política dos nossos governantes.

Onze mortos no incêndio de um hotel

SAFFRON WALDEN (Inglaterra), 26 — (R.) — Elevase a 11 o número de pessoas mortas no incêndio de um hotel nesta localidade, a 78 km de Londres.

Os bombeiros encontraram mais corpos entre os destroços do Rose and Crown Hotel, uma construção do século XVII.

O incêndio começou pouco depois da meia-noite quando dormiam no hotel cerca de 40 hóspedes e empregados. Entre as vítimas figuram duas crianças.

O proprietário de um bar próximo contou que as pessoas se debruçavam de janelas do hotel, gritando por socorro.

Um dos hóspedes foi salvo pelos bombeiros, mas a mulher, que gritava na janela ao lado, caiu para dentro do quarto. Um outro hóspede conseguiu trepar até ao telhado. Contudo, foi envolvido pelas chamas, morrendo.

Houve gente que conseguiu descer pelo algeroz e uma mulher passou para a rua descendo por uma série de juncos atados uns aos outros.

AOS QUE PREFEREM A CASA DA SORTE

É um facto verificado diariamente por milhares de pessoas que os Estabelecimentos da Casa da Sorte são já pequenos para comportar os milhares de pessoas que os procuram. Este congestionamento dos Serviços agrava-se naturalmente da parte da tarde. Por outro lado, não é possível, de momento, alargar as instalações.

Por esse motivo, a Gerência da Casa da Sorte pede, àqueles que o possam fazer, o favor de procurarem também os seus estabelecimentos da parte da manhã e nas horas do intervalo do almoço, período em que poderão ser atendidos com maior rapidez e comodidade.

Aproveita a Casa da Sorte o ensejo para agradecer a quantos a distinguem com a sua preferência, certos de que só tem Sorte quem compra Lotaria, se tiver Sorte quem a vende. E a Sorte da Casa da Sorte está largamente demonstrada em mais de 30 anos de actividade, durante os quais tem ocupado sempre o primeiro lugar na venda de Prémios Grandes e no respectivo montante.

Lembra ainda a Casa da Sorte que todo o comprador de Lotaria, onde quer que se encontre, deve no seu próprio interesse verificar se no verso de qualquer fracção se encontra o carimbo da Casa da Sorte, autêntica e permanente «fábrica» de milionários.

Aos seus Exmos. Clientes deseja a Casa da Sorte um Novo Ano cheio de venturas e de «Sortes Grandes».

CASA DA SORTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO MUNDO
EM LOTARIAS E TOTOBOLA
AO SERVIÇO DOS PORTUGUESES

LISBOA — PORTO — COIMBRA — BRAGA
LUANDA — LOBITO — L. MARQUES

COMUNICADO

PAQUETE SANTA MARIA

CRUZEIRO DO FIM DO ANO À MADEIRA

AVISAM-SE OS SENHORES EXCURSIONISTAS que o embarque se fará na Gare Marítima de Alcântara.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

Cofres de aluguer

Av. República, 3

BANCO DO ALENTEJO



HOTEL EMBAIXADOR

TRADICIONAL «RÉVEILLON»
COM UM MAGNÍFICO «SHOW»

• ANNIE BRIGHT

SINO * LIDIA RIBEIRO

STARLIGHT SHOW

com GEORGE ANTHONNY

Música constante por três conjuntos, um dos quais privativo do «Terraço das Estrelas», com MANUEL VIEGAS

PREÇOS: Restaurante e boite — Ceia, com reserva de mesa, 300\$00. (Taxes e impostos não incluídos). No Rés-do-chão — Entrada 150\$00 (com direito a 50\$00 de bebidas, acrescidos das taxas regulamentares)

NO DIA DE ANO NOVO

Jantares com ementa especial ao preço de 130\$00. (Taxes e impostos não incluídos)

Registaram-se dois abalos de terra

PORTO, 26 — O Instituto Geofísico da Universidade (serra do Pilar) registou, ontem, às 6 horas, 6 minutos, 2 segundos e 9 décimos um sismo de fraca intensidade, cujo epicentro deve ter-se localizado a 530 quilómetros daquela estação sismográfica na direcção sudoeste.

Ontem, cerca das 22 e 42, outro sismo, cujo epicentro se localizaria na América Central, e de intensidade para já desconhecida. Informações recebidas, mas ainda por confirmar, dizem que este abalo de terra foi muito violento na região de Guadalupe.

TRÊS PORTUGUESES MORTOS EM FRANÇA

PARIS, 26 — (F. P.) — Uma família portuguesa foi descoberta inanimada ontem à noite, pelas 22 ho-

ras, na sua residência da Rua Pierre-Curie, 34, em Bry-Sur-Marne, ao que parece intoxicada por óxido de carbono. O pai, Graciano Henriques, de 45 anos, e o filho, Francisco, de 11 anos, estavam mortos. A mãe, Vicência, foi transportada para o hospital da cidade universitária em estado grave. A Polícia abriu um inquérito.

NUM DESASTRE DE AUTOMÓVEL

MACON, 26 — (F. P.) — Um português, António Marques, de 23 anos, residente em Paris, na Rua Ordener, 4, perdeu a vida ontem de manhã num desastre de automóvel.

O acidente deu-se entre Chalon e Macon. O carro, conduzido pela vítima, foi chocar com uma árvore,

Médio Oriente: guerra ou diplomacia?

Pela quinta vez em seis anos os chefes dos Estados árabes encontraram-se para definir uma atitude comum no seu conflito com Israel. Desta vez Rabat foi o local de encontro escolhido. A margem das suas deliberações, tentaram aplacar as dificuldades que os opõem. O problema mais grave que tiveram de enfrentar foi a questão suscitada pelo confronto armado entre a Arábia Saudita e a República Popular do Yemen do Sul (cujo fulcro é o «controle» de uma localidade fronteiriça).

Esta conferência — tal como as anteriores, aliás — não alimentou a ambição de conciliar a manobra duradoura regimes sociais diferentes ou harmonizar interesses económicos e políticos divergentes. Mas os representantes dos tantos centos de milhões de árabes que se consideram directamente ligados ao problema palestino são convidados a tirar as conclusões de vinte e oito meses de esforços infrutíferos para «apagarem as consequências da agressão israelita de Junho de 1967».

Reunida três meses depois da derrocada, a conferência de alto nível de Kartum foi a da «solução política». Pela primeira vez em vinte anos os Estados árabes proclamaram publicamente — quase unânimes — dispostos a sancionar uma solução pacífica que lhes permitisse recuperar os territórios conquistados. Para

que este reconhecimento de facto de Israel — nas suas fronteiras anteriores à guerra — não fosse interpretado pela sua opinião pública como uma «capitulação», os chefes de Estado entenderam necessário especificar que um eventual regulamento excluiria negociações directas, um tratado de paz e o reconhecimento de jure do Estado judeu.

Em Novembro de 1967, o Conselho de Segurança adoptava, de forma unânime, uma resolução que parecia ter em conta, simultaneamente, as preocupações árabes e os interesses fundamentais de Israel. Este texto recomendava a «instauração de uma paz justa e duradoura» entre os beligerantes sem, por isso, especificar qual o processo a seguir. Previa «a retirada das forças armadas israelitas dos territórios ocupados, por altura do último conflito», mas, em troca, convidava os Estados árabes a porem termo ao estado de guerra (em vigor desde 1948), a reconhecerem e a respeitarem a soberania, a integridade territorial e a independência de Israel, assim como o seu direito de «viver em paz no interior de fronteiras seguras e reconhecidas». A resolução de 22 de Novembro previa, além disso, a liberdade de navegação nas vias marítimas internacionais (o golfo de Akaba e o Canal de Suez) e a criação de zonas des-

(Cont. na última pág.)

MESA REDONDA

REALIDADES E PERSPECTIVAS LATINO-AMERICANAS

As novas tácticas da esquerda peruana

CARLOS RAFAEL MARQUEZ

O ouro amarelo ia para Espanha. O ouro negro para os Estados Unidos. Agora os peruanos querem-no para eles. 1824 foi o ano da independência política. 1968 marcará na História o primeiro gesto de rejeição da tutela económica americana. E, pelo menos, o que afirmam os generais chegados ao Poder pelo golpe de Estado de Outubro do mesmo ano e que, três semanas mais tarde, expropriavam as instalações petrolíferas da International Petroleum Company, facto naturalmente surpreendente... Na América Latina os militares só substituem os Governos constitucionais para vibrar golpes de direita e dar satisfação aos «caciques» da Casa Branca, do Pentágono e da Wall Street. Por isso os «trusts» americanos proclamaram guerra imediatamente; a Standard Oil de New Jersey conseguiu que Washington ameaçasse com graves sanções económicas e desencadeou na imprensa internacional uma vasta campanha de

difamação. O Governo de Lima respondeu exigindo da companhia expropriadora o pagamento de 690 milhões de dólares de imposto em atraso, reconciliando-se com Moscovo e lançando em todo o continente uma ofensiva diplomática que reavivou os sentimentos nacionalistas e «antiyankees» nas Repúblicas latinas.

A hostilidade para com os Estados Unidos é hoje tão forte como após a invasão militar da República Dominicana, em 1965; a prová-lo estão os tumultos, actos de terrorismo e tiroteio que marcaram a viagem do governador Rockefeller.

Condenado o latifundiário

Os generais de Lima não se limitaram apenas a essas medidas. Elevaram para 200 milhas o limite das águas territoriais e aprisionaram por diversas vezes barcos de pesca americanos. Promulgaram um decreto destinado a controlar os barcos estrangeiros. Recusaram-se a receber o enviado especial do presidente Nixon. Anunciaram que exigiriam a partida das missões militares americanas caso Washington decretasse a proibição da venda de armas. Finalmente, em Junho do ano corrente, proclamaram uma reforma agrária que atingiu tanto as terras das grandes famílias tradicionais como as vastas plantações dos grupos estrangeiros. A junta militar pôde, por fim, remeter para as declarações favoráveis de Fidel Castro aqueles para quem o referendo soviético deixou de ser a garantia de autenticidade revolucionária.

Em menos de um ano, a «ditadura» do general Alvarado ousou pois fazer aquilo que os Governos «democráticos» anteriores apenas haviam prometido. Há quem a classifique de «nasserista» e pergunta-se porquê tudo isso não seria válido para os outros países do continente. É necessário explicitar o conteúdo deste nasserismo antes de nos pronunciarmos sobre as suas possibilidades de «exportação».

Quem paga a despesa deste reformismo? Os grandes proprietários rurais e os «trusts» estrangeiros. E a imprensa de Lima tem razão quando declara, na primeira página e em grandes títulos: «A nova lei de reforma agrária liquida o latifúndio» («El Expreso» de 25 de Junho). «A terra será para aqueles que a trabalham» (idem). «As plantações de cana-de-açúcar são repartidas» («La Prensa», de 27 de Junho). O texto da lei confirma os grandes títulos; a oligarquia da terra é, enquanto tal, condenada à morte e apenas lhe resta um recurso: transformar-se em burguesia moderna e liberal. A única forma de indemnização prevista é a atribuição de títulos exclusivamente negociáveis a favor do plano de industrialização estabelecido pelo Governo. O que resta do feudalismo é atingido em cheio; a economia agrária passa a segundo lugar e deverá, no futuro, servir a in-



General Alvarado

dustria; o regime de semi-serviço foi abolido. Eis a situação no que respeita à «revolução burguesa».

A união dos conservadores e a C. I. A.

Os outros grandes proprietários lesados são a Cerro de Pasco Corporation, a Grace and Company, a International Business Company, da família Rockefeller, e as plantações pertencentes a firmas alemãs. Resta-lhes juntar-se ao «trust» vítima da nacionalização do petróleo. O reformismo da junta é francamente nacionalista e por isso anti-imperialista.

Contudo, este nacionalismo é anti-oligárquico sem ser proletário. Escolheu o campo da pequena burguesia e da classe média. É sobre elas que a junta se apoia a fim de, por um lado, enfrentar a santa aliança constituída pelos vencidos e, por outro lado, conter o movimento de radicalização preconizado pelas organizações revolucionárias.

A conspiração pró-imperialista foi dominada; o Governo denunciou-a de maneira tão clara como denunciou a esquerda revolucionária, embora a partir de elementos diferentes. Para o Governo a insurreição camponesa de Huenta, sincronizada em Junho passado com a revolta estudantil d'Aya-

(Cont. na última pág.)

A criança e o livro



Mesa-redonda efectuada na Cooperativa Ludus e na qual tomaram parte António Torrado, Calvet de Magalhães, Lília da Fonseca, Mário Castrim, Matilde Rosa Araújo e Rui Grácio. Serviu de moderador Correia da Fonseca

(na pág. central)

espelho da imprensa

«Um mandato indeclinável»

«Nós tínhamos em Portugal uma tradição de eleições tumultuosas ou desinteressadas. Alguns actos eleitorais ficaram na História — e até na descrição literária das evocações artísticas dos escritores — como páginas sangrentas. O que se passou em 26 de Outubro, pela afluência de gente, pela paciência na espera longa, pela compostura, pela serenidade, pela correcção, pela autenticidade indiscutível, foi qualquer coisa de novo e teve em si mesma o significado maior.

Certo, naquela multidão de eleitores manifestava-se em plena consciência a comunidade nacional com raízes de séculos e com sentido de missão. Transmítido o mandato, é ainda a mesma comunidade que fala pela boca de Marcello Caetano, de acordo com o voto da Assembleia Nacional, no propósito firme de realizar uma política nacional de manutenção e defesa da unidade e integridade de todos os territórios portugueses, de protecção das respectivas populações e do seu desenvolvimento económico e social.

Era palavra antiga, na boca do povo: «Deus disse: faz tu que eu ajudarei.» O Presidente Marcello Caetano pôs noutra equação os termos de actuação e auxílio: «Farei se a Nação me ajudar.»

Com certeza, não faltaremos.

(Do editorial do «Diário da Manhã», de 19-12-69)

«Onde vos dizemos quem somos»

«Qual é a tarefa que esta nova equipa de «O Tempo e o Modo» se propõe?

Em primeiro lugar, contribuir para fornecer à esquerda portuguesa os instrumentos teóricos que lhe tem faltado, inspirando-se para tanto nas análises socialistas não-reformistas e nas práticas (teóricas ou práticas) que desse socialismo se conhecem.

Não sendo, porém, um partido político, nem obedecendo a directrizes de nenhuma organização política ou facção política, «O Tempo e o Modo» cumprirá essa função com total independência, não assumindo posições estratégicas, táticas ou organizativas e praticando em todos os sectores em que a sua actividade decorre uma confrontação entre essa posição e a análise teórica entendida como adequada.

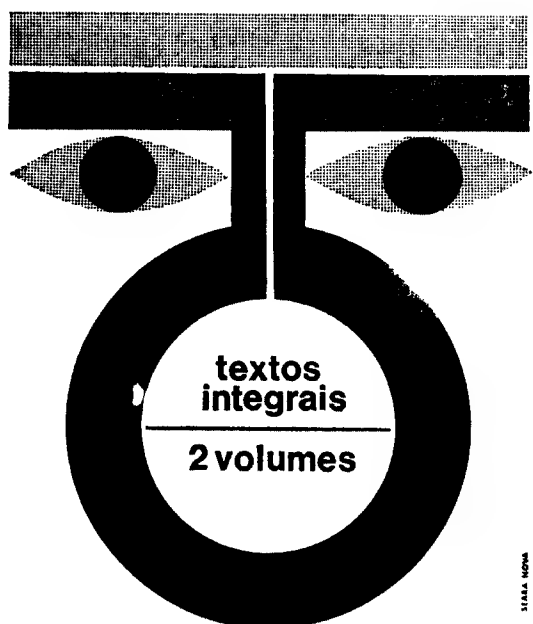
Em segundo lugar, «O Tempo e o Modo» procurará lutar contra todas as soluções de circunstâncias ou sectoriais (de tipo tecnocrático ou de tipo exclusivamente político) visando no campo político, social, cultural, moral ou económico a instauração de novos tipos de relações humanas, de novas formas de sociedade, de novas abordagens de revolução necessária (e necessariamente permanente) à edificação dum «homem novo». Não damos a esta expressão nenhum significado escatológico, humanista, nem nos atribuímos intenções salvíficas; pretendemos aquilo que pretendemos: lutar, não moralizantemente, mas ideologicamente, por um mundo habitável e justo. Ao modesto, mas necessário nível, que lutar numa Revista pressupõe.

(Do editorial de «O Tempo e o Modo», n.º 74, nova série, de Dezembro de 1969)

NOVIDADE «SEARA NOVA»

II Congresso Republicano de Aveiro

TESES E DOCUMENTOS



obra fundamental de análise à vida portuguesa



Dr. Vale Guimarães — governador civil de Aveiro

Vitória - 1

«Tomei a iniciativa de promover este almoço — pelo número e pela qualidade dos participantes, sem dúvida raro ou até único em Portugal — por me parecer que vitória tão expressiva como a alcançada no nosso distrito, em 26 de Outubro, merecia comemoração em tudo digna de si própria. E dignidade não pode traduzir, e não traduzirá, para o aniversário, minimização ou menos respeito por ele. Aliás, nem o nosso civismo nem o nosso espírito de tolerância o consentiriam, apesar de, durante a campanha eleitoral, os homens do Regime, por todo o País, terem sido áperamente atacados e até injuriados em inflamados discursos — discursos dos quais se não pediram, nem pedem, responsabilidades e são categoricamente desmentido à falta de liberdade apregoadas.»

Vitória - 2

«Conscientes das nossas razões e força, esqueçamos agravos, para se manter o firme propósito de se criar entre os portugueses clima em que respeito e compreensão sejam regras intocáveis, na medida, porém, em que tal propósito não ponha em causa a defesa do essencial — matéria onde a transigência não é possível.»

Vitória- 3

«Teve Marcello Caetano a preocupação de fazer rodear a eleição de de autenticidade, convencido como estava de que, só dessa maneira, saberia se o povo português o acompanhava no seu propósito de levar o Regime a evoluir na continuidade. Concedeu, por isso, ao adversário meios de acção e assegurou-lhe possibilidades de fiscalização que imprimitam ao acto elevado grau de honestidade.

Não obstante as facilidades concedidas, a garantia de fiscalização credenciada e a obtenção de cópias completas dos cadernos eleitorais, a vitória foi espectacular — por muito que pese a uns tantos, para quem «evolução» é sinónimo de suicídio.»

(Palavras do dr. Vale Guimarães, governador civil de Aveiro, no almoço efectuado naquela cidade)

ASSIM VAMOS NÓS

Vitória e liberdades

«Eu vinha para festejar convosco a vitória dos senhores deputados de Aveiro e quase sem o querer, contagiado, encontrei-me a meditar os fundamentos do regime, aqueles mesmos fundamentos que os nossos adversários pretendem abalar e destruir e nós sentimos cada dia mais válidos.

Adam a nossa volta muitas e variadas utopias que perturbam ou querem perturbar a ordem constitucional que construímos, impedindo manifestamente a progressiva conquista das liberdades essenciais que, no nosso contexto sociológico, só a autoridade forte pode assegurar.»

(Palavras do ministro do Interior dr. Gonçalves Rapazote na mesma manifestação política).

Medicina do trabalho

«E depois de recordar o interesse que os problemas da medicina do trabalho têm merecido por toda a parte (designadamente na Organização Internacional do Trabalho e na Organização Mundial de Saúde), o texto legal em causa recorda que a progressiva industrialização do nosso País não tem sido suficientemente acompanhada pelo desenvolvimento de serviços da medicina do trabalho nas empresas, razão por que se impunha a sua institucionalização com carácter obrigatório. E foi o que se fez, usando embora da maior prudência e magnanimidade, como o demonstra o facto de, tendo sido publicado em 1967 o mesmo decreto-lei só determinou a sua vigência para dois anos depois e apenas quanto às empresas com mais de 200 trabalhadores (além daquelas em que haja risco de doença profissional de notificação obrigatória). Em dados provisórios e com referência a 1968, são em numero de 881 as empresas que entre nós empregam mais de 200 trabalhadores e 73 aquelas em que, independentemente do numero de trabalhadores, há risco de doença profissional. Mais em pormenor, é a seguinte a distribuição, no território metropolitano, dessas empresas: Nos distritos do Norte (Porto, Viana do Castelo, Braga, Bragança e Vila Real), 359 empresas com mais de 200 trabalhadores e 32 com risco de doença profissional; nos distritos do Centro (Aveiro, Coimbra, Castelo Branco, Guarda e Viseu), 116 e 19 respectivamente; nos distritos do Sul (Lisboa, Leiria, Santarém, Portalegre, Setúbal, Évora, Beja e Faro), 416 empresas com mais de 200 trabalhadores e 30 com risco de doença profissional. Numeros que, como se vê, são relativamente moderados se tivermos em conta que em Dezembro de 1968 existiam no Continente 9811 empresas das quais 4072 com mais de 20 trabalhadores e menos de 50, 1530 com o numero de trabalhadores entre 50 e 100 e 1166 com um numero entre 100 e 500 trabalhadores.»

(Do discurso do ministro das Corporações proferido no Porto, em 13 do corrente, na sessão de encerramento do I Simposio de Medicina do Trabalho).

ASSIM VAI MUNDO

Turismo

A Grã-Bretanha renova a sua campanha turística, multiplicando as iniciativas e dando sopro novo a ideias já velhas. Desde a valorização de locais para férias em «roulottes», à instalação em quintas e fazendas típicas, ao acampamento em meios agrícolas, com participação nos trabalhos rurais, as hipóteses de estadia em Inglaterra multiplicam-se num grande esforço de imaginação. Saliente-se, entretanto, a modalidade que consiste na permanência em casas particulares, no convívio com famílias britânicas.

Um centro de turismo exis-

tente em Londres possui um registo de famílias na região da capital britânica dispostas a receber turistas estrangeiros. Ao velho estilo da organização inglesa, tudo está previsto, até à necessidade de inscrição por escrito, com a antecedência de pelo menos seis semanas (e de três meses no periodo de Julho a Agosto).

Investigação

Entre 1965 e 1969, a Itália destinou 1680 biliões de liras à investigação científica e tecnológica, investimento que tem permitido um avanço considerável da produtividade do país e a competição com outras na-

ções na conquista de mercados internacionais.

No quadro do programa quinquenal foi particularmente intensa a actividade desenvolvida no ano de 1969 que atingiu um total de despesas de 422 biliões de liras, dos quais 218 biliões provenientes do Estado, 53 biliões das empresas com a participação pública, e 151 biliões devido à iniciativa das empresas privadas.

Verifica-se que todos os sectores da vida económica italiana se dedicam de forma e em medida adequadas aos respectivos interesses. O esforço de investigação reflecte-se no extraordinário progresso industrial e tecnológico da Itália.

Como se alimentam os portugueses?

Terminamos neste número a série de breves entrevistas acerca da alimentação dos portugueses. Desta vez, os nossos entrevistados residem em Lisboa. Como nos casos anteriores, publicamos também alguns comentários aos depoimentos, feitos pelo médico dr. Manuel Sá Marques.

CARNE, NÃO

Armando Costa dos Santos, de 44 anos, tipógrafo, respondeu-nos:

— Costumo almoçar no refeitório da Imprensa Nacional, onde trabalho, e onde a refeição me sai por 9\$60. Hoje ao almoço comi bacalhau. Só com batatas. Não costumo comer carne, não gosto. A menos que seja de porco. É a única carne que aprecio.

— Quantas refeições toma por dia?

— Apenas duas: almoço (às 12 e 30) e jantar (às 20 e 30). Pequeno almoço não tomo. Estou em jejum até à hora de al-

moçar. Antigamente comia uma sandes a meio da tarde, mas depois que proibiram esta prática não infiro nada entre o almoço e o jantar.

— Que costuma beber?

— Às refeições, vinho: três decilitros, mais ou menos. Café, pouco, só depois das refeições e nem sempre. Fora delas é raro. O que bebo com mais frequência é uns bagaços, umas aguardientes, mas não em demasia.

— Fruta, come?

— Sim, bastante. Mesmo fora das refeições. Costumo comer banana, maçã, laranja.

— Bebe leite?

— Não. É raro.



Armando Costa dos Santos

Comentários de um médico

Pelas respostas de hoje verificamos terem os entrevistados uma alimentação constituída essencialmente por duas refeições diárias — o almoço e o jantar, hábito indesejável sobre o qual fizemos já algumas considerações.

De uma maneira geral são pessoas de vida sedentária, com uma alimentação que no total parece suficiente ou mesmo demasiada em relação às necessidades. Lembremos as respostas do terceiro senhor entrevistado, querendo-se de ser gordo e referindo tomar diariamente «7 cafés com muito açúcar». Façamos contas. Se dissolve em cada chávena de café um pacotinho de 10 gramas de açúcar,ingere cerca de 2 quilos de açúcar durante um mês e «um saco de 24 quilos por ano!»

No conjunto têm sido inquiridas pessoas que vivem em meio urbano, com um tipo de alimentação condicionada por características correspondentes e de uma maneira geral uniformes.

Todos conhecemos como são diferentes os hábitos alimentares dos vários meios rurais e também sabemos como as percentagens dos indivíduos vivendo em grandes centros, cidades e vilas industrializadas, aumentam vertiginosamente, sendo impressionantemente escassa a população rural.

A maioria das populações converge para os locais onde a grande actividade é desempenhada pelas máquinas, evitando-se hoje o trabalho muscular que o homem fazia desde milénios. Mesmo nos campos os trabalhos vão passando a ser feitos por máquinas. Assim nas sociedades modernas os indivíduos têm uma vida muito menos activa, em relação àquela que faziam os nossos pais e avós. Estes iam para o trabalho a pé ou de bicicleta, hoje deslocamo-nos em transportes colectivos, em motorizadas ou mesmo nos nossos automóveis. Aqueles trabalhos antigamente feitos à custa de força muscular, são hoje executados por máquinas, as quais são vigiadas pelos homens, necessitando da sua atenção. Substituiu-se assim o esforço muscular pelo esforço de tensão nervosa. O homem continua a ter actividades fatigantes, mas exercendo pou-

co esforço físico, tem as suas necessidades alimentares diminuídas. Uma grande parte da população com recursos económicos suficientes come demasiado, come mais do que precisa.

Todas as condições de vida se vão modificando. A alimentação deixa de ter um cunho familiar, passando as refeições a fazer-se em restaurantes ou cantinas. São cada vez em maior número as mulheres que abandonam os chamados trabalhos domésticos, solicitadas por outras ocupações.

De uma economia tradicional passou-se para uma economia de consumo, onde a população tem à sua disposição uma variedade e uma quantidade de alimentos que os nossos antepassados nunca suspeitariam.

A maior parte das populações europeias está a passar repentinamente de uma civilização tradicional — civilização de características rurais, para uma civilização de consumo — civilização de essência industrial e urbana. Os seus hábitos alimentares também se vão modificando, mas sem serem adaptados às condições de vida actuais. A evolução espontânea destes hábitos está, pelo contrário, em relação estreita com as doenças chamadas de civilização. Abundam os diabéticos, os obesos, os doentes com úlceras do estômago, os gotosos e as pessoas que padecem de doenças vasculares.

Torna-se portanto imperioso consciencializar o homem moderno sobre a sua alimentação racional, integrada no total das suas actividades e desejos. Na escola deve começar logo a receber uma «educação nutricional» e apropriada. Os responsáveis pelo funcionamento dos refeitórios, restaurantes e cantinas têm que conhecer os problemas próprios sobre a ciência da alimentação e estarem bem conscientes dos seus deveres. É importante e imprescindível uma coordenação entre a produção de alimentos, a indústria alimentar e as necessidades das populações. Todo um conjunto de medidas, toda uma política, com viabilidade unicamente numa sociedade verdadeira.

MANUEL SÁ MARQUES

três refeições — continua. O pequeno almoço tomoo às 8 e 30 (leite com pão); almoço às 12 e 30 e jantar às 20. Habitualmente não ceio, mas às vezes como qualquer coisa antes de me deitar. Um bolo, por exemplo. Sou muito guloso. Nunca lancho. Quanto a café, bebo uns quatro ou cinco por dia. Fora das refeições não como fruta, mas às vezes como um bolo.

— Já fez dieta alguma vez?

— Nunca. Prefiro viver menos dez anos a ter de fazer dieta...

— Prato preferido?

— Migas de carne de porco, à moda do Alentejo.

SÓ DOIS CAFÉS

Quando encontramos o sr. Jorge de Vasconcelos, de 37 anos, empregado de escritório, não demorámos tempo em compreender que estávamos em presença de uma pessoa regrada, com horas certas para comer:

— Sim. Tomo sempre as refeições a horas certas: almoço às 12 e 30; jantar às 19 e 30. São as duas únicas refeições que faço diariamente, se exceptuarmos um copo de leite que bebo de manhã. Bebo também um número curto de cafés por dia: dois. Um depois do almoço e outro depois do jantar. Fora das refeições não



Jorge de Vasconcelos

— Toma vitaminas?

— Não.

— Já alguma vez fez dieta?

— Já. Apanhei duas intoxicações, por causa do meu trabalho, e tive de fazer dieta: peixe cozido e fruta cozida. Só me custou até certo ponto, porque a pescada cozida é o prato que eu mais aprecio.

COMIDA CASEIRA

— Pelo meu almoço de hoje pode fazer ideia do que é vulgarmente a minha alimentação: sopa de legumes, peixe frito com arroz de tomate e fruta. Comida caseira, pois como em casa todos os dias. Só raramente é que vou ao restaurante.

A resposta é do sr. Joaquim Martins de Carvalho, de 34 anos, funcionário público.

— Faço habitualmente



Joaquim Martins de Carvalho

— Com que acompanha as refeições?

— Com água. Nunca bebo vinho nem bebidas alcoólicas. Uma vez por outra, depois do café, tomo um licor: um aniz.

bebo. À noite, antes de me deitar, costumo beber um copo de leite.

— Que pratos entram com mais frequência nas suas ementas?

— Gosto de tudo: peixe e carne. Normalmente se como carne ao almoço, como peixe ao jantar e vice-versa. Costumo almoçar num restaurante, mas janto em casa. Um prato preferido: olhe, caldeirada. É um dos pratos que mais aprecio.

— Costuma comer fruta?

— Uma vez por outra.

— Com que acompanha as refeições?

— Com vinho. Meio litro, normalmente.

— Toma vitaminas?

— Não. De nenhuma espécie — a não ser, evidentemente, as que integram a constituição dos alimentos que ingiro.

— Já alguma vez fez dieta?

— Já. Uma vez, a conselho do médico. Estava com peso excessivo. Durante seis meses subordinei-me a um regime: carne e peixe grelhados, nada de gorduras, nada de farináceos. Abati quatro

Cont. na pág. 8

Cortina

J. Mendes Coelho, Lda.

3. Alexandre Heróulano, 6-A



Escort

REQUETE EN INVESTITURE

A Monsieur le Président du
Tribunal de 1re Instance
B U K A V U

Ont l'honneur d'exposer:

- 1.° Monsieur FERRAZ Alberto, Henriques, Videira;
- 2.° Dame GOUVEIA Maria, Seda, veuve de FERRAZ Antonio, Leopoldo, Henriques, Videira, domiciliée à Vila Nova de Tazem;
- 3.° Les héritiers de Monsieur FERRAZ Antonio, Leopoldo, Henriques, Videira, décédé le 17 novembre 1968;

- a) FERRAZ José, Alberto, Gouveia, né le 26 mars 1952 à Lubumbashi;
- b) FERRAZ Luís, Manuel, Gouveia, né le 1er novembre 1953 à Likasi;
- c) FERRAZ Henriques, Fernando, Gouveia, né le 24 novembre 1954 à Likasi;
- d) FERRAZ Ana, Paula, Gouveia, née le 28 août 1958 à Goma;

ayant pour Conseils Maîtres Albert BRYN, Albert F. L. LIEBAERT, Jacques HERMAN et Pascal NDUDI-NDUDI, Avocats à la Cour d'Appel de Kinshasa et y résidant Boulevard Tikiens n.° 653 (Ex-14);

Que leur père, beau-père et grand-père FERRAZ Antonio, Henriques, est décédé à Vila Nova de Tazem le 14 janvier 1963;

Qu'il était propriétaire des biens immeubles suivants:

- 1.° — une parcelle de terre à usage commercial et résidentiel située à Kindu, d'une superficie approximative de douze ares, cinquante centiares, inscrite au plan communal sous le numéro 83 et enregistrée à la Conservation des Titres Fonciers de Bukavu le 20 mai 1951 volume F. XLVII folio 196;
- 2.° — une parcelle de terre sise à Kasongo, d'une superficie de vingt-et-un ares, inscrite au plan communal sous le numéro 19 et enregistrée à la Conservation des Titres Fonciers de Bukavu le 4 mars 1936 volume F. V folio 52;
- 3.° — un terrain destiné à un usage commercial situé à Lokandu, d'une superficie de vingt-cinq ares, inscrit au plan communal sous le numéro 9 et enregistré à la Conservation des Titres Fonciers de Bukavu le 16 janvier 1945 volume F. XII folio 44;
- 4.° — une parcelle de terre à usage commercial et résidentiel située à Kindu, d'une superficie approximative de douze ares, cinquante centiares, inscrite au plan communal sous le numéro 84 et enregistrée à la Conservation des Titres Fonciers de Bukavu le 20 mai 1951 volume F. XXV folio 2;
- 5.° — une parcelle de terre située à Kindu, d'une superficie de vingt ares, vingt-cinq centiares, inscrite au plan communal sous le numéro 10 et enregistrée à la Conservation des Titres Fonciers de Bukavu le 15 juin 1935 volume F. V folio 22;
- 6.° — une parcelle de terre située à Kindu, d'une superficie de cinq ares, septante-six centiares, inscrite au plan communal sous le numéro 44 et enregistrée à la Conservation des Titres Fonciers de Bukavu le 15 juin 1935 volume F. V folio 23;

Attendu que de l'acte de notoriété passé devant Monsieur de ALMEIRA, Notaire à Gouveia, il résulte que Monsieur FERRAZ Antonio, Henriques, était veuf de dame Juliana de ASSUNÇÃO FERRAZ et que, décédé intestat, il laissait pour seuls héritiers universels ses deux fils Antonio FERRAZ et Alberto FERRAZ;

Attendu que les deux fils étaient, de par leur hérédité, co-propriétaires indivis, chacun, de la moitié des biens; Attendu que, suite au décès intestat, le 17 novembre 1968, de FERRAZ Antonio-Leopoldo-Henriques-Videira, sa part successorale est dévolue indivisément de la façon suivante:

- a) Dame GOUVEIA Maria, en tant qu'épouse commune en biens est propriétaire de la moitié indivise des biens dont la co-propriété avait été héritée par son mari;
- b) Les quatre enfants légitimes, héritiers légaux, deviennent co-propriétaires de l'autre moitié;

Attendu qu'il y a lieu, en conséquence, d'ordonner la mutation des biens décrits ci-dessus au nom des requérants, suivant la procédure prévue par l'article 50 du Titre II Livre II du Code Civil, mais que celle-ci ne peut avoir lieu sans votre autorisation;

A CES CAUSES:

Les exposants vous prient, Monsieur le Président, d'ordonner l'investiture des dits propriétés en leurs noms, après accomplissement des formalités de publicité que vous estimerez nécessaires;

En stipulant dans l'ordonnance que la co-propriété indivise s'établit comme suit:

- Monsieur FERRAZ Alberto, Henriques, Videira 8/16 des immeubles en co-propriété indivise;
- Dame GOUVEIA Maria, veuve FERRAZ Antonio, 4/16 en tant qu'épouse commune en biens;
- Monsieur FERRAZ José Alberto, Gouveia 1/16 des immeubles en co-propriété indivise;
- Monsieur FERRAZ Luís, Manuel, Gouveia 1/16 des immeubles en co-propriété indivise;
- Monsieur FERRAZ Henriques, Fernando Gouveia 1/16 des immeubles en co-propriété indivise;
- Mademoiselle Ana, Paula, Gouveia 1/16 des immeubles en co-propriété indivise;

La dévolution des biens se faisant en ligne directe. Et vous ferez bonne justice.

Bukavu, le

POUR LES EXPOSANTS,
LEURS CONSEILS.

Conjuntura e produção industrial

SÉRGIO RIBEIRO

Quando, há já algumas semanas, coligimos e organizámos, para o suplemento «Mesa-Redonda», os índices da produção industrial, através de simples arrumação de suplementos da revista da Associação Industrial Portuguesa. «Indústria Portuguesa», tivemos dúvidas se devíamos fazê-lo ou não. Apesar de os números de Agosto terem a indicação de «provisórios — 1.ª estimativa», pareciam-nos tão baixos que chegámos a pensar em gralhas tipográficas.

Na sequência de uma tendência de quebra desde Janeiro, esses valores de Agosto mostraram-se extraordinariamente mais baixos que os do primeiro mês do ano. Todos os sectores apresentavam, de Agosto em relação a Janeiro, índices menores e, nalguns casos, a diferença impressionava.

meses de 1969», logo acrescentando porque: «a média dos índices mensais relativos a esse período evidencia para toda a indústria, excluindo a construção, um acréscimo de 7.5 % em relação a idêntico período do ano precedente».

Primeiro, procurámos logo saber se os «nossos» números de Agosto tinham entrado na média apresentada para 1969. Os números do quadro III são, no que respeita a 1969, a média dos números do quadro II que fomos buscar ao último suplemento, com ajustamentos sem importância.

Logo encontrávamos homologadas as considerações que pudésemos fazer a partir de tais números, ainda que mantendo a reserva de que são provisórios e de primeira estimativa.

O que não podemos deixar de repetir é que mul-

gida de variações sazonais) tão significativa e preocupante.

Mas nem os números em si nos parecem o que possa ter maior importância.

A análise da conjuntura não pode ser encarada senão como um meio de

conhecer um reflexo. Não será adaptando o meio de conhecer ao que se quer conhecer (e tornar conhecido) que efectivamente se conhecerá, não será fazendo o reflexo significativo que se encontrarão as causas fundas das situações.

QUADRO I

Indústrias	Agosto em relação a Janeiro	
	Diferença em percentagem	
Toda a Indústria (excluída a Construção)	-27	-14,9
Indústrias Transformadoras	-24	13,9
Extractivas	-28	-32,6
Alimentação e Bebidas	-3	-2,5
Têxteis, Vestuário e Calçado	-6	-4,3
Madeira, Cortiça e Mobiliário	-26	-13,8
Químicas e dos Petróleos	-33	-18,0
Produtos Minerais não Metálicos	-61	-26,5
Metalúrgicas, Metalomecânicas e Eléctricas	-15	9,2
Transformadoras Diversas	-62	23,4
Electricidade	-19	-6,9

QUADRO II

Indústrias	Índices mensais (1958=100) Corrigidos das variações sazonais							
	Janeiro 1969 (a)	Fevereiro 1969 (a)	Março 1969 (a)	Abril 1969 (a)	Mai 1969 (b)	Junho 1969 (b)	Julho 1969 (b)	Agosto 1969 (c)
Toda a Indústria (excluída a Construção)	181	176	172	179	180	184	186	184
Indústrias Transformadoras	173	171	169	176	176	181	182	149
Extractivas	86	76	82	81	73	67	68	58
Alimentação e Bebidas	122	127	130	126	130	112	125	119
Têxteis, Vestuário e Calçado	138	133	143	145	155	140	139	132
Madeira, Cortiça e Mobiliário	189	187	204	202	203	138	205	163
Químicas e dos Petróleos	175	173	158	160	150	157	156	142
Produtos Minerais não Metálicos	230	241	233	281	275	236	251	169
Metalúrgicas, Metalomecânicas e Material Eléctrico	163	159	163	164	191	161	148	148
Transformadoras Diversas	265	238	228	226	277	241	218	203
Electricidade	276	256	244	250	248	242	266	257

(a) Definitivos (b) Rectificados, mas não definitivos (c) Provisórios (1.ª estimativa).

Fonte: Suplemento de «Indústria Portuguesa» — Revista da A. I. P.

Senão, vejamos o quadro I:

Não fizemos esta chamada de atenção porque, na verdade, mantínhamos os números sob justificada reserva.

Entretanto, na melhor leitura que vínhamos fazendo da proposta de Lei de Meios, detivemo-nos na parte da evolução geral da conjuntura, e surpreendemo-nos no capítulo da Produção industrial que começa por dizer que «a actividade industrial teve evolução favorável nos primeiros oito

to nos surpreende que, numa apreciação da evolução da conjuntura, se passe por sobre a forma como evoluir, durante 1969, nos primeiros oito meses do ano, a actividade industrial.

Ou os índices não valem como indicadores, e então não tem significado o confronto com períodos homólogos do ano anterior, ou valem alguma coisa e então não se pode ignorar, ou não considerar, uma evolução (embora de curto prazo corri-

QUADRO III

Índices da produção industrial (a)

(Base: 1958=100)

Sectores	Janeiro a Agosto		Variações em percentagem
	1968	1969	
Toda a indústria (excluída a construção)	159	171	+ 7,5
Indústrias extractivas	79	74	- 6,3
Indústrias transformadoras	155	167	+ 7,7
Alimentação e bebidas	122	122	0
Têxteis, vestuário e calçado	139	141	+ 1,4
Madeira, cortiça e mobiliário	183	188	+ 2,7
Químicas e dos petróleos	151	156	+ 3,3
Produtos minerais não metálicos	216	239	+10,6
Metalúrgicas, metalomecânicas e de material eléctrico	136	164	+20,5
Transformadoras diversas	212	238	+12,2
Electricidade	232	257	+10,7

(a) Médias dos índices mensais corrigidos das variações sazonais. Para os índices de Agosto efectuou-se uma correcção baseada nos valores provisórios e definitivos dos índices correspondentes a 1968.

Fonte: Associação Industrial Portuguesa.
In: «Proposta de Lei de autorização das receitas e despesas para 1970» — pág. 25.



EXTERNATO
CONCHINHA

MUDOU PARA NOVAS E MAIS AMPLAS
INSTALAÇÕES NA RUA POSSIDÔNIO
DA SILVA, 170 — TELEFONE 69 03 67

Qual o futuro da E. F. T. A. e suas repercussões na economia portuguesa?

Na hipótese de êxito nas negociações para a entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum, que pensa do futuro da E. F. T. A. e das consequências dessa adesão para a economia portuguesa?

RESPOSTA DO DR. VITOR CONSTANCIO

A recente conferência de Haia parece tornar bastante provável a concretização da hipótese considerada na pergunta e a do seu prolongamento natural que será, tal como em 1961-62, a abertura de negociações entre os restantes países da E. F. T. A. e a C. E. E., seguida pela adesão previsível de alguns (Dinamarca e Noruega) e pela associação de outros (Áustria, Suécia e Suíça). Claro que as negociações serão demoradas e difíceis, não só devido aos problemas levantados pe-

lo caso da Inglaterra, como em virtude das questões implicadas pela solidariedade entre os países da E. F. T. A. enquanto não se obtiverem acordos satisfatórios para cada um deles tal como se procurou definir no Conselho da E. F. T. A. em 1961). Não é, por isso, fácil fazer previsões, mas o realismo da hipótese não é afectado, porque se tem como certo que mais tarde ou mais cedo se concretizará.

Em 1962, Portugal pediu também a abertura de negociações com a C. E. E. que, no entanto, não chegaram a iniciar-se devido ao veto francês à entrada da Inglaterra. Se desta feita as coisas correrem, como parece, de

modo diferente, o que faremos?

Antes de mais salientamos que o facto exigirá a discussão mais aprofundada da posição portuguesa perante a integração europeia em geral e a tomada de opções mais claras e decisivas do que as que exigiu a adesão à E. F. T. A., para onde fomos arrastados pelas nossas importantes ligações comerciais com a Inglaterra e que, em termos de política económica, podemos mais ou menos ignorar, descansando a sombra do estatuto especial que protegia o nosso atraso até 1980, esperando certamente negociar nessa data nova posição de favor.

Afastada a hipótese du-

ma adesão plena e imediata à C. E. E. em virtude do nosso atraso económico relativamente aos outros países membros, restam-nos três alternativas:

a) associação transitória visando a adesão plena no futuro;

b) associação que além de estabelecer certas medidas de cooperação económica, vise a criação duma zona de trocas livres (tal como é a E. F. T. A.) gravitando em torno da C. E. E. e a que aderirão provavelmente os países (Áustria, Suécia e Suíça) que pelo seu estatuto de neutralidade política também não podem pensar numa adesão de pleno direito.

A tendência desta zona será para se alargar até à formação dum vasto mercado atlântico incluindo os E. U. A.

c) rompimento com o



movimento de integração económica europeia.

É impossível discutir aqui detalhadamente cada uma das hipóteses e é difícil fazer previsões sobre elas, tanto mais que a escolha não dependerá apenas de nós. Concentrando a questão na alternativa participação-rompimento relativamente à integração europeia a partir do alargamento da C. E. E., limito-me a algumas considerações parcelares.

Dum ponto de vista económico, é hoje pacífica a ideia que o aumento da dimensão do mer-

cado estimula a produtividade e que a industrialização moderna, tendo como exigências «grandes unidades técnicas e investimentos de períodos longos, sinergias complexas de grupos humanos» (Perroux) só pode progredir no âmbito de grandes espaços económicos. Por outro lado, o desenvolvimento económico das pequenas nações para atingir níveis significativos implica uma orientação para os mercados externos, a fim de permitir colher os benefícios dos empreendimentos de grande dimensão. Parece, portanto, que Portugal (entenda-se por agora a Metrópole) se deverá orientar para uma integração económica em espaço mais amplo.

Claro que isto não significa a aceitação de ideias livre-cambistas,

Cont. na pág. 8

SAIBA O QUE É UM TÍTULO DE OCUPAÇÃO

1- Ao adquirir um Título de Ocupação você pode fazer imediatamente a escritura de compra do seu apartamento de férias, escolhendo o mês e o tipo de alojamento que lhe convier. **2-** Os apartamentos encontram-se já prontos a habitar, completamente mobiliados e equipados. **3-** Sempre que não pretenda utilizar o alojamento, TORRALTA obriga-se a pagar-lhe 8 a 12% sobre o valor da venda — que poderá receber mensal ou anualmente. **4-** TORRALTA comprar-lhe-á o seu Título de Ocupação se o quiser vender. **5-** Poderá, também, comprar o seu Título de Ocupação, pagando-o em 36 prestações. **6-** Se optar por esta modalidade terá direito ao juro do capital investido, a partir da primeira prestação, em relação às importâncias pagas. **7-** Se por qualquer eventualidade desistir da compra do Título de Ocupação, não perderá o seu dinheiro, TORRALTA comprar-lhe-á a sua posição.



Peça informações a TORRALTA - Av. duque de Loulé, 66-A - Lisboa - Telefones 51748 - 54479 - 555681

A criança e o livro

Para esta mesa-redonda, destinada a debater alguns dos principais aspectos da literatura para crianças e jovens, foi estabelecido um programa de trabalho que teve como plataforma de apoio uma série de colóquios subordinados ao tema geral «A criança e o livro», realizados, no ano transacto, em Lisboa, no Jardim-Escola João de Deus, e este ano no Porto, na delegação da LUDUS naquela cidade. Deram a sua contribuição a estes colóquios, apresentando comunicações que abordaram aspectos psicológicos, pedagógicos e literários, o prof. dr. Vítor Fontes, a dr.ª Maria Leonor Viana Botelho e o malogrado escritor dr. Mário Sacramento.

Da sùmula e convergência das comunicações e do debate que elas suscitaram elaboraram-se três tópicos dominantes, que serviram de base ao trabalho

em mesa-redonda: 1.º tema — A determinação dos escalões de idade para uma classificação criteriosa dos livros infantis; 2.º tema — O problema da fantasia e do maravilhoso; e 3.º tema — A «literatura» pela imagem.

Todos os participantes desta mesa-redonda estão ligados de perto à cooperativa LUDUS: Lília da Fonseca (presidente da direcção), Calvet de Magalhães (vice-presidente da direcção), Rui Grácio (presidente da mesa da assembleia geral), Correia da Fonseca (director da secção do livro), Mário Castrim (director da secção de meios audiovisuais), Matilde Rosa Araújo e António Torrado (colaboradores da secção do livro). Serviu de moderador, embora tomando parte activa no debate, Correia da Fonseca, na sua qualidade de director da secção do livro.

elaboradas. Esses interesses arrastam idades ou períodos de infância que por este processo não são sequer mencionados.

OS INTERESSES INFANTIS PODEM SERVIR DE PONTO DE PARTIDA

CORREIA DA FONSECA — Um processo idêntico ao da livraria que o prof. Calvet acaba de referir renunciar, pois, em certa medida, ao escalonamento por idades. O que é preferível: dar uma orientação esclarecedora sobre cada livro, deixando aos pais o critério da escolha segundo cada caso, ou dizer apenas — este livro destina-se a crianças entre os 8 e os 12 anos? A verdade é que um escalão dos 8 aos 12 anos quase corresponde à supressão dos escalões: antes dos 8 anos não há leitura, depois dos 12 já não há criança.

MÁRIO CASTRIM — Mas se antes dos 7-8 anos não há uma leitura feita pela criança, não deixa de haver uma literatura para a criança. Parece-me isso muito importante.

LÍLIA DA FONSECA — Concorro com o Mário Castrim. De facto, quanto mais pequenas são as crianças maior necessidade haverá de restringir os períodos. Se dos 9 para os 12 anos a mentalidade da criança evolui muito, dos 5 para os 8 anos evolui imenso.

RUI GRÁCIO — Estou a tentar ver claro neste problema que não é nada simples. A mim afigura-se-me o seguinte: há em primeiro lugar uma exigência de ordem prática, um organismo como a LUDUS deve responder. Mas como responder aos pais que precisam que exigem uma orientação? Elaborando uma tabela classificativa por idades? É este o segundo ponto.

Julgo que há uma certa e excessiva superstição em aceitar limites rigorosos. E então ao que é que as pessoas se agarram, normalmente? Agarram-se à compartimentação dos estudos escolares, estudos esses que não foram organizados em atenção a considerações de natureza psicológica, mas em termos empíricos e em função de exigências sociais. Quero eu dizer que, quando se estabeleceu um sistema de ensino, não foi consultando livros de psicologia que isso se fez. Os vários escalões de ensino foram surgindo em função das exigências da própria vida social, das possibilidades de cada país e também em função do saber empírico que os educadores e os psicólogos incipientes foram elaborando.

Se pusermos a questão em termos psicológicos, vemos que os psicólogos não estão de acordo, nem na delimitação, nem na caracterização das sucessivas fases de desenvolvimento da criança. De forma que o nosso trabalho, deste ponto de vista, torna-se extremamente difícil e nem creio que possa ser feito com rigor.

Como o prof. Calvet sublinhou, além dos problemas de maturidade intelectual em função das idades,

há também problemas que não estão em relação simples com a inteligência e que são os interesses. Acerca dos interesses infantis já se sabe alguma coisa. Temos de contar que crianças da mesma idade possam ter graus de maturidade diferentes, assim como interesses diferentes em função de diversíssimos factores: disposições inatas, influências do meio, etc. Portanto a opinião dos pais tem de ser sempre considerada. Visto que aqui se pede um critério prático para um trabalho de qualidade, parece-me que não será de nos preocuparmos muito, como se isso fosse essencial, como os limites psicológicos na elaboração das futuras fichas de leitura.

MATILDE ROSA ARAÚJO — Sobre tudo se não nos anteciparmos, optando por uma ficha de leitura demasiadamente analítica que desorienta, como todas as burocracias, em vez de esclarecer. Determinados modelos são portas falsas. O contacto com a experiência das professoras primárias e a recolha de dados junto de algumas bibliotecas (a de Samora Correia, a da Escola Francisco Arruda, a da União Desportiva de Vila Franca de Xira, entre outras, que têm sabido com critério orientar a leitura infantil) podem fornecer-nos pistas que encaminhem o nosso trabalho.

O problema da fantasia e do maravilhoso

O problema da fantasia, do maravilhoso, do irreal, foi abordado nas três comunicações. Disse o prof. dr. Vítor Fontes: «A criança vive uma vida fantástica, fora da realidade e necessita de dar expressão à sua fantasia. Não se faz mentirosa pela influência das descrições inverosímeis dessas leituras. O que é preciso é que as personagens e as cenas contadas tenham um interesse formativo e bem formado, que não levem a criança a situações emocionais desconcertantes e perturbantes da sua vida afectiva».



Correia da Fonseca

nais desconcertantes e perturbantes da sua vida afectiva». A dr.ª Maria Leonor Viana Botelho foi buscar a Henri Wallon o fermento para a sua tese. Ele estudou o maravilhoso do conto de fadas em relação aos primeiros anos de vida, quando a imaginação da criança vagueia por um universo mítico criado pela

Determinação dos escalões de idade para uma classificação criteriosa dos livros infantis

A determinação de escalões de idades que pudessem permitir uma classificação dos livros infantis segundo o progressivo desenvolvimento mental da criança não foi, em rigor, conseguida nos colóquios. Dir-se-ia que os depoentes se retrairam um pouco perante o problema, importando talvez averiguar se por o considerarem particularmente difícil, se pela inexistência de elementos de consulta sobre o assunto, se por se acreditar em que (ao contrário do que parece) não se trata afinal de um aspecto fundamental das relações entre o livro e o público infantil.



Mário Castrim



Lília da Fonseca

SERÁ POSSÍVEL UM ESCALONAMENTO RIGOROSO?

CORREIA DA FONSECA — Começamos por um problema que me parece, entre todos, particularmente difícil. Na determinação de escalões de idade, tendo em vista a apetência para determinadas leituras, é usual deslizar-se de classificações latas, que se revelam insatisfatórias, para o desdobramento em classificações cada vez mais apertadas.

Até aos 5-6 anos não há leitura, mas dos 6 anos em diante começa a haver um período pelo menos formal de leitura, embora o seu conteúdo só comece a organizar-se perfeitamente no espírito da criança a partir dos 8 anos. Mas — objecta-se — há grandes diferenças entre uma criança de 8 e uma de 12. Ao que nos levaria esta objecção? A indicação de «tranches» mais estreitas de idades, até ao ponto em que a compartimentação fosse tal que tornasse impracticável o escalonamento.

O problema que se nos põe é, portanto, este: será possível o escalonamento rigoroso?

E, mesmo que seja possível, será importante? Problemas afins: na prática, uma criança que tem o quadro mental formado para determinada leitura não terá, sem dano, leituras destinadas à «tranche» imediatamente acima ou abaixo? Em tais casos, não bastará um escalonamento aproximado?

CALVET DE MAGALHÃES — É de facto, um problema melindroso. Todos sabemos as vezes sem conta que pessoas sem grande preparação pedagógica, mas com um mínimo de preocupação, se nos dirigem, pedindo, afilivamente, um conselho sobre livros que devem dar a ler aos seus filhos. Portanto, temos de encarar o caso concreto destas pessoas, que à margem do âmbito dos educadores, nos pedem uma qualquer classificação, mesmo que falível, mas uma classificação em que «descansem», sosseguem. Responsabilizar progressivamente essas pessoas, levá-las a debruçarem-se atentamente sobre as crianças que têm em casa, de modo a aquilatarem com mais precisão das suas aptidões e interesses — sim, seria um caminho, mas tão a longo prazo...! Ora a urgência, que esses pais de algum modo interessados sentem, pressiona-nos a adoptar um escalonamento de idades para a leitura, em patamares bastante largos, e com a cautelosa reserva de que as crianças saltam escalões e vencem limites.

MÁRIO CASTRIM — Sucede com os livros o que sucede com os brinquedos.

Pessoas menos informadas, mas já preocupadas, pedem aos empregados um brinquedo que sirva a uma criança de determinada idade. Em qualquer dos casos, os escalões devem ser apenas referências, com ressalva das condições individuais e dos circunstancialismos que as pessoas, que lidam com as crianças a quem oferecem os livros, conhecem.

ANTÓNIO TORRADO — Mas não podemos apenas contar com os pais esclarecidos que lêem, que têm tempo para ler antecipadamente os livros que vão oferecer ou que outras pessoas ofereceram aos seus filhos. Também não podemos apenas contar com os bons professores, os que perfeitamente conhecem as aptidões e preferências dos seus alunos. Porque se levanta o problema do tempo, do ócio para acompanhar as crianças, se proporcionássemos aos pais e educadores, num catálogo ou em fichas destacáveis, as sínteses daquilo que cada livro contém, já estaríamos a prestar um grande serviço.

CALVET DE MAGALHÃES — É, pouco mais ou menos, o que se faz numa livraria alemã que visitei. Para cada livro infantil existe uma ficha analítica. Por exemplo: «Este livro não serve para crianças impressionáveis: fala de guerras, de mortes, etc.», ou «Livro fantástico: este livro não serve para crianças com agudo espírito crítico». Informado das razões por que não serve, esclarecido sobre o conteúdo, este processo dá opções aos pais. Houve um trabalho prévio de classificação dos interesses infantis em função dos quais as fichas foram

GRANDE CAMPANHA

DE DIVULGAÇÃO

HI-FI
STEREO

EM
PRESTAÇÕES
MENSIS
DESDE

210,90

2 LOJAS

Vapedrone

64-RUA DA VITÓRIA, 68 T. 35613
17-RUA DOS FANQUELOS, 136014

1 CONJUNTO
de alta fidelidade
composto de:
2 COLUNAS SONORAS
1 GIRA DISCOS
1 AMPLIFICADOR
+
1 LOTE DE DISCOS
estereofónicos

SEM
ENTRADA
INICIAL



Rui Grácio



Matilde Rosa Araújo

descoberta do mundo que então vai fazendo. Não aconselha nem desaconselha a adesão da literatura a esse mundo mítico, estudado em relação às estruturas mentais. E desse estudo, destacam-se as seguintes palavras: «É necessário o desconhecido inserido no conhecimento».

Mário Castrim alarmou-se com o positivismo que certas teorias têm querido levar para a literatura infantil, receando ao mesmo tempo que uma tomada de posição científica dessa mesma literatura possa corresponder à sua desvalorização estética, alienando-a daqueles valores míticos que para Mário Sacramento são básicos na literatura infantil. Mas não vai ao ponto de recomendar figuras abstratas e irreais que fizeram carreira em certa literatura infantil de ontem e que ainda hoje têm adeptos, tanto mais que, já quanto à primeira infância, ele nos diz que «a criança é sensível à imaginação sobretudo concreta».

● SALVAGUARDAR A CRIANÇA OU O ARTISTA?

CORREIA DA FONSECA — Neste nosso trabalho concreto de ler livros procuramos distinguir o maravilhoso que é poesia, ainda que a criança dela se não aperceba, do maravilhoso que se caracteriza pela intimidação e pelo horror de um imaginativo desviado e que, agora, através do livro e da imagem, se reveste de formas agressivas e delirantes: super-homens, mundos monstruosos, etc... Parece-me assim que não podemos dar passaporte em branco a esse tipo de imaginação que já não é fantasia, liberdade criadora, para se tornar morbidez, corrupção onírica, culto do disforme.

Alguns dos presentes nomeadamente a escritora Lília da Fonseca, segundo creio, pensam que a vida contém em si a dose suficiente de maravilhoso, de poesia e de aventura para fornecer alimento que baste à criança que vive a sua época de mais aberta credulidade.

MÁRIO CASTRIM — Não acredito que seja assim. Se até mesmo nós, para quem essa credulidade já não existe e que todos os dias o lamentamos, sentimos necessidade de nos evadir deste nosso duro viver nada maravilhoso, como havemos de exigir, com que autoridade havemos de o impor às crianças a dieta que a nós nos custa?

A criança está mergulhada no maravilhoso. Não podemos arrancá-la desse

mundo. Não temos esse direito. Aliás, a realidade não contém para ninguém qualidade bastante que satisfaça às necessidades imaginativas de qualquer idade. Até porque, se não fosse assim, teríamos o imaginário como se inimaginável fosse.

LÍLIA DA FONSECA — Note o Mário Castrim que aqui se pretende rebater não a fantasia, mas as situações fantásticas, o maravilhoso perturbante para a mentalidade da criança, aquilo que, enfim, é impróprio para a criança.

MÁRIO CASTRIM — Não acredito que haja um mundo maravilhoso impróprio para a criança. Nós todos nos apaixonamos com uma história, mesmo que ela seja inverosímil e sabendo que o é. Para a criança existe igual fruição. Já que estamos a tratar das relações entre a arte e a criança, será ao artista que deve incumbir o que serve ou não à criança. E ele saberá como. A literatura infantil não pode viver à margem dos problemas da criação que constituem o peso da literatura sem mais nada.

LÍLIA DA FONSECA — Mas há algo que é contraproducente para a criança. O artista, de que o Mário Castrim fala, saberá?

MÁRIO CASTRIM — Essas preocupações pedagógicas, que são às vezes pruridos pedagógicos, podem estar à margem do acto de criação e realmente, em muitos casos, isso acontece. Mas as crianças têm uma habilidade muito especial em tomar para si aquilo que melhor as serve, aquilo que escritores de outra produziram sem estarem a pensar objectivamente nelas. Nós sabemos que os contos de Andersen não eram para crianças. O Robinson Crusoe não era para crianças. Dom Quixote também não era para crianças.

O que sucede então? É que as crianças se apoderam de tudo o que tem qualidade, de tudo o que surge como um novo afluente na sua vida. Aparentam-se até de palavras que não conhecem. Jogam com elas como se fossem pertences seus.

RUI GRÁCIO — Talvez não possam ler o «D. Quixote» ou a «Odisséia» na íntegra, mas já podem ler as adaptações que para elas fizeram.

LÍLIA DA FONSECA — Nesse caso não foram as crianças que se apodera-



António Torrado

ram dessas obras. Foram os adultos que as levaram até às crianças.

MÁRIO CASTRIM — Não sei. Não sabemos se as adaptações são consequência de um interesse manifestado antes pelas crianças... Eu não me manifesto contra o maravilhoso em geral, mas contra o maravilhoso que já não pode servir às crianças...

● CAÇA ÀS BRUXAS... OU TANTO NÃO?!

LÍLIA DA FONSECA — Eu não me manifesto contra o maravilhoso em geral, mas contra o maravilhoso que já não pode servir às crianças dos nossos dias.

RUI GRÁCIO — Sinceramente, não vejo a diferença entre o maravilhoso que dantes serviu às crianças e agora já não serve. Gostava que me explicasse.

LÍLIA DA FONSECA — Cito um exemplo que agora me ocorreu. Numa peça infantil que vi representar em Espanha, a certa altura, os cortesãos de um castelo real imaginário queriam contactar com o rei que andava longe, na guerra, para o informarem de que a princesa tinha desaparecido. Mas, como não sabiam por que processo, iam recorrer ao Mago, que através da sua magia, deveria restabelecer rapidamente o contacto. Numa palavra, esse tal maravilhoso antiquado e deseducativo, que eu condeno e que já nem se adapta à mentalidade das crianças de hoje! E para o quê, veja-se: andavam todos em cena muito aflitos, servidores e ministros, porque o Mago não aparecia, quan-

da do castelo «imaginário»...

ANTÓNIO TORRADO — Pela minha parte, colocaria a questão do maravilhoso noutros termos. Folheando uma das fichas analíticas que têm sido um dos nossos instrumentos de trabalho, que leio no sector destinado ao conceito de maravilhoso? Fadas, bruxas, feiticeiros, diabos, almas do outro mundo, magia, factos sobrenaturais, artes maléficas, enfim, um perfeito «sabbat» de feiticeiras. Creio que toda esta assembleia de magia negra, todas estas personagens das lendas germânicas e escandinavas já devem estar saturadas de aparecer em histórias infantis. São representações despojadas de sentido, esgotadas de poesia, que provirão mais da falta de imaginação de quem delas se socorre do que de uma determinada e consciente preferência pelo maravilhoso. Entendo-as como recursos de uma literatura infantil de série B.

CALVET DE MAGALHÃES — Há um critério de qualidade na exclusão do maravilhoso tradicional. Não acredito que um escritor do nosso tempo, inserido no nosso tempo, e com a preo-

cupação de individualizar-se no que escreve, deite mão das fadas, das varinhas de condão e de tudo o mais que pertence aos ciclos das lendas nórdicas, velhas de séculos.

MÁRIO CASTRIM — Com certeza! E para além desse maravilhoso nenhum outro se pode recusar.

LÍLIA DA FONSECA — Esse é o maravilhoso poético. História que o não possui é uma história falhada, insípida, sem audição. Nada se pode escrever, tanto na literatura infantil como na literatura em geral, sem fantasia.

Publicaremos no próximo número a segunda parte deste debate.

1969

1969



O que é a Cooperativa Ludus

A cooperativa «LUDUS — círculo de realizações para a infância e a juventude», ao fim de dois anos de actividade, pode já apresentar no seu activo o trabalho muito válido de algumas das suas secções que, desde o início, dinamizaram a cooperativa. Delegações constituídas no Porto e no Funchal e a colaboração de diversas associações e bibliotecas de núcleos recreativos e culturais provam que o surgimento da LUDUS veio catalisar energias e diligências isoladas, aasm tornadas convergentes e mais actua-

tes. O trabalho da sua secção de Teatro, a que está associado o «Teatro

de Branca-Flor», dirigido pela escritora Lília da Fonseca, as duas primeiras comemorações no nosso País do Dia Internacional do Livro Infantil, nelas se incluindo exposições, conferências, visitas guiadas e sessões de leitura para crianças, as campanhas de valorização e dignificação da literatura infantil portuguesa, os contactos internacionais com organismos congêneres e filiação no IBBY, os ciclos de conferências sobre e para os jovens são algumas das iniciativas que se devem à LUDUS.

Aqui referimos especialmente a secção do Livro, que tem vindo a desempenhar-se de uma tarefa considerada

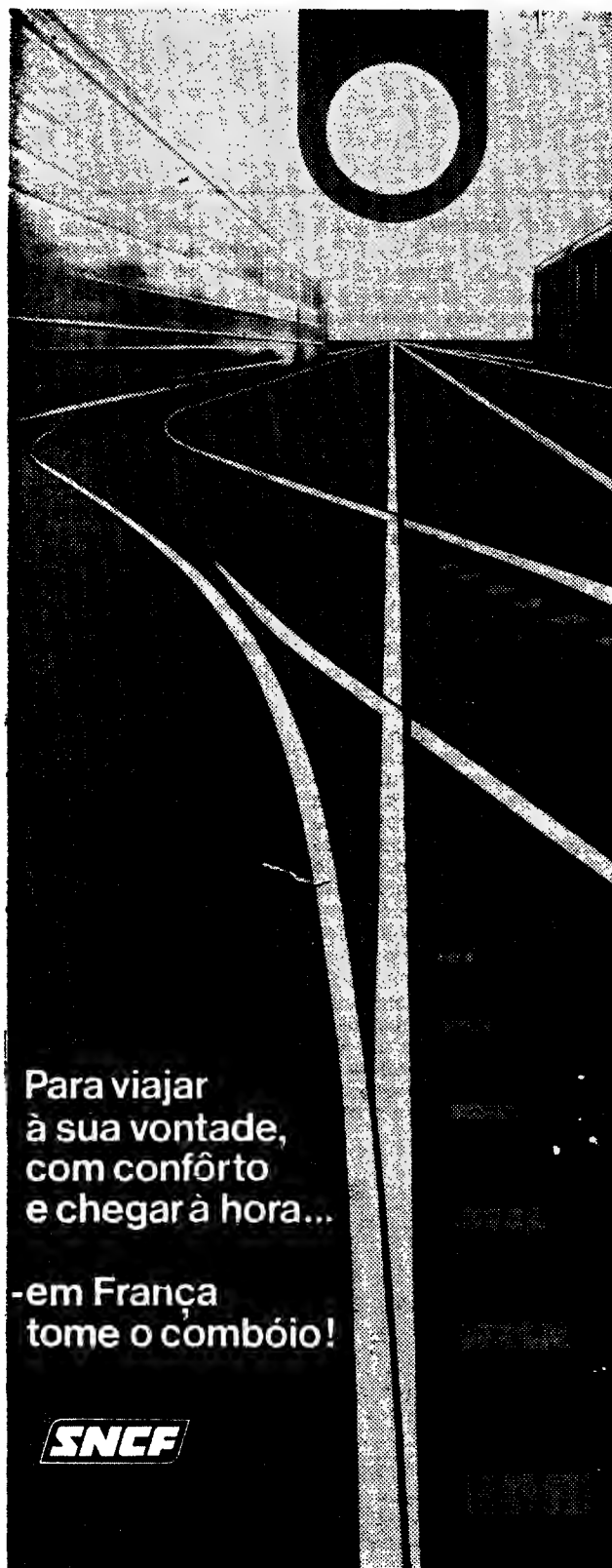
urgente para o balanço tanto quanto possível exacto do que em Portugal se tem escrito nos domínios da literatura infantil e juvenil. Através da leitura, apreciação e classificação dos livros para crianças e jovens autores portugueses procura esta secção abranger não só a bibliografia nacional mais recente, mas aquela que pela sua raridade (nomeadamente publicações do século XIX e princípios deste século) poderá ser objecto de estudos que prenunciam uma futura e, até agora, inexistente História da Literatura Infantil Portuguesa.

do um garoto da plateia — 4, 5 anos — se levanta e grita: «Telefonem!» Por aqui se vê até que ponto as crianças de hoje em dia se mostram cépticas perante o maravilhoso tradicional.

RUI GRÁCIO — O episódio parece-me ilustrar, sob certo aspecto, precisamente o contrário! A intervenção do garoto traduz a sua participação intensa na vi-

1969
ANO
V.A.T.
FINEST SCOTCH WHISKY

ENGARRAFADO
NA ESCÓCIA



Para viajar
à sua vontade,
com conforto
e chegar à hora...

-em França
tome o combóio!

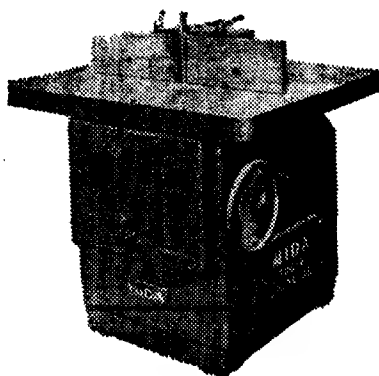
SNCF

Pagamento em Escudos nas Agências de Viagens

CHEMINS DE FER FRANÇAIS

AV. JOSÉ ANTÓNIO, 57 - MADRID - TEL. 247 20 20

«MIDA»



TUPIA VERTICAL
Mod. TV-6

UMA FABRICA
ALTA-
MENTE ESPE-
CIALIZADA
NO FABRICO
DE MAQUIL-
NAS PARA AS
INDÚSTRIAS
DE:

- * SERRAÇÃO
- * CARPINTARIA
- * MARCENARIA

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5)

Filial em Lisboa:

Avenida Defensores de Chaves, 3-A (Telef. 44147)



António Gonçalves Júnior



Fernando Correia Vermelho

Como se alimentam os portugueses?

Cont. da pág. 3

quilos. Nunca mais tornei a fazer dieta.

MUITO GULOSO

O sr. António Gonçalves Júnior, de 46 anos, é comerciante, proprietário de uma papelaria ali para os lados do Largo do Chfariz de Dentro.

— O meu almoço hoje — disse-nos o sr. Gonçalves Júnior quando o interpelámos — foi apenas uma bifana, uma sandes de presunto e uma cerveja. Foi, digamos, uma refeição extraordinária. De facto, costumo fazer uma refeição mais completa, embora almoce sempre no restaurante.

— Quantas refeições toma por dia?

— Em regra, três. Uma

às 9, o pequeno almoço, normalmente um copo de leite e uma torrada; depois, por volta das 14, um almoço normal, com sopa, um prato de peixe ou carne e uma peça de fruta; finalmente, o jantar, cerca das 23. Devido ao meu trabalho na papelaria, porém, nem sempre como a horas certas.

— Quais são os géneros que entram mais frequentemente nas suas refeições?

— De tudo um pouco, mas em geral como mais carne que peixe. O que gosto mais é de carne de porco, especialmente no cozido à portuguesa ou em costeletas — mas tem de ser do lombo, senão não gosto. Nos intervalos das refeições não como nada. Bebo é muito café. Tenho dias de beber sete cafés. Depois das refei-

ções e, algumas vezes, no espaço entre elas. Sou muito guloso: bebo o café com muito açúcar.

— O que é que bebe às refeições?

— Vinho. Em regra, se for bom — posso dizer-lhe que aprecio o vinho de boa qualidade — uns dois decilitros e meio. Mas fora das refeições não bebo. A não ser, evidentemente, uma vez por outra, lá muito raramente.

VINHO ÀS REFEIÇÕES

Fernando Correia Vermelho, de 33 anos, encadernador:

— O meu almoço hoje foi sopa, bacalhau à Gomes de Sá, uma banana, vinho e pão. Almocei em casa, como todos os dias. Resido a cerca de minutos do

local onde trabalho e, portanto, posso comer em casa. Tenho uma hora para almoçar.

— Quantas refeições faz diariamente?

— Três: pequeno almoço (café com leite e torrada), às 8; almoço às 13 e jantar às 20 e 30 para as 21. A minha melhor refeição é o almoço. Em regra tomo três cafés por dia. Fora das refeições como fruta: tangerinas e peros são os frutos que mais aprecio. Quanto a beber, tomo vinho só às refeições. Bebo apenas um cálice de aguardente depois do almoço e outro depois do jantar.

— Que alimentos aprecia mais?

— O prato que prefiro é cozido à portuguesa. Também gosto muito de doces, que como quando tenho oportunidade.

O futuro da E. F. T. A.

Cont. da pág. 5

porque se são certas as vantagens da divisão internacional do trabalho, há que contar com as excepções fundamentais resultantes de certas necessidades de independência nacional e das exigências de desenvolvimento, visto que as vantagens apontadas não aproveitam igualmente a todas as regiões do espaço integrado, beneficiando as mais desenvolvidas em detrimento das atrasadas que não podem promover o seu crescimento sem manter certas protecções às novas actividades que pretendam lançar.

Isto determina que a integração da nossa economia em espaço económico mais desenvolvido tenha que ser feita de modo a proteger transitoriamente a expansão das nossas indústrias; a possibilitar as necessárias reconversões da estrutura produtiva; a obviar, na medida do possível, à acção doutros efeitos perniciosos resultantes duma integração prematura (v. g. fugas excessivas de capitais, entradas indesejáveis de capitais estrangeiros e seu controlo sobre as actividades nacionais, dificuldade de aplicar meios de execução eficazes de planeamento da economia).

Aceitando-se, no entanto, a ideia que o nosso desenvolvimento beneficiará, em última análise, com a integração pro-

gressiva num espaço económico mais vasto, resta ver qual o que nos oferece mais possibilidades. Se não considerarmos o bloco socialista (hipótese dependente de alterações políticas improváveis) e a região Brasil-América Latina (hipótese peregrina que já ouvimos, no entanto, sugerir), ficam-nos duas alternativas fundamentais — Europa Ocidental e espaço português (agora com Metrópole e Ultramar).

Ao contrário do que poderia pensar-se a opção é real e terá que ser feita. Na realidade, a integração implica uma maior especialização das economias implicadas no processo que têm de concentrar-se num menor número de actividades de mais rápida expansão (tanto menor quanto mais pequena for a economia). Isto requer uma política industrial, não de substituição de importações, mas de definição de prioridades estruturais (coisa que nunca tivemos em termos de integração europeia ou seja, que define a especialização da economia em função das suas aptidões produtivas e do espaço em que se vai integrar (isto requer estudos de base que entre nós estão ainda por fazer). Se os espaços forem economicamente muito diferentes, como é o caso, diversas terão que ser as estruturas a adoptar.

Procurando ver os aspectos meramente económicos do problema, um primeiro ponto a salientar é a diferente importância dos dois espaços em causa nas correntes de comércio metropolitano. Assim, enquanto cerca de 48 por cento das nossas exportações se orientam para os países da E. F. T. A. e C. E. E. (32 mais 16 respectivamente), cerca de 25,4 por cento destinam-se ao Ultramar; no que respeita às importações, cerca de 56 por cento têm origem na E. F. T. A. e C. E. E. (22 mais 34 respectivamente) e do Ultramar chegam-nos apenas 13 por cento.

Estes números representam a existência de relações comerciais que seria difícil de inverter ou quebrar sem alterações demoradas e onerosas na estrutura produtiva metropolitana, além de levantar problemas acrescidos relativamente à balança comercial. Custar-nos-ia caro o afastamento da Europa. Por outro lado, a realização da integração do espaço único português defronta grandes problemas derivados do excessivo parcelamento dos territórios, das dificuldades de pagamentos, do estado relativo de desenvolvimento das economias — o desenvolvimento do Ultramar fecha mercados às indústrias mais tradicionais da Metrópole e ainda não garante, em ritmo necessário, mercado para as

indústrias mais modernas e dinâmicas que em termos de Europa e do aumento do nível de vida metropolitano interessa montar. Parece, pois, que estamos condenados à Europa ou a uma relativa estagnação.

Evidentemente que, em termos puramente económicos, não está em causa o abandono de relações preferenciais com o Ultramar (pelo contrário). Este mesmo facto cria-nos, porém, uma dificuldade adicional (a juntar v. g. à da agricultura) relativamente à hipótese de nos associarmos à C. E. E. visando a adesão plena, pois que (para além de quaisquer aspectos políticos) dificilmente os países membros admitiriam um tratamento preferencial do nosso comércio com o Ultramar, concedendo a nós o que negaram à Inglaterra em relação à Commonwealth.

De tudo quanto ficou dito parece desprender-se a conclusão que a hipótese mais provável de evolução, considerando apenas dados económicos, é a que explicitamos na alínea b) supra. Ficamos, neste caso, afastados do movimento de integração política da Europa, única solução susceptível de contrariar os efeitos mais perniciosos do domínio crescente das grandes empresas multinacionais (ou mesmo só americanas). Ser-nos-á a solução? Não, mas...

Problemas actuais da linguística e da Universidade em França e no Mundo

Conclusão da conversa com o prof. Georges Mounin, em que tomaram parte, a convite do «Diário de Lisboa», Maria Helena Mateus, Urbano Tavares Rodrigues, José Fernandes Fafe e João António Meireles.

GEORGES MOUNIN —

Penso que nós — linguistas do século XX — somos pacientes, sabemos que há ainda muita coisa a fazer para aperfeiçoar os utensílios de descrição da linguagem de que dispomos. Não nos aborrece que os matemáticos participem. A teoria de Hjelmslev, que eu segui de perto, era muito mais ambiciosa do que a de Chomsky; tratava-se de uma formulação axiomática completa da linguagem. Ora bem, primeiro não conseguia acabá-la, e depois nunca consegui fornecer um exemplo descritivo; contava com o seu colaborador, não me recordo do nome dele, para fornecer uma descrição deste tipo, mas o colaborador morreu nos anos 50 e você sabe que Hjelmslev a partir de 1950 foi uma esterilidade absoluta, silenciou-se completamente. Hjelmslev morreu com um ataque de apoplexia; não foi isso que o matou, mas passou os últimos dez anos da vida justamente com a sensação de estar metido num beco sem saída. Chomsky não seria capaz de experimentar um sentimento deste género. É o tipo do homem que avança continuamente, que fabrica sem-

pre uma teoria quando a anterior já não serve. A única coisa que poderia acontecer a Chomsky, não é estar a ser profeta, mas é que um dia deixe de trabalhar em linguística, diga que tudo isso não passou duma criança e, por exemplo, se apresente a sua candidatura à presidência dos E. U. A. porque será bastante mais importante... É um homem capaz de mudar completamente de orientação. Mas isto que lhe estou a dizer é a brincar evidentemente.

JOSÉ ANTÓNIO MEIRELES —

Mas não tiveram os estudos generativos o mérito de mostrar um certo tipo de restrição das línguas humanas. Visto que estas não se comportam como linguagens «context-free», não são resolúveis num sistema de Turing, portanto a tradução automática das línguas naturais é teoricamente impossível...

GEORGES MOUNIN —

Mas justamente Chomsky não teve a coragem de o dizer em alto e bom som! O que você diz é muito feio, porque Chomsky jurou sempre que a sua teoria não tinha nada que ver com a tradução au-



tomatica, que era uma construção teórica absolutamente independente. Ora isso não é verdade pois foi na América que a investigação em sintaxe foi inicialmente estimulada. Até 1950 quase ninguém trabalhava em sintaxe: a sintaxe estava entregue aos gramáticos não aos linguistas. Quem se dedicava à linguística histórica também passava por cima da sintaxe, e quando aos descritivistas, quando elaboravam um manual incluíam uma fonologia, uma morfologia e por fim deixavam umas seis páginas de sintaxe para clas-

sificar, grosso modo, os grandes tipos de frase e era tudo. Foi aos fabricantes de calculadoras que primeiro se pôs este problema. Perante máquinas de custo elevado era necessário explorar ao máximo a sua rentabilidade. A determinada altura lembraram-se da possibilidade de as máquinas traduzirem, visto terem sido usadas, durante a guerra, para decodificar mensagens secretas. Traduzir é decodificar, é decifrar, e foram engenheiros electrónicos e programadores quem primeiro se lembrou de utilizar as máquinas calculadoras para traduzir. Os americanos financiavam imenso todas as universidades; o exército, a armada, a força aérea distribuíam centenas de contratos para os centros de tradução automática — e isto deve ter durado entre 49 e 62. Quando chegaram à conclusão, passados doze anos, de que seriam necessários mais vinte e cinco anos de trabalho para se começar a ver resultados, cortaram os fundos. Então todos os investigadores que trabalhavam com a Máquina de Traduzir, Chomsky inclusive, e a que os problemas postos pela tradução automática tinha obrigado a estudar a sintaxe em particular, tornaram-se professores universitários, todos eles, todos, todos. Hoje em dia não há um único a trabalhar num centro de investigação, o próprio Garvin não trabalha já em nenhum centro: Dostert tão-pouco.

Os trabalhos sobre a Máquina de Tradução chegaram assim provisoriamente a uma espécie de impasse. Penso que provisoriamente, tendo em conta a atitude americana que exige rendimento contínuo. Se se trabalhasse lenta e tranquilamente durante mais uns vinte anos ter-se-iam conseguido máquinas que não traduziriam, evidentemente um romance nem um jornal, mas teriam chegado a prestar o serviço que delas era exigido: explorar textos, fornecer traduções em bruto quer dizer, no fundo, um serviço de espionagem científica.

O problema é no fundo este: chovem tantos documentos militares, da força aérea, navais, que não há

tempo para se lerem. É preciso, assim, fabricar máquinas que traduzam rapidamente russo e depois logo se vê qual é o conteúdo mesmo se a tradução está cheia de erros: se for interessante arranja-se um tradutor. Quando os americanos viram que a coisa não resultava com suficiente rapidez, puseram de parte o seu interesse. Mas a Máquina de Traduzir teve, pelo menos, um duplo mérito; obrigou a fazer muita investigação no campo da sintaxe e permitiu verificar isso a que você se referiu, mas quem o disse foi Bar-Hillel. E apesar de Chomsky jurar pelos seus penates que nada tem a ver com a tradução automática, o principal estímulo para os seus trabalhos, mesmo quando ainda era estudante de Harvard, proveio justamente de problemas levantados com a tradução automática, no MIT, que aliás era o sítio onde se faziam os trabalhos mais sérios. Havia uma equipa reunida à volta de Oettinger. E penso que Oettinger é um dos raros que continuam a trabalhar nesse sentido; mas hoje em dia em vez de se falar de tradução automática fala-se de *information retrieval*, — fazem-se estudos deste tipo para analisar e classificar documentos; é um tipo de trabalho mais modesto, mas é um trabalho que dará os seus frutos, na minha opinião.

MARIA HELENA MATEUS —

Quería terminar as minhas perguntas sobre linguística, fazendo-lhe uma pergunta que não é sobre um assunto especializado. As cadeiras de Linguística Geral multiplicaram-se nos últimos anos por todas as universidades europeias. Gostava de saber se, por exemplo, em Aix-en-Provence, onde ensina, há um grande interesse da parte dos estudantes pela linguística geral e, por outro lado, gostava de saber qual é para si a orientação preferencial no ponto de vista didáctico: começar por uma visão histórica da língua, dar um curso sobre Chomsky ou fixar-se num dos níveis da linguagem a fim de apreender o funcionamento da língua. Gostava ainda de saber se utiliza os métodos distribucionais, ou os transformacionais.

GEORGES MOUNIN —

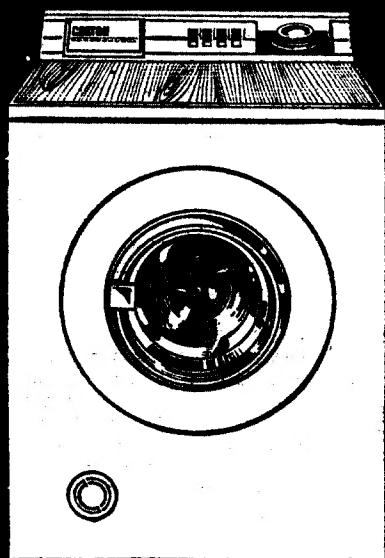
Bem vê, cada professor ensina à sua maneira. Apesar de eu ensinar a mesma linguística que ensina Martinet, ensino-a de forma diferente e, aliás, pior do que ele, naturalmente. A minha impressão é de que aquilo que é mais importante ensinar, hoje em dia, é o conhecimento rigoroso dos princípios e das técnicas de análise. É claro que a história da linguística é útil, e integro-a sempre, parcialmente, no meu ensino para que os estudantes saibam de onde lhes vêm as ideias incorrectas ou certas que têm da linguística antes de entrarem no nosso Anfiteatro. O que me parece essencial nesta cadeira anual de Linguística Geral é ensinar perfeitamente a análise fonológica porque é o que me parece mais formoso no ponto de vista teórico e no ponto de vista prático. Gostáramos que os nossos estudantes depois de terem estudado linguística durante um ano saibam em que é que consiste a análise fonológica, e naturalmente a análise sintáctica também, mais fundamentalmente a fonologia que constitui por assim dizer um teste. Um estudante que não é capaz de assimilar os princípios da análise fonológica e as técnicas de análise fonológica, não é feito para investigar em linguística. Presentemente tenho muitos estudantes, uns 150 ou 180, e um pouco de mais para uma ciência como esta, mas normalmente eles eliminam-se por si próprios, quer dizer, os que não compreenderam os princípios da análise fonológica e as técnicas correspondentes não se apresentam a exame.

Praticamente não reprovo estudantes no exame porque os que eram capazes de reprovar não aparecem. Isto acontece especialmente com os que estudam literaturas. Não é maldoso o que digo, mas é a verdade. Para eles a linguística é um *vo cabulário*; chegam lá pensam que aquilo é parecido com filosofia, que vão compreender facilmente tudo, e ao fim de três semanas vêm que se parece mais com álgebra, mas como a linguística está na

Cont. na pág. 10

CASTOR

DESDE HÁ MUITO A MELHOR MAQUINA DE LAVAR ROUPA



3 modelos desde 7.600.00 incluindo o modelo SUPERDRY a máquina que lava, centrifuga e seca totalmente a roupa

opel



DETERGENTE RECOMENDADO

A venda no Agente:

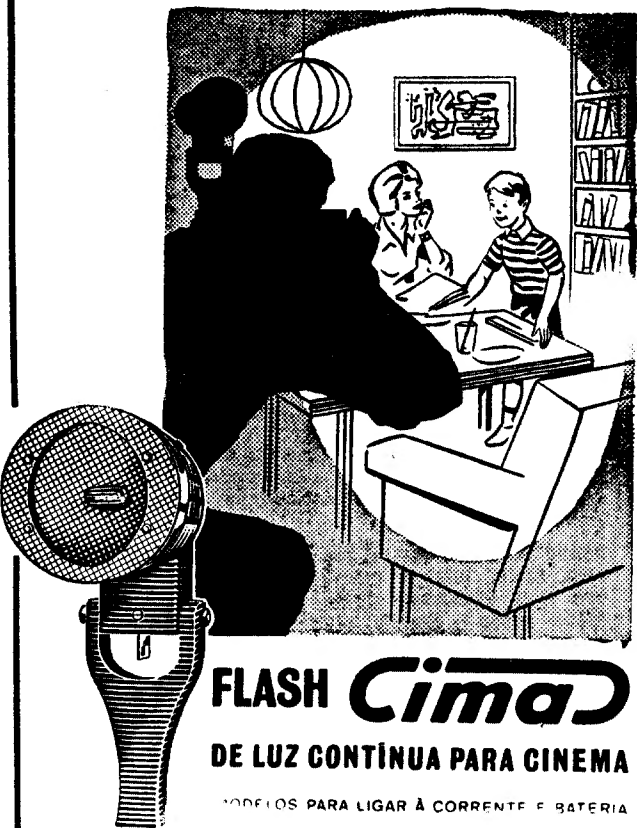
TRAVIATA

HEMICICLO ENG.º FREDERICO ULRICH, LOTE 9

CALDAS DA RAINHA

Problemas actuais da linguística

Faça OS SEUS FILMES DE CINEMA EM SUA CASA



A VENDA NAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRAFICOS
IMPORTADORES: **PROFOTO, LDA.**
Rua de Santa Justa, 25 LISBOA

REPUBLIQUE DEMOCRATIQUE DU CONGO

TRIBUNAL DE PREMIERE INSTANCE DU KIVU A BUKAVU

ORDONNANCE DE PUBLICATION N.º 78/D. C. 2622

L'an mil neuf cent soixante-neuf, le vingt-troisième jour du mois de septembre;

Nous, PANZU Sylvère, Président du Tribunal de Première Instance du Kivu à Bukavu, assisté de Monsieur MISSUMBA Alphonse, Greffier-Adjoint de cette juridiction. Vu la requête nous présentée en date du 22 septembre 1969 par Maîtres: Albert BRYNS, Albert L. F. LIEBAERT, Jacques HERMAN ET Pascal NDUUDI-NDUDI avocats à la Cour d'Appel de Kinshasa et Maître Albert JOTTRAND, avocat à Bukavu, agissant en leur qualité de Conseils de:

- Monsieur FERRAZ Alberto, Henriques, Videira;
- Dame GOUVEIA Maria, veuve FERRAZ Antonio;
- Monsieur FERRAZ José Alberto GOUVEIA;
- Monsieur FERRAZ Luis, Mamuel GOUVEIA;
- Monsieur FERRAZ Henriques, Fernando GOUVEIA
- et Mademoiselle Anna Paula GOUVEIA;

Vu les motifs invoqués;
Vu le Décret du 6/2/1920 formant le Titre III du Livre II du Code Civil Congolais spécialement en son article 50;
Avant faire droit au fond:

ORDONNONS que la requête et la présente ordonnance soient publiées dans les journaux:

- «LES VOLCANS» édité à Bukavu, République Démocratique du Congo
- «COURRIER D'AFRIQUE» édité à Kinshasa, République Démocratique du Congo
- «Un journal quotidien de Lisbonne»,

pour être statué ensuite avant l'expiration du délai de 4 mois après la date de la dernière des dites publications, tant sur le mérite de la dite requête que celui des oppositions éventuelles qui auront été reçues au Greffe du Tribunal de Première Instance;

Ainsi fait et ordonné à Bukavu, en notre Cabinet au Palais de Justice, aux jour, mois et an que dessus.

LE GREFFIER ADJOINT,
A. MISSUMBA

LE PRESIDENT,
S. PANZU

Cont. da pág. 9

moda ficam uns três meses, seis meses, os mais encarniçados ficam nove meses; depois dizem para contigo que aquilo é álgebra que é demasiado difícil e acabam por não aparecer no exame. Parece-me que a função do exame em linguística é seleccionar espíritos que se queiram tornar rigorosos na manipulação dos conceitos linguísticos. Gostámos que mesmo os que estudam literaturas ficassem, mas na maioria desaparecem porque descobrem que ali não há lugar para dissertações, e que lhes são exigidas análises bastante precisas.

Agora, como o que eu ensino é a linguística de Martinet, e pretendo que os estudantes saibam que não é a única, consagro um curso de um semestre à história da linguística. Por exemplo, um ano dou Saussure, no ano passado dei Chomsky, noutro ano dei Hjelmslev, no ano seguinte dou Meillet, por exemplo, para que se apercebam de que há outras teorias, mas isso é necessário. Quanto às técnicas, não uso especialmente as de distribuição, mas como sabe a linguística distribucional de Harris ou a de Bloomfield têm um ponto em comum com a linguística de Trubetzkoy, é que aquilo a que eles chamam *distribuição* corresponde exactamente aos métodos de comutação da linguística europeia — fazer uma descrição distribucional consiste em mostrar quais são as unidades que comutam num dado enunciado para se estabelecer o paradigma de funcionamento dessa unidade. Quero dizer com isto que para mim o critério distribucional é um dos critérios de que me utilizo para a descrição sintáctica, sobretudo. Em sintaxe pode ver qual é a importância desse método; em fonologia também, para descrever os alófonos, por exemplo. Não utilizo um método exclusivamente.

MARIA HELENA MATEUS — Quando se escreve um livro sobre a *comunicação poética* é porque se considera que ela constitui um tipo de comunicação especial. Qual é para si a diferença entre a comunicação poética e a comunicação em prosa?

G E O R G E S MOUNIN — Olhe, esse livro tem esse título mas não há nele vez resposta para o problema que me põe. Como sabe tornei-me linguista a partir da leitura de poetas, a partir de perguntas linguísticas que formulei sobre o efeito que os poemas tinham em mim. Isso foi por volta dos meus 22 ou 23 anos em 1933. Foi dessa forma que me tornei linguista, para compreender o que se passava quando lia os poetas.

Nestes últimos 35 anos avancei um pouco mais, mas não muito mais. O que lhe posso dizer é que penso, presentemente, que a

Linguagem tem várias funções, como aliás todos os linguistas; que a função que utilizamos neste momento é a função de comunicação, a função normal de comunicação linguística, mas podemos utilizar outras das suas funções, a função poética segundo a terminologia de Jakobson, função estética segundo outros, função estilística para Riffaterre, e que não consiste em escolher as palavras que se vai usar para dizer: — vou jantar às 7,30h; mas que consiste, para o poeta, em achar o meio de transmitir outras coisas sobre si mesmo, e as coisas que, como Granger indicou, ninguém é capaz de dizer. Esse é o fundamento do meu pensamento. Os poetas, os artistas são pessoas que conseguem por vezes dizer coisas que a linguagem não é capaz de dizer, pois como linguista que é sabe bem que só somos capazes de dizer aquilo que é comum, e essa parte de experiência que é estritamente pessoal, estritamente individual — por exemplo, a minha forma de sofrer: a língua francesa não me importa muitas palavras para dizer como outro, ou como espero, ou como desejo, etc. Ora os artistas são justamente quem consegue por vezes fazer passar *isso* através das estruturas da língua, e é isso justamente que procura explicar como é que funciona essa comunicação poética. Genéricamente penso que, Granger ajudou-me consideravelmente a ver isso, os artistas conseguem violentar a língua ao mesmo tempo que respeitam as suas regras. É errado pensar que os artistas violam as regras da língua — se violassem, as regras da língua deixavam de poder ser compreendidos, seriam herméticos, esotéricos e deixavam de ter qualquer actuação. O que eles conseguem é fazer dizer à língua, no interior das suas próprias estruturas, coisas que nunca tinham sido ditas. E de que forma é que conseguem isso? Utilizando todos os tipos de meios. Por vezes pela escolha das palavras; outras vezes pela escolha dos sons; outras vezes ainda por escolha dos ritmos; outras vezes pela escolha das imagens, etc... tudo o que afina a estilística estuda. Mas conseguem através de um uso inesperado de estruturas, que são todavia as estruturas da língua, fazer-nos entrever a nossa própria experiência individual e a reconhecê-la. Para mim a comunicação poética é fundamentalmente isso, e Granger ajudou-me bastante a formular essa ideia, e também Martinet com a sua teoria das conotações. Martinet explicou, de facto, que tudo o que nos acontece é por um lado estritamente individual e que não somos capazes de o comunicar aos outros — parece-me isso profundamente certo. As pessoas a quem chamamos artistas, os poetas, os criadores, primeiro captam de forma muito viva estas colorações individuais das suas relações com o mundo e conseguem fazê-las introduzir-se na língua e são as suas conotações pessoais, mas se conseguirmos reconhecer a nossa própria experiência, então trata-se de uma obra de arte, mas isto é talvez um pouco plegas. Vou utilizar o exemplo que Martinet dá para explicar o facto de nunca ter conseguido sentir o poema

de Baudelaire que se chama «Invitation ou Voyage» — ele publicou isto no volume de homenagem a Roman Jakobson de 1966 — e o facto de os primeiros versos lhe anrepiarem a pele. Nestes versos Baudelaire dirige-se à amada dizendo «Meu bebé, minha irmã pensa na doçura...». E explica-nos que só muito tarde, reflectindo como linguista, descobriu que era a palavra irmã que para ele não tinha qualquer conotação afectiva, — primeiro porque tinha tido uma irmã autoritária e não tinha tendência para o incesto; segundo porque nunca lhe teria vindo à cabeça a ideia de chamar à mulher que amava sua irmã, e que sem se aperceber disso essa tonalidade incestuosa o tinha impedido de gostar desse verso durante 40 anos. Mas é perfeitamente compreensível que outras pessoas possam vibrar com esse poema

Em relação a um poeta há três coisas que podem acontecer: ou as suas conotações pessoais recuperam as nossas conotações e então adoptamo-lo, ou então, pelo contrário, as suas conotações ferem-nos e rejeitamo-lo, ou então essas conotações são-nos indiferentes, mas como o poeta tem prestígio esforçamo-nos por penetrar no seu vivido e acaba por nos esclarecer sobre nós mesmos. Esta teoria dos véus parece-me muito importante para compreender o que se passa quando lemos um poeta.

JOSÉ FERNANDES FAFE (que chegou atrasado a este encontro) — Escreveu nas suas «Cleps» que a cultura é as conotações compartilhadas. Poderá interpretar-se a transformação cultural como transformação dessas conotações compartilhadas?

G E O R G E S MOUNIN — Martinet diz que a cultura de uma época consiste nas conotações compartilhadas, e parece-me ser essa uma boa fórmula.

Disse-o eu próprio há momentos que o que constitui o poder de contágio de um escritor é o facto de nos reconhecermos através da sua experiência, de reconhecermos a nossa na sua. Mas não é necessariamente a nossa experiência real. Nunca estive no Espaço, mas suponho que um cosmonauta escrevia um poema — ora bem eu reconhecia-me igualmente porque também há experiências imaginárias, há experiências literárias, há conotações que nos vêm da literatura, outras do cinema, do teatro. Mas não há comunicação estética se não houver uma identificação, não parcial, mas muito forte, entre o que recebe a mensagem estética e o que o emite. É neste sentido que Martinet diz que a cultura de uma época são conotações compartilhadas, e os artistas são os que as transmitem por todos, e muitas vezes, mesmo, não sabemos o que é que compartilhamos, mas algo compartilhamos.

JOSÉ FERNANDES FAFE — Poder-se-ia relacionar a definição de cultura de Martinet com a ideologia?

G E O R G E S MOUNIN — Não é um domínio em que eu me possa aventurar, mas é evidente que a ideologia, na medida em que é sempre uma mitologia, está «sagrada» de conotações, conotações essas que



são poderosamente partilhadas pelos aderentes. É uma zona em que se põe o problema dos limites entre o domínio estético e o domínio ideológico. Parece-me que essa separação de domínio se fará com o tempo. Penso que com o tempo Eu penso que com o tempo a ideologia morre e a estética permanece. Se algo subsiste é porque possuía uma carga estética, se não subsistir nada é porque se tratava de uma obra ideológica, de uma tese. Mas estas questões estão já fora do meu domínio...

JOSÉ ANTÓNIO MEIRELES — Há uma última pergunta que gostava de lhe fazer.

G E O R G E S MOUNIN — É a última?...

JOSÉ ANTÓNIO MEIRELES — Decerto. Uma última pergunta que viria complementar a primeira. O que pensa do grupo do *Tel Quel*?

G E O R G E S MOUNIN — Coisas muito feias! O que censuro neles não é o facto de pensarem o que pensam, mas de fazerem literatura com base no conceito que têm de linguística, e porque utilizam mal os poucos conhecimentos linguísticos que têm — e têm poucos — e igualmente utilizam mal os poucos conhecimentos que têm do materialismo dialecto —, e também não têm mitos. Na minha opinião ou são retóricos, que brincam com as palavras, mas não jogam verdadeiramente com os conceitos, ou então são narcisistas que se observam perpetuamente a ter desejo de escrever. Penso que o movimento *Tel Quel* é um impasse, mas é sumário o que estou a dizer. Renunciei a estudá-los porque não se pode fazer tudo, e seria necessário fazer uma análise crítica extremamente rigorosa do seu raciocínio para mostrar por que razão eles estão enganados. Estou crente que estão enganados, mas enquanto não puder prová-lo é uma opinião que não dou... acho que caminham para a falência, aliás o movimento deles está já a travar. São pessoas que muito em breve não passarão de pastiches. Se estiver enganado, reconheço-lo-ei, mas parece-me que eles encarnam um avatar muito frequente na cultura francesa, — é o avatar retórico ou formalista que sucede quando se verifica um esgotamento de criação. Em França, actualmente — não é que esteja apoe-

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os combolos eléctricos.

e da Universidade em França e no Mundo

tado em exportar más opiniões sobre o meu país —, tenho a impressão de que não vivemos um período de grande produtividade, de grande riqueza. E nos períodos em que por uma razão que não sou capaz de explicar a criação está por baixo, então são os fabricantes, os retóricos que vêm à superfície —, e as pessoas do Tel Quel parecem-me retóricas ao quadrado, quer dizer são retóricas que escrevem sobre a retórica, tentando provar que a arte é olharem-se as pessoas no acto de escrever, isso parece-me inteiramente errado: a isso chamo eu narcisismo! Agora, aqueles que de entre eles tiverem talento acabarão por sair, mas é preciso que se despachem. Não sei se o choco muito ao dizer isto... Penso, por exemplo, que um homem como Sollers tem talento, mas acho que outros não o terão. Talvez ainda viva quando se verificar a limpeza. São pre-

ciosos literários de um tipo especial... Parece-me a sua severidade exagerada... Se Kristeva é linguisticamente uma leviana, por exemplo, tem reflexões que não deixam de ser importantes. Há no seu conjunto uma reflexão sobre o conceito de texto que me parece pertinente.

GEORGES MOUNIN — Verifico que é suficientemente linguista para se dar conta de que Kristeva é puro palantrário; o que ela escreve do ponto de vista matemático é vergonhoso. Não há o direito de se fazer isso; ela está a rir-se de nós, ou então, se acredita no que escreve, está louca... mas deixemos a Kristeva de parte. Quanto ao problema do texto a minha posição é prudente. Acho que se hipnotizam sobre o texto... a importância que dão à palavra escrita por exemplo. Tudo isso vem a partir de Derrida e de Sollers, quer dizer de Barthes por detrás.

Começaram a chamar escrita aquilo a que antigamente se chamava simplesmente estilo. Isso levanta a objectão de que a forma material da escrita e a elaboração de uma teoria da literatura a partir destas considerações sobre a escrita. Antes de vir a Portugal, releu Derrida. É absolutamente delirante! E aconselho-lhe um livrinho de Roger Crémont, «Les Matinées Structuralistes» que é um panfleto de gozo de uma pessoa morrer a rir...

Mas creio que não nos devemos deixar hipnotizar por essas considerações sobre o texto. A certa altura é puro hipnotismo. Não foi a disposição da estrutura material das palavras em livro de Tolstói que o terá feito atravessar um século. Para pegar num exemplo completamente oposto, os poemas de Mallarmé são grandes não porque tenham sido escritos com uma certa disposição tipográfica. É porque houve um vécu que ele conseguiu fazer atravessar a página. Ora o olhar do leitor também atravessa a escrita.

JOSÉ FERNANDES FAFE — Há alguma relação entre os seus trabalhos linguísticos e os livros que escreveu sobre Maquiavel e Savonarola?

GEORGES MOUNIN — Muito indirecta... são relações biográficas. Comecei a minha carreira como professor de francês. Fui para o Egito ensinar francês e lá os professores sabem fazer quase tudo. A mim fizeram-me ensinar o inglês que sabia, mas sobretudo estudei italiano, que me agradava bastante mais, e quando regressiei a França em vez de fazer exame para professor de inglês fiz exame para professor de italiano. Como professor de italiano tive de dar Dante, Petrarca, Maquiavel. Interessei-me portanto por Maquiavel por ser professor de italiano, e também porque na vida política dos anos 45 Maquiavel era um argumento ideológico quotidiano...

JOSÉ FERNANDES FAFE — O problema dos fins e dos meios...

GEORGES MOUNIN — Isso. Eu era italianista e estava também alistado na extrema-esquerda. As pessoas atacavam-me continuamente por eu admitir que o fim justificava todos os meios, e então disse para comigo: vou estudar o que diz Ma-

quiavel. Foi então que passei uns dez anos a estudar a história de Florença e de Itália nos séc. XV e XVI. Li tudo o que encontrei sobre Maquiavel e escrevi esse ensaio sobre ele. Mas ao fazer esse estudo sobre Maquiavel vim cair sobre Savonarola, cujo retrato, aliás, tinha ido há muito num romance de Merykowski. E Savonarola interessou-me também nessa altura e ajudou-me a melhor compreender certos problemas. Por isso escrevi um Savonarola. Foi uma altura em que eu estava em desacordo com a maioria dos membros do meu partido, estava em desacordo com Gramsci... Penso que Maquiavel formulou a teoria da fraqueza política e Savonarola surgiu-me como o homem que governa um país pela palavra, unicamente pelo prestígio da palavra, e no dia em que os problemas que ele tiver de resolver não puderem resolver-se pela palavra, então será devorado pelo seu próprio povo. É o desastre do homem que pensa poder governar um povo apenas por discursos.

Trata-se portanto de dois ensaios que nada têm a ver com a linguística.

JOSÉ FERNANDES FAFE — E a busca do absoluto em Savonarola...

GEORGES MOUNIN — Eu diria antes que se trata de uma procura mística, mas é talvez a mesma coisa. O que me interessou em Savonarola é que justamente ele utilizou a sua mística ao serviço da sua política.

JOSÉ FERNANDES FAFE — Deu-lhe de ter estudado a obra de Maquiavel, achou que ela defende o maquiavelismo?

GEORGES MOUNIN — Efectivamente. Desenvolve na realidade a teoria de que os fins justificam todos os meios, mas trata-se de um homem complexo. O que ele disse de dramático do seu tempo, e se o disse é porque de facto não tinha outra perspectiva à sua disposição. O que me parece mais importante não é tanto saber se ele era maquiavélico ou não, ou se o empregava... As pessoas são levadas, ao ler a sua obra, a confundir continuamente dois problemas muito diferentes. O problema fundamental que ele põe é o da crueldade. Quando Maquiavel defende todos os meios para atingir determinado fim é sempre a violência que ele tem em mente, e os exemplos que dá são exemplos de crueldade. Na realidade as suas palavras são que «a crueldade é permitida quando não se dispõe de outro meio». Ora é um problema completamente diferente do que o que se põe no nosso século XX.

Por exemplo quando Maquiavel diz que Cesar Borgia é um imbecil por não se ter apoderado do Papa quando o teve à sua mercê na vila de Urbino, e assim se ter apoderado de Itália ou quando celebra o tirano de Siracusa, Agatocles, e justifica que ele tenha morto toda a dinastia reinante, é uma justificação de crueldade. Ao passo que, por exemplo, quando Robespierre faz condenar à morte Luís XVI, não se trata de crueldade, mas de violência. Confunde-se quase sempre o problema da crueldade com o problema

da violência. É o que faz por exemplo Merleau-Ponty.

JOSÉ FERNANDES FAFE — Poder-se-ia dizer que a crueldade é o gosto da violência?

GEORGES MOUNIN — É igualmente o meio daqueles que não sabem qual é a violência que tem um sentido histórico. E qual é a que o não tem. É possível que no séc. XVI a crueldade fosse um meio político. No séc. XX deixa de ter qualquer significação, mas isso é uma outra questão que não tem nada a ver com a linguística...

BIBLIOGRAFIA DE GEORGES MOUNIN

Avez-vous lu Char? N. R. F., 1946, coll. «Les Essais», XXII.

Les belles infidèles, Essai sur la traduction, Cahiers du Sud, 1955.

Machiavel, Club Français du Livre, 1958.

Savonarole, Club Français du Livre, 1960.

Les problèmes théoriques de la traduction, N. R. F., 1963.

La machine à traduire, La Hayne, Mouton, 1964.

Machiavel, Presses Universitaires de France, 1964.

Lyrisme de Dante, Presses Universitaires de France, 1965.

Teoria e storia della traduzione, Furin, Einaudi, 1965. Traduction allemande, Munich, Nymphenburger, 1968.

Histoire de la linguistique..., Presses Universitaires de France, 1967. Traduction espagnole, Madrid, Editorial Gredos, 1968.

Saussure, Seghers, coll. «Philosophes de tous les Temps» 1968.

PARA LARES FELIZES



A HOOVER APRESENTA UMA EXCEPCIONAL GAMA DE MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA AUTOMÁTICAS, CONCEBIDAS PARA RESOLVER TODOS OS SEUS PROBLEMAS DE LAVAGEM DE ROUPA. TODOS! DESDE A MAIS DELICADA ROUPA INTERIOR AO MAIS PESADO COBERTOR. A MÁQUINA HOOVER LAVA TUDO... SEM PERIGO... SUAVE... EFICIENTE E AUTOMATICAMENTE. MAIS TEMPO PARA DEDICAR À SUA CASA E SUA FAMÍLIA. CONSULTE UM REVENDEDOR OFICIAL HOOVER QUE A AJUDARÁ A FAZER A SUA ESCOLHA FINAL.

4 MODELOS DIFERENTES



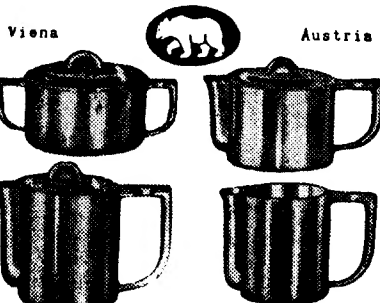
A HOOVER RECOMENDA

MÁQUINAS DE LAVAR AUTOMÁTICAS

LEOPOLD SHIROI, LDA.

LISBOA • PORTO • COIMBRA • FARO

VEREINIGTE METALLWERKE RANSHOFEN-BERNDORF



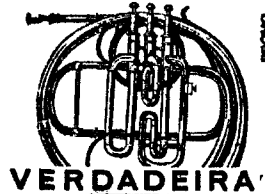
Baixelas para restaurantes e hotéis

Alpaca fortemente proteada, asas isoladoras, acabamento impecável só «BERNDORF»

UMA MARCA CENTENARIA

SENHORES INDUSTRIAIS: PARA VOSSO INTERESSE, CONSULTEM OS AGENTES GERAIS:

LARBELO Rua da Prata, 195 T. 324042 — Lisboa



alta fidelidade
para os verdadeiros apreciadores

Celestion

Altifalantes de alta fidelidade

Ferrograph

Gravadores de alta fidelidade e profissionais

Garrard

Gira-discos de alta fidelidade

MICRO

Braços de alta fidelidade para gira-discos

PIONEER

Gravadores - Tuners e Amplificadores "Stereo", Altifalantes e Colunas de alta fidelidade

Selmer

Amplificadores e Altifalantes para Guitarras e Violas baixo e para conjuntos musicais

SHURE

Células para braços de gira-discos

IRUALDO

TUDO PARA ELECTRÓNICA, ACESSÓRIOS RÁDIO E TV

R. 8, José, 9-11-13-15 LISBOA 2

Telefone PPC 33725

FILIAL NO PORTO:

R. de St.ª Catarina, 656-692

Telefs. 25436/7 — PORTO

De Kartum a Rabat — endurecimento do mundo árabe



Aspecto da conferência árabe de alto nível. À esquerda vê-se o coronel Nasser

(Cont. da pág. 1)

militarizadas, que permitissem aumentar a segurança do Estado de Israel. Um diplomata sueco, Gunnar Yarring, ficava encarregado de facilitar a aplicação da resolução.

Com excepção da Síria, todos os outros vizinhos de Israel — R. A. U., Líbano e Jordânia — aceitaram, não sem reticências, a princípio, os termos de um compromisso que consideravam largamente favorável ao adversário. Apesar das reservas expressas em Kartum, entabularam-se episódicas negociações directas e secretas, em especial entre o ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Abba Eban, e o rei Hussein. O soberano jordano — que afirmava ter a caução do presidente Nasser — teria garantido ao seu interlocutor que um tratado de paz e um reconhecimento de jure do Estado judeu se tornariam a seu tempo possíveis, se Israel estivesse disposto a restituir os territórios conquistados, incluindo o ex-sector árabe de Jerusalém. Noutros termos, o rei Hussein entendia que o litígio sobre a forma se esfumaria perante um acordo sobre o fundo. Esta concepção não era muito diferente da do general Dayan, que, em Janeiro passado, declarava, em substância, que a anexação de certos territórios era mais importante para Israel que a conclusão de uma paz formal. Como as negociações secretas sobre este último ponto tinham falhado, a polémica pública continuou, desta vez tendo por tema a maneira de se chegar à paz.

Contudo, este conflito de processo assumiu o valor de um símbolo aos olhos da opinião pública nos dois campos. Para os israelitas, a recusa dos árabes em encetarem negociações directas trai a sua vontade inconfessada de «destruírem» o seu Estado. Para os árabes, a insistência dos «sionistas» em os levar, «incondicionalmente», à mesa de negociação, visa impedir a aplicação da resolução de 22 de Novembro e a evacuação dos territórios ocupados, ou a impôr-lhes um «diktat».

Consequência do impasse político: a situação vai-se deteriorando cada vez mais. Incidentes e escaramuças, seguidos de «raldis de represálias» e de «respostas apropriadas» es-

caldam a região. Se o statu quo territorial parece convir a Israel — que conserva assim «rumfos» para um eventual regulamento — a R. A. U. esforça-se por impedir que «as linhas do cessar-fogo se transformem em fronteiras permanentes». A ocupação israelita engendra uma resistência palestina, a princípio balbuciente e ineficaz, que não deixa de se desenvolver no fogo do combate contra forças repressivas cada vez mais energéticas. As organizações de comandos estendem a sua influência aos territórios ocupados e o seu prestígio ao mundo árabe. Cá, como lá, a dolorosa estupefacção da derrota transforma-se em desejo de vingança e de libertação.

O clima belicoso e o sangue derramado levam, muito naturalmente, os dirigentes dos dois campos a endurecerem posições. Em Israel, a lista dos «territórios indispensáveis à segurança do Estado» vai-se alongando. Os Estados árabes curvam-se, uns após outros, às exigências dos fedayin ou alinham, a bem ou a mal, com as suas reivindicações políticas. Em Abril de 1968, o presidente Nasser declara, pela primeira vez, desde a guerra dos seis dias, que «o movimento palestino de resistência é legítimo e resistivo». Daí a nove meses, em Janeiro passado, reconhece a este movimento «o direito de rejeitar a resolução de 22 de Novembro». Reserva-se, por seu lado, o direito de procurar uma solução pacífica, mas confia, na mesma época, a uma alta personalidade francesa, de passagem pelo Cairo, que não poderá defender esta posição moderada durante mais de três ou quatro meses, a menos que se verifique uma reviravolta na política israelita e, sobretudo, na americana.

UMA DEMORADA GUERRA DE DESGASTE

Perante a esterilidade do «concerto» das quatro grandes potências, ao qual dá a sua plena adesão, anuncia, em 23 de Julho passado, que «será necessária uma demorada guerra de desgaste para libertar os territórios ocupados». Em Outubro, deixa-se tentar — mas só

durante quarenta e oito horas — pela ideia de uma negociação com Israel, «segundo a fórmula de Rodess», o que logo se interpreta em Jerusalém como um prelúdio de uma negociação directa. A 6 de Novembro, finalmente, pronuncia o discurso mais violento, desde a guerra dos seis dias. Declara que não existe para os árabes outro recurso que não seja o da força. A fórmula desarma os países hostis

à convocação de uma nova conferência de alto nível, em especial a Arábia Saudita, que tinha posto como condição prévia a uma tal reunião o repúdio da resolução de 22 de Novembro.

Apesar dos esclarecimentos publicados anteriormente no Cairo, desmentindo as «interpretações abusivas» do discurso do chefe do Estado egípcio, o rei Faical concordou em dirigir-se a

Rabat. Sem dúvida entendeu que a relação de forças no mundo árabe, após a instauração de regimes «progressistas» no Yemen do Sul, Sudão e Líbia, já não lhe possibilitava que se opusesse com êxito à projectada conferência.

O chefe do Estado egípcio, como o rei Hussein e o presidente Hélon, do Líbano, parece, por seu lado, decidido a não se afastar definitivamente do caminho traçado pela resolução de 22 de Novembro. Se é favorável a uma «maior mobilização do potencial árabe» para enfrentar Israel, o seu interesse evidente é o de se reservar uma solução, no caso de as pressões militares e políticas virem a levar localmente a novos desgastes das posições do Estado judeu e, sobretudo, na cena internacional. A intensificação das actividades dos comandos, os relativos êxitos averbados pelas forças armadas egípcias, o endurecimento da política de Israel, que lhe aliena simpatias junto da opinião pública mundial e finalmente a evolução favorável aos árabes, que se verificou em Bonn, Londres e Washington — por mais diminuta que seja a sua importância — dão motivos de esperança ao Raís e aos seus aliados. Em todo o caso, a oposição da U. R. S. S. a toda a política «aventureira» que leve a

nova conflagração geral, impede que os beneficiários das armas soviéticas se afastem em demasia da linha estabelecida desde o fim da guerra dos seis dias.

Nem por isso os partidários da resolução de 22 de Novembro terão o melhor quinhão na prova de força que se desenrolou em Rabat. Tiveram de enfrentar, ao mesmo tempo, os palestinos, arrastados do seu prestígio de intrépidos combatentes, os países conservadores, que retiram a sua força da riqueza em petróleo e certos Estados progressistas que — por convicção de zelo de prestígio — jogam exclusivamente a cartada da «guerra popular de libertação nacional».

A conferência de alto nível de Rabat não foi nem o «conselho de guerra» desejado por uns, nem o «conclave da paz» a que outros secretamente aspiram. Tendo em conta o clima no Próximo-Oriente e o persistente impasse diplomático, esta conferência marca um endurecimento da atitude dos chefes dos Estados árabes em relação à que adoptaram na conferência de Kartum (Agosto-Setembro de 1967).

JOÃO ROULEAU

(Exclusivo «Le Monde» — «Diário de Lisboa»)

Peru — experiência a renovar

(Cont. da pág. 1)

cuchou, foi um golpe completamente montado por elementos «ao serviço de obscuros interesses reaccionários». Para os militantes pró-castristas do M. I. R. (Movimento da Esquerda Revolucionária) isso é falso: estes interesses obscuros são, na realidade, bastante claros: são aqueles que defendem a Sociedade Nacional Agrária, sindicato dos proprietários rurais que, tal como as companhias americanas, apenas pode contar com um contragolpe de Estado. A esperança dos grupos reaccionários consiste em ver repetir-se no Peru a operação conduzida na Guatemala, em 1954, contra o regime do coronel Arbenz, que tinha também decretado uma reforma agrária e nacionalizado as plantações de bananas da United Fruit Co. Foram sem dúvida os contactos estabelecidos entre os representantes da oligarquia, do presidente derrubado, Belaunde Terry, da A. P. R. A. (Aliança Popular Revolucionária Americana), da Haya de la Torre e da C. I. A., que explicam a chamada a Washington do embaixador Jones. O pretexto deste eventual golpe de força foi também formulado: tratava-se de conseguir «o recurso à democracia representativa».

Do lado militar parece que a Aviação e a Marinha não partilha de maneira uniforme os pontos de vista do Exército de terra, que detém o Poder. As possibilidades de um golpe de Estado são contudo bastante mais diminutas que na Guatemala, país mais pequeno, mais próximo dos Estados Unidos, isolado politicamente, e onde o coronel Arbenz estava praticamente só. A junta peruana pode contar com o apoio da burguesia nacionalista, da classe média e dos camponeses beneficiários da reforma; ela é, por outro lado, apoiada pelo Partido Democrata-Cristão, a Acção Popular e o Partido Comunista, além de ter recebido a bênção da Igreja. O cardeal Landa-

zuri, arcebispo de Lima, declarou, com efeito: «A reforma agrária é um instrumento precioso ao serviço da justiça... e vai no sentido de uma verdadeira libertação nacional». Foi exactamente o contrário daquilo que tinha afirmado, quinze anos antes, o arcebispo da Cidade de Guatemala, a propósito da mesma reforma.

Com vista a uma transformação socialista

Para os comunistas ortodoxos este «nasserismo» inscreve-se perfeitamente na sua perspectiva estratégica a longo prazo. É nacionalista e anti-imperialista; corresponde, por isso, à etapa intermédia e necessária entre o feudalismo e o socialismo: o reformismo progressista sob o impulso da burguesia e da classe média. É a doutrina comunista clássica na América Latina que fracassou quase por toda a parte devido à oposição dos Exércitos; no Peru ela vai revelar-se correcta devido exactamente à participação inesperada dos militares? A esquerda castrista, maoísta ou trotskista desconfia da hipótese. Não muda a sua estratégia de tomada do Poder pela revolução armada; apenas modifica o seu comportamento táctico no sentido de uma radicalização da luta anti-imperialista. Recorda, a propósito, que o general Alvarado declarou que a expropriação da International Petroleum Company era apenas uma medida excepcional e preconiza a ocupação pelos trabalhadores urbanos ou rurais de empresas americanas, bem como a criação de comissões de luta anti-imperialista.

Um modelo a seguir

Resumindo, a táctica da esquerda consiste em desenvolver um movimento de massa suficientemente forte para abrigar a burguesia a ir mais longe

do que era sua intenção a princípio, a tomar novas medidas democráticas e anti-imperialistas. Depara-se actualmente com a mesma táctica na Bolívia, onde os sindicatos, estudantes e forças de esquerda agem na rua para obter do general Ovando novos passos em frente.

Ao mesmo tempo a esquerda peruana denuncia a repressão governamental das manifestações operárias efectuadas em Canete, Chimbote e Lima com vista à melhoria de salários e das condições de trabalho. Ela demonstra o carácter antipovo da política da burguesia nacional.

Será a nova política peruana um modelo a seguir? A esta questão diversos partidos comunistas responderam já «sim». Em particular os da Argentina, do Chile, da Colômbia e do Brasil. Isso equivale a menosprezar um elemento fundamental: a hostilidade do exército do seu próprio partido relativamente às reformas peruanas. Na Argentina e no Brasil a mesma corrente reformista foi liquidada por golpes de Estado militares (contra Illia em 1966, contra Goulart em 1964), bem como em São Domingos (golpes de Estado militar contra o reformista Juan Bosch).

A via «peruana» não poderá ser seguida em outros países desde que as condições políticas não sejam propícias e desde que o aparecimento de uma corrente «nasserista» num outro exército permita renovar a experiência.

Qual será, neste caso, a atitude dos Estados Unidos? Farão tudo para impedir tais desenvolvimentos ou, pelo contrário, procurarão acomodá-los a eles e, pouco a pouco, encontrar al os elementos de uma barragem — pelo menos provisória — contra o crescimento das verdadeiras forças revolucionárias?

CARLOS RAFAEL MARQUEZ



MESA REDONDA